

REVISTA DA SEMANA

Nº 21

26-5-45



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



A nota mais elegante do domingo esportivo foi dada esta semana, como sempre acontece, pelo Jockey Club Brasileiro, com a realização de mais uma brilhante reunião no Hipódromo da Gávea. Nas tribunas do belo prado viam-se os elementos mais representativos do mundo oficial e da alta sociedade carioca. Na foto acima vemos o general Henry H. Arnold, comandante-chefe da Força Aérea dos Estados Unidos da América, num almoço a ele oferecido pelo Jockey Club Brasileiro.

JOCKEY CLUB MUNDANO





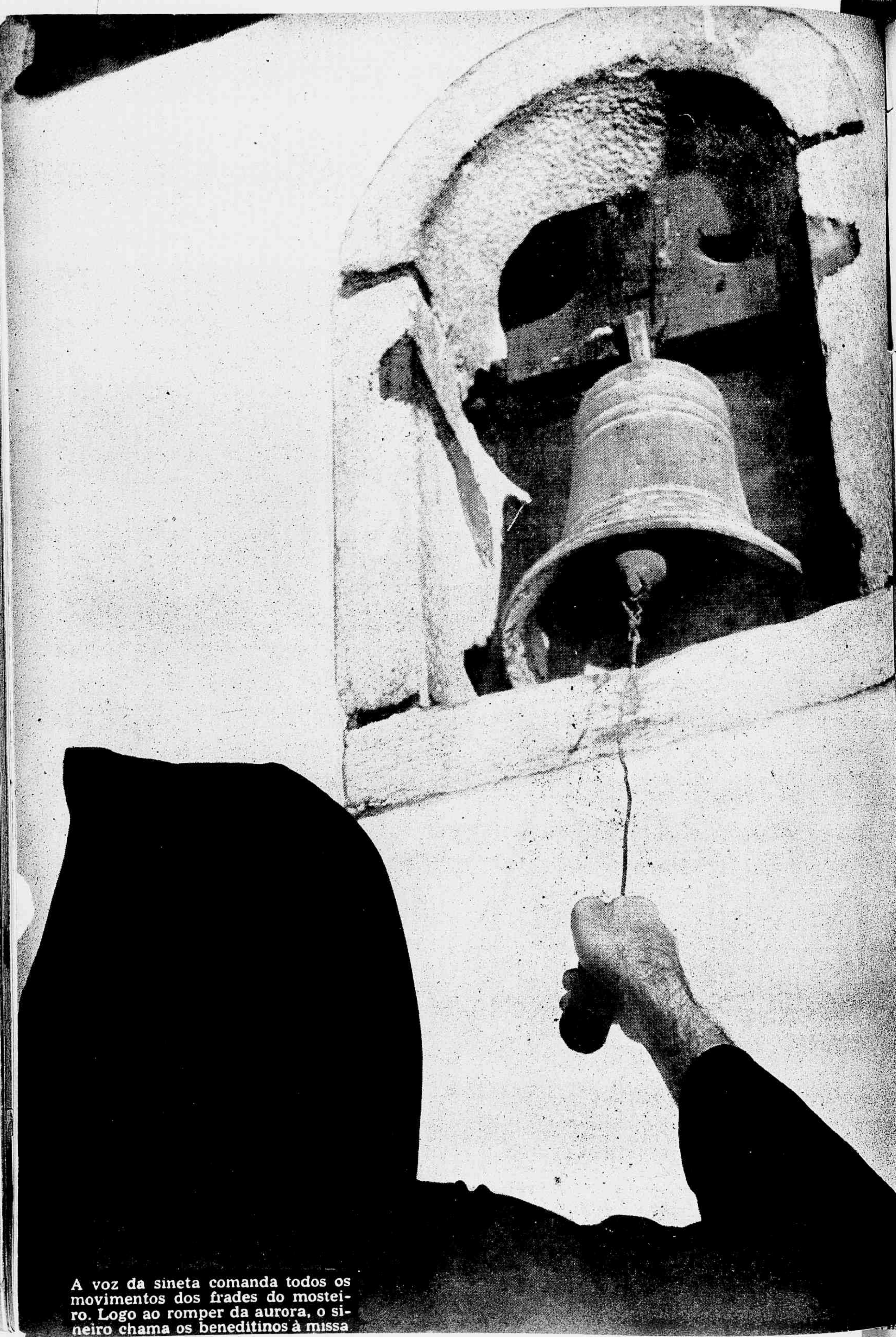
EM MARCHA

Eles cumpriram heroicamente o seu dever. Sem alarde nem artifícios. Sem exageros nem publicidades. Apenas correndo o risco da própria vida, e morrendo, muitos dêles, semeando em solo europeu o sangue novo e pujante da gente brasileira. Eles daqui partiram quando muitos consideravam em pura perda o seu sacrifício. E profetizavam tremendas derrotas militares... E os olhavam com indiferença ou ironia. Depois os "leaders" do comando aliado fizeram justiça à sua bravura. E seus nomes foram arrolados entre os que mais e melhor fizeram pela Vitória. Eles mereceram a nossa simpatia. E estão voltando, muitos inutilizados para a vida civil. Outros, prontos para continuar a luta em qualquer outro setor.

Hoje, ninguém sabe se vão descansar ou prosseguir. Eles estão por tudo, prontos a iniciar uma nova campanha, em regiões tropicais, com a mesma bravura e o mesmo desprendimento com que, meses passados, meteram ombros na campanha do inverno italiano.

Eles não devem ser esquecidos, senhores que agora procuram resolver o problema do Brasil.

Celestino Silveira



A voz da sineta comanda todos os movimentos dos frades do mosteiro. Logo ao romper da aurora, o sinoeiro chama os beneditinos à missa

ALG
TÓR

Escre

M U

e qu
gens
e pr
Os c
nha
a di
mar

traz
e, c
bar
edif
os s

bus
ren
mo
ta
pou
"un
voa
tim
cac

No

ALGUMAS HORAS NO RECOLHIMENTO DOS BENEDITINOS — A HISTÓRIA CONTADA PELOS EPITÁFIOS DO CLAUSTRO DO MOSTEIRO — A POUCOS PASSOS DA AVENIDA, UM MUNDO DIFERENTE DE MISTICISMO E SILÊNCIO

Escreveu CELIUS AULICUS

Fotografou ARNALDO VIEIRA

MUITO pouco é o que nos resta do Rio de Janeiro antigo, a cidade que os colonizadores edificaram no morro do Castelo e que foi aos poucos se espalhando pelas margens da baía maravilhosa, saltando montanhas e precipícios, contornando lagoas e valados. Os casarões de linhas severas foram se alinhando ao longo das vielas tortuosas, que dia a dia cresciam e se multiplicavam pela orla marinha.

As gentes que emigravam de Portugal traziam para a América o seu fervor religioso e, com o auxílio dos missionários que desembarcavam em levas dos veleiros arrojados, iam edificando na nova cidade de São Sebastião os seus templos e mosteiros.

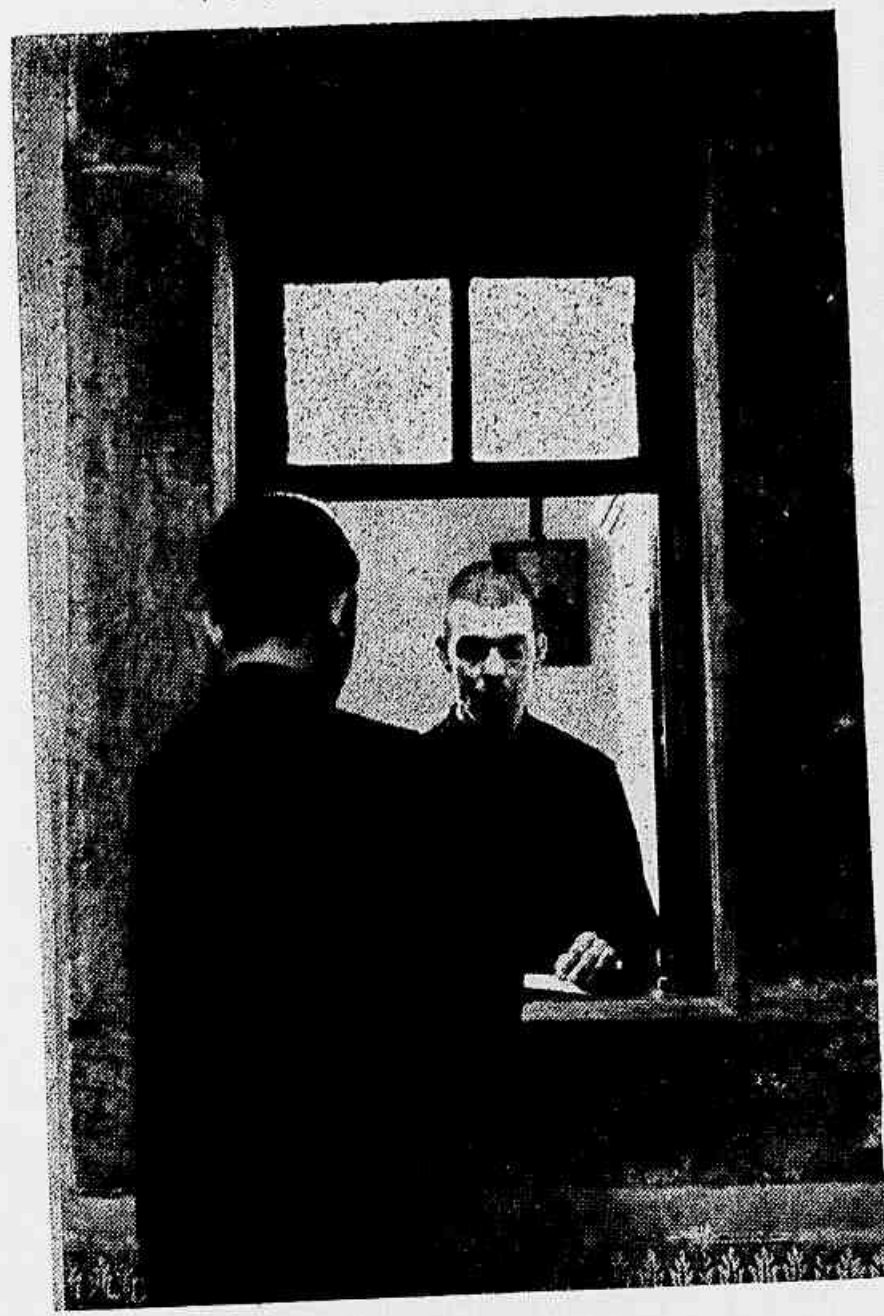
Depois a cidade cresceu rapidamente, buscando novos horizontes e paisagens diferentes. Serpeou até Rio Comprido, subiu as montanhas da Tijuca, ganhou o morro de Santa Teresa. A lagoa de Botafogo foi sendo aos poucos devorada pela ânsia de progresso da "urbs" que se agigantava. Nas ilhas despoçadas da baía de sonho, foram se erguendo timidamente uma ou outra choupana de pescador, que punha uma mancha branca sobre

o verde selvagem do panorama. E um dia os que chegavam da Europa em busca de novas terras viram, do castelo da proa, não mais um pequeno aglomerado de vielas em torno do convento do morro, mas uma cidade vasta e desigual, que surgia aqui e ali como um arquipélago de aldeias plantado entre a vegetação exuberante do litoral.

Assim foi o Rio de Janeiro. Entre o casario senhorial e espesso, que se amontoava do morro do Castelo ao de São Bento, sobressaía o mosteiro erguido sobre esta elevação, todo trabalhado em cantaria clara, uma massa arquitetônica monumental, posta ali como um símbolo da fé católica dos habitantes da "urbs" infante.

E dessa idade perdida no tempo, era de grandiosidade e riqueza, quando o ouro brasileiro iluminava o mundo e fazia arder as ambições da Europa, a única lembrança que nos resta hoje é justamente este mosteiro suntuoso e rico, onde esplende toda a arte do século XVI e todo o fausto do período colonial.

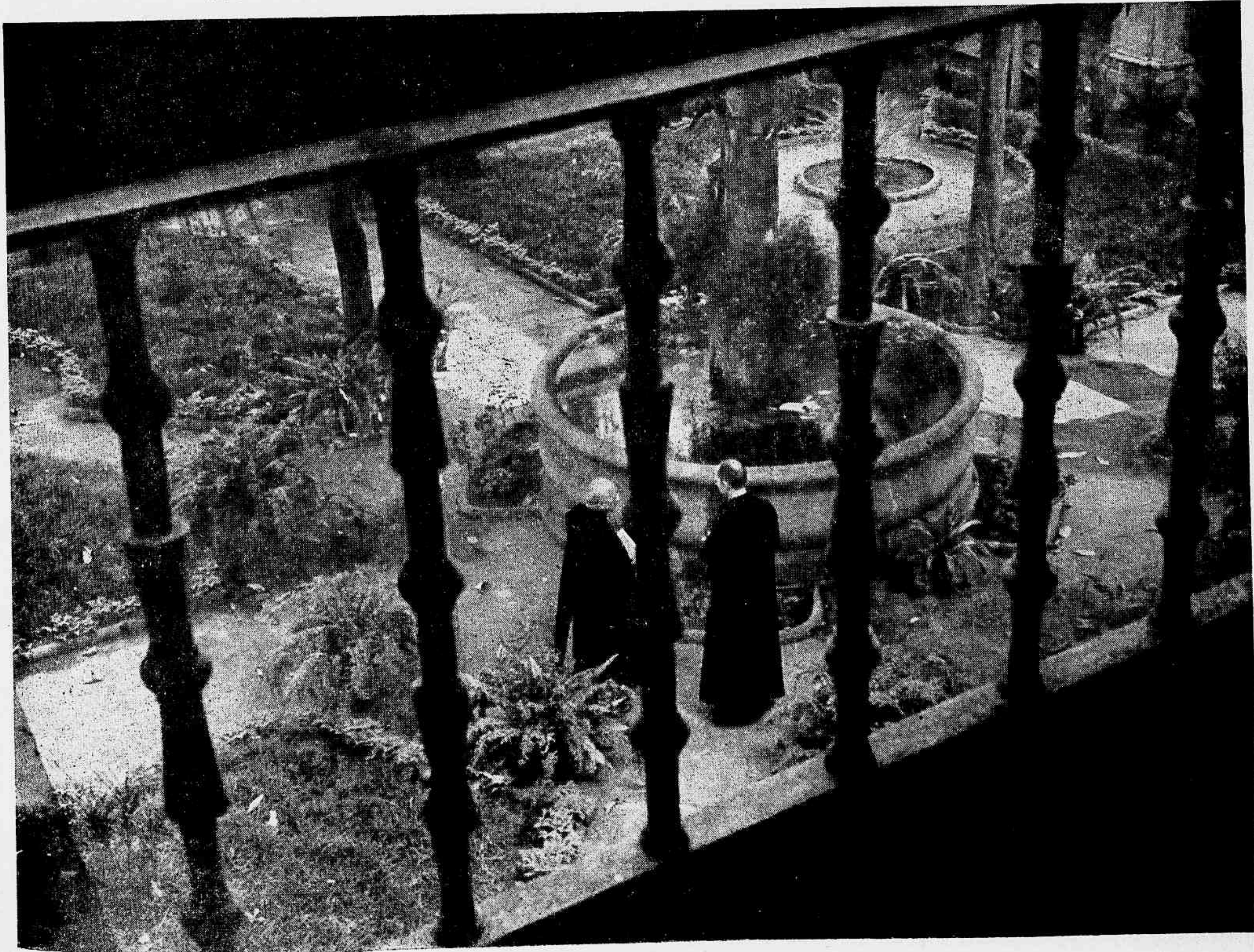
No entanto bem poucos sabem o que realmente é o mosteiro de São Bento, e menos ainda são os que o conhecem por dentro.



Na entrada o reporter conversa com o irmão encarregado do serviço da portaria. Esta foi a primeira etapa de nossa visita ao convento. Aqui cessam-se todos os ruídos da vida mundana e começa um mundo de meditação e silêncio.

OS MONGES DE SÃO BENTO

No centro do pátio interno, cercado por um silêncio solene, dois frades conversam à meia voz. A visia apanhada daqui, do interior da biblioteca, emoldurada pelas grades da janela, nos faz lembrar os velhos conventos de Espanha. E tudo toma um aspecto místico de recolhimento monástico.



CONTINUA NA PAGINA 12

A FLOR DOS MORTOS

Por BERILO NEVES

"O comandante do Pelotão de Sepultamento da FEB mandou pedir às senhoras compatriotas sementes de flores, para ornar os túmulos dos expedicionários mortos."
(Dos jornais)

A terra italiana abriu-se para acolher, no seu seio histórico, os brasileiros tombados nos campos de batalha. São os mártires da Democracia, os ardentes apóstolos da Liberdade que encontram, no solo vetusto da península, sua derradeira, definitiva morada. Partiram, um dia, beijados pelas auras do Atlântico, recebendo, como último adeus da Pátria, a bênção do Cristo Redentor e o ralo de luz dos trópicos. Partiram, como partiam os cavaleiros de Cristo, nos dias tormentosos das Cruzadas — para morrer por uma idéia, para sucumbir por um sonho. Foi inútil o seu sacrifício? Não! A Vitória já despontou, nos horizontes da História,

com a rubra eloquência de uma alvorada. Eles ajudaram o Mundo a libertar-se de um pesadelo apocalíptico. Lutaram para repor a família humana nos padrões da dignidade cristã e compostura civilizada. Homens evadidos das cavernas primitivas estavam pilhando as cidades e saqueando os países. Feras vestidas de negro ou cinzento dilaceravam, com as garras longamente afiadas, o coração da Humanidade. Os nossos soldados subiram às montanhas da Itália do Norte para vingar os nossos mortos e cumprir uma missão divina. Muitos morreram; outros ficaram mutilados; mas nenhum fraquejou, nenhum levantou para o Céu justiciero o punho fechado das maldições...

Agora, seus companheiros de farda e

luta pedem às senhoras compatriotas sementes de flores, para lhes exornar os túmulos sagrados. Flores do Brasil vigiarão, no solo da Itália, o sono eterno dos heróis do Brasil. Nenhuma oração fúnebre é mais eloquente do que a fronte pensativa das rosas, ou o coração roxo das saudades, a inclinarem-se sobre a tumba dos que não hão de voltar à Pátria. O solo é alheio, o ar diverso, e o céu desconhecido — mas a alma dos mortos respirará, no olor das flores familiares, a atmosfera moral da Nação Brasileira. Vivos, a brisa que os beijava trazia as ardências inquietas do continente africano, filtradas nos turbilhões milenares do mar Mediterrâneo. Mortos, é o próprio ar do Brasil que circunda, como num vaso fechado e perfumoso; as suas narinas inertes, o seu morto coração...

Os favônios que vieram do Lácio ilustram de renovar-se, neste cemitério de soldados, em contacto com os perfumes das flores brasileiras. As aves descerão nos seus voluteios graciosos, para indagar ao jardim dos mortos a razão daquela mudança estupenda. Os insetos deter-se-ão nos seus meneios alados e caprichosas circunvoluções aéreas. Que estranho filtro invade o coração da terra? E' a alma balsâmica do Brasil que se debruça, qual uma monja pálida ou mãe inconsolável, sobre o corpo inerte dos seus soldados queridos...

A flor é o sonho da terra, a suprema poetização da matéria. É o ritmo profundo da vida universal, que se faz verso, es-

trofe de pétala, ritmo perfumado e passageiro. Quis Deus que ela tivesse vida breve, para não sentir, com a decadência biológica da velhice, a perda gradual da formosura e do odor... Rosas, cravos, assucenas, violetas — são sorrisos transitórios do imenso mistério universal. Não há nenhuma cerimônia na Terra, social ou litúrgica, que não na inclua como elemento decorativo ou ornamental. Flores vão bem aos mortos e aos vivos — a estes porque nem sempre serão vivos, e àqueles porque esperam, na treva dos túmulos, a alvorada da ressurreição.

Mas se a flor é bela, expressiva e honrada — a da Pátria junta às virtudes comuns do gênero os milagres congeniais da espécie. Cada país tem a sua flor nacional, assim como tem a sua tradição e a sua bandeira. A "edelweiss", flor da neve; o lotus, flor da filosofia; a vitória-régia, flor das águas; a rosa, flor do Céu — todas têm sua história própria e seu destino específico. Que flores mandaremos do Brasil para coroar os nossos mortos na Itália? O cravo rubicundo? A saudade tristonha? A violeta humílima? Tudo é flor da terra, é Pátria, tudo é honra, tudo é glória, tudo é perfume, sonho, gratidão, orgulho de ser brasileiro...

Tendo perto de si as flores do Brasil, os heróis brasileiros nunca estarão sós. Perenemente, descerão sobre eles ondas de perfume, ardentes haustos das pétalas. Elas haverão de envolvê-los numa atmos-

(Continua na pág. 54)



Ilustração de
MIGUEL H.

NESTE NUMERO

ANO XLVI --- N.º 21 --- 26-5-945

REPORTAGENS

A comemoração da Vitória pelo Rotary Club	10/11
Os monges de São Bento (Celius Aulicus)	12/17
Piló e seus bonecos	19
Figuras e Fatos	26
Falcões brasileiros nos céus de Itália	35/38

LITERATURA

A flôr dos mortos (Berilo Neves)	6
Os mortos devem ser enterrados (J. C. Stacey)	21
Bernardo Guimarães e Paula Ney (Escragnolle Doria)	22
O forasteiro e o cicerone (Mark Twain)	23/29
A deliciosa catástrofe (Lucy Brenton)	34
Livros Novos (J. L.)	40/41

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	27
Vários modelos	50/52

CURIOSIDADES

Em Marcha	3
De São Paulo	33

SECÇÕES

Aconteceu... ..	7
A semana em revista	8
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	30/31
Artes Plásticas	32
De Rádio (Djalma Maciel)	39
De Música (Roberto Lyra Filho)	45

CARICATURAS

Dois em uma	9
De Bom Humor	20
"Charge" de Raul	56

TEATRO

"O Tal que as mulheres gostam"	23/25
Caricaturas políticas no palco	46/47

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------------	-------

NOSSA CAPA

Lana Turner, a fulgurante "estrêla" da Metro, não tem aparecido com frequência, nestes últimos tempos. E', todavia, um dos grandes nomes da atual constelação cinematográfica, e reaparecerá em filmes de sensação, no transcurso da vindoura temporada. Sua mais recente foto ilustra a sobrecapa da presente edição, onde os leitores encontram uma detalhada reportagem sobre a vida dos monges do Mosteiro de São Bento. Nossa reportagem divide-se em duas fases, a segunda reservada para o número próximo, com outro interessante capítulo sobre as reliquias do secular convento brasileiro.

Outras reportagens variadas, inclusive uma com o artista português Piló, e a que localiza aspectos fotográficos da peça "O Tal que as mulheres gostam", perfazem o texto deste número, com desenvolvida parte literária, feminina e mundana.

Em preparo, a grande edição comemorativa do 45.º aniversário da REVISTA, número que vai constituir, por certo, uma grata surpresa para os nossos amigos leitores e anunciantes.



Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem

que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu...

HA QUARENTA ANOS

A REVISTA DA SEMANA comemorava, em 20 de maio de 1905, o primeiro lustro de sua gloriosa existência. Durante cinco anos havia o nosso semanário se firmado gradativamente no conceito e na simpatia do público, através um trabalho benéfico de difusão de idéias e divulgação de notícias. Desde o alvorecer do século, lutando contra toda sorte de dificuldades, vinha o querido e popular hebdomadário defendendo ardorosamente as nobres causas, vencendo os obstáculos que se lhe antepunham e saindo sempre vitorioso de todos os embates.

Assinalando a passagem do quinto aniversário, publicava este semanário, em 21 de maio de 1905: a seguinte nota

"REVISTA DA SEMANA

Há cinco anos, sob a direção do dr. Alvaro de Tefé, apareceu nesta capital, marcando uma época, a REVISTA DA SEMANA, cuja recepção por parte do público foi a mais lisonjeira.

No gênero ainda não se havia ainda feito mais que ensaios, e a REVISTA assinalou um acontecimento notável nas artes e nas letras.

Pouco depois do auspicioso evento do semanário, habilmente dirigido pelo seu creador, o "Jornal do Brasil" adquiriu a sua propriedade, dando-lhe o desenvolvimento que ora apresenta, amparado pelo favor público.

E' desnecessário que assinalemos esta data, tanto mais jubilosa para nós quanto é certo haver o público compensado os esforços que temos empregado para apresentar um hebdomadário artístico sob todos os pontos de vista, como é a REVISTA DA SEMANA."

Assim falavam os nossos antecessores, em 1905. De então para cá, como o mundo modificou! Mas a REVISTA continuou a sua obra de divulgação de idéias e de acontecimentos, através os anos e as distâncias. Semanário popular e elegante a um tempo, acompanhou sempre a marcha dos acontecimentos e das transformações, informando os seus leitores com precisão e sinceridade, agindo com isenção de ânimo e lealdade. Muito modificou desde então a vida jornalística. Os nossos antigos reporters de sobrecasaca e chapéu côco foram sendo substituídos, até alcançarem a forma do reporter sem chapéu e de paletó saco, modelo 1945. O vocabulário modificou-se, como modificou a ortografia. Os tempos são outros, as exigências do público são diversas. A REVISTA evoluiu com o tempo, adaptando-se sempre ao pensamento da época, permanecendo atual em todos os anos.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 - RIO

A SEMANA EM REVIS

HOMENS ATAREFADOS, CUIDADO !



"Não vê, senhor Juiz, que eu sou um homem muito atarefado. Meus filmes consomem quase o dia inteiro de minhas atividades, motivo por que não me sobra muito tempo para vigiar Fulana. E cresce que há muitos meses vínhamos vivendo

separadamente, embora dormindo sob o mesmo teto mas em aposentos distintos. E creia ou não, senhor Juiz, mal nos recolhíamos a nossos respectivos quartos, era aí que a coisa principiava. Enquanto eu me entregava a um justo e merecido repouso, dormindo a sono solto, Fulaninha improvisava delirantes "farras", recebendo a visita inoportuna de certos cavalheiros, que por ali ficavam a noite inteira, fazendo sabe Deus o quê! Claro que ao Juiz só restou mesmo o recurso de conceder o divórcio ao exausto marido de Hollywood. E sem compromisso de pagar mensalidade à esposa, naturalmente. Da vez próxima, no entanto, é caso para os diretores de filmes — e quantos maridos atarefadíssimos existirem no mundo — reduzir um pouco suas tarefas cada dia. As esposas não apreciam por demais o trabalho dos maridos. Elas querem uma parcela da atenção, dos desvelos, do tempo, enfim, do homem que as levou ao altar e à pretoria. Sob pena de, mais tarde, voltarem à pretoria para desatar o nó conjugal, consequência muito pouco a desejar. Em última hipótese, outro conselho ao referido cineasta de Hollywood e aos seus irmãos de sofrimento: suprimir a vida em separado sob o mesmo teto. Nada de aposentos distintos... Sem eles todos os desastres serão evitados...

FRANCO E A MANIA DOS BALCÕES



ros, inimigos para o seu próprio país". Poderia admitir-se, de início, estivesse Franco disposto a transigir com os vitoriosos da guerra na Europa; mas tudo agora faz crêr o contrário, quando ele proclama não ser a Espanha uma ditadura, adian-

do mau vêzo dos ditadores falarem das sacadas não terminou, como se esperava, com o desaparecimento de Benito Mussolini. Agora mesmo aí estão os jornais informando que o general Franco resolveu falar às massas, da sacada do Conselho Municipal. Assomando ao balcão, envergava o uniforme da falange e fez a saudação fascista, com o braço levantado, enquanto era cantado o hino do Partido da Falange. E o que o bravo herói de Valladolid falou foi realmente edificante: "As manobras estrangeiras contra a nossa unidade política falharam" — deblaterou o caudilho. "Esses infelizes espanhóis, que são autênticos criminosos comuns, levaram consigo para o estrangeiro a pilhagem da guerra civil e estão agora procurando, entre estrangeiros, inimigos para o seu próprio país". Poderia admitir-se, de início, estivesse Franco disposto a transigir com os vitoriosos da guerra na Europa; mas tudo agora faz crêr o contrário, quando ele proclama não ser a Espanha uma ditadura, adian-

tando mesmo que "a tentativa comunista falhou depois de vinte e cinco anos". O discurso do general — acrescentam os despachos telegráficos — foi interrompido várias vezes pelos gritos de "Queremos Franco e não a Rússia". Franco atacou o comunismo e falou desdenhosamente nos exilados republicanos espanhóis. A todo momento erguia o braço e repelia: "Não somos uma ditadura!". E, particularmente no que diz respeito às leis sociais, declarou encontrar-se a Espanha "entre os principais países do mundo". Ora, senhores, não se pode admitir que num momento igual ao presente venha o responsável pelos destinos da gloriosa Castela desafiar o mundo. A menos que Churchill esteja iludido quando presume encontrar-se Adolfo Hitler foragido em terras da Irlanda... O mal, com certeza, vem do meio-ambiente em que se colocou o general, falando ao seu povo — ou a uma parcela do seu povo, o que é mais provável — de um balcão. Essa mania de discursar das sacadas já acabou com um alemão e um italiano. Nem as tribunas ficaram para documentar à História o mal que eles perpetraram ao seu povo. E muitos espanhóis receiam destino semelhante ao inflamado orador de Valladolid. Pelas dúvidas, um conselho, mesmo a distância, não seria mau: fale de outro lugar. Os balcões e as sacadas são perigosos...

CORAÇÕES PARA DAR E VENDER !



é claro, enquanto o "relógio" não cessou de funcionar. A ninguém assiste o direito de pôr em dúvida o êxito dos experimentos, mas nosso receio é das consequências que uma tal operação venha a provocar. Imaginem os leitores quanta gente que,

Em meio ao turbilhão de notícias sensacionais que a semana proporcionou, cada qual mais ruidosa e espetacular, nem toda gente terá ligado importância àquele obscuro telegrama procedente da Rússia e alusivo aos experimentos de um cientista soviético. O homenzinho lembrou-se de fazer a tentativa do enxerto de um coração de irracional em outro irracional. E o bicho, que talvez fôsse cardíaco, ficou passando bem, muito obrigado. Nunca mais teve crises, a pulsação entrou no ritmo normal e o cientista exultou. "Eureka!". Ninguém mais irá morrer do coração, porque, enfraquecendo aquele que Deus nos deu, outro poderá ser anexado, uma vez extraído de um animal qualquer. O essencial é fazer a extração com o bicho ainda em vida,

dona de um único coração, é já por natureza sentimental a mais não poder, como ficará com dois! Homens duplamente apaixonados, dotados do privilegiado poder de emitir duas paixões, terão desculpas científicas sempre que as esposas descubram um "caso" íntimo... Tendo dois corações, ao "paciente" deve ser permitido, nesse caso, oferecer um a uma distinta criatura do outro sexo. Evidentemente, o mesmo direito será facultado às mulheres, e daí as complicações aumentarem, em casos especialíssimos, quando o dono do primeiro coração não esteja pelos autos e for ciumento à moda antiga... Outro perigo: o aproveitamento do coração de um tigre, de um leão ou de uma hiena, encaixado no organismo de um indivíduo que até essa data haja alimentado os melhores e mais piedosos sentimentos. Quanto Ricardo Coração de Leão existirá à face da terra, senhores! E em verdade, apreciando a vida criminosa de um Hitler, quem porá em dúvida a existência de dois corações, ambos de tigre ou de hiena, dentro do envólucro do famigerado herói desta guerra? Eis por que a descoberta do cientista soviético apresenta características muito sérias. Salvo se as experiências derem resultado utilizando coraçõzinhos de pombas-rôlas ou de colibris...

O TOSTÃO, COITADINHO



cio admitiu-se que o aumento seria feito na proporção de uma sensível melhoria no serviço de transportes oferecido ao povo. Mas — qual! Ainda desta vez o engano era geral. Feito a confusão de Machado de Assis. E justamente quando

Por muito tempo a Light desenvolveu forte campanha de publicidade em defesa de Sua Excelência, o Tostão. Era alguma coisa de comovente, a figura do supremo herói, o Tostão, que depois veio a ser crismado de Dez Centavos. Nada mais se comprava com a insignificante quantia de cem réis, diziam os anúncios. Nem um jornal, um catezinho ou uma bala puxa-puxa. As próprias esmolas passaram a ter outra tabela mínima. Só o bonde da Light conservava a tradição do tostão, coitadinho, merecendo por isso um bem querer maior da população carioca. Mas os tempos mudam, e a Light julgou mais acertado, primeiro, dar por terminada a campanha em defesa do tostão e, em seguida, pleitear o aumento das passagens nos bondes. De início

menos se podia esperar a vinda do aumento, com os bondes lotados e super-lotados, apurando em cada viagem três e quatro vezes a receita de outros tempos, eis que a notícia surge novamente. E desta para se transformar em realidade imediata.

Já os moradores de Santa Teresa estão pagando o dôbro, não por viagem, mas por secção. E o aumento, nessa proporção, deve estender-se às demais linhas da capital da República, transformando assim, por completo, o orçamento do pobre-diabo, aquele que reside mais longe do centro e menores possibilidades conta para suportar esse acréscimo de despesas. Quem despendia oito ou dez centavos diariamente para se transportar de casa ao serviço, e vice-versa, terá de reservar três vezes essa quantia. E ainda assim, se não vier um aumento suplementar... Em compensação, afirma-se, os laboriosos funcionários da companhia canadense terão seus salários aumentados. Auspiciosa notícia, sem dúvida. Pior é que o aumento, extraído à bolsa do passageiro, automaticamente irá influir no aumento geral do custo da vida. E assim, recebendo mais por um canal, terá o próprio funcionário da Light que pagar mais, muito mais, por muitos outros canais... Ou muito nos enganamos, ou a isso deve chamar-se um círculo vicioso. A solução do problema não deve ser precisamente essa.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7398.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inver-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

CARICATURAS DE
MICHEL
LEGENDAS DE
ZE' CARIOCA

PANORAMA CONTINENTAL

Enquanto a paz corre risco.
Rockefeller se domina
E discursa em S. Francisco
Com voz serena e... argentina.

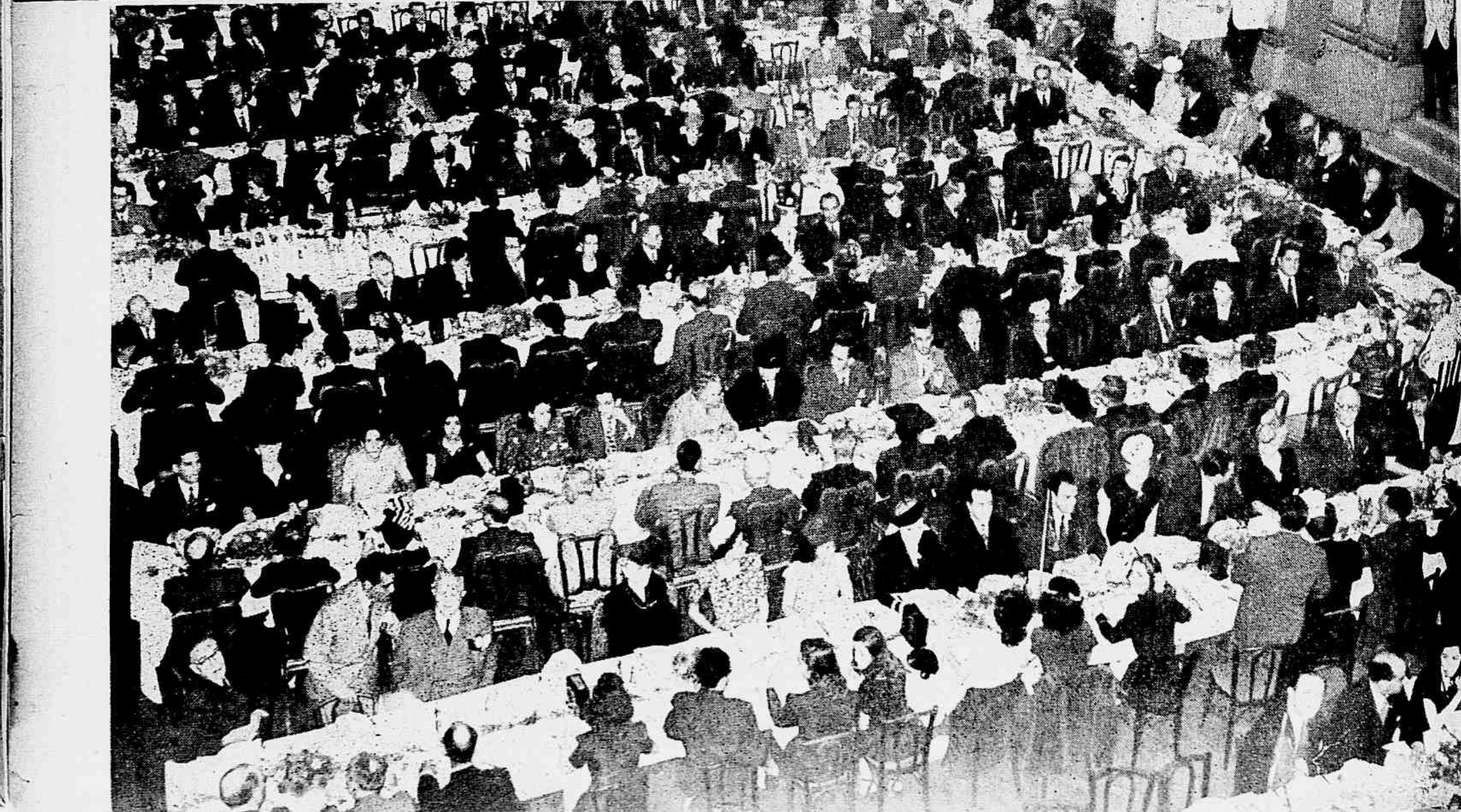
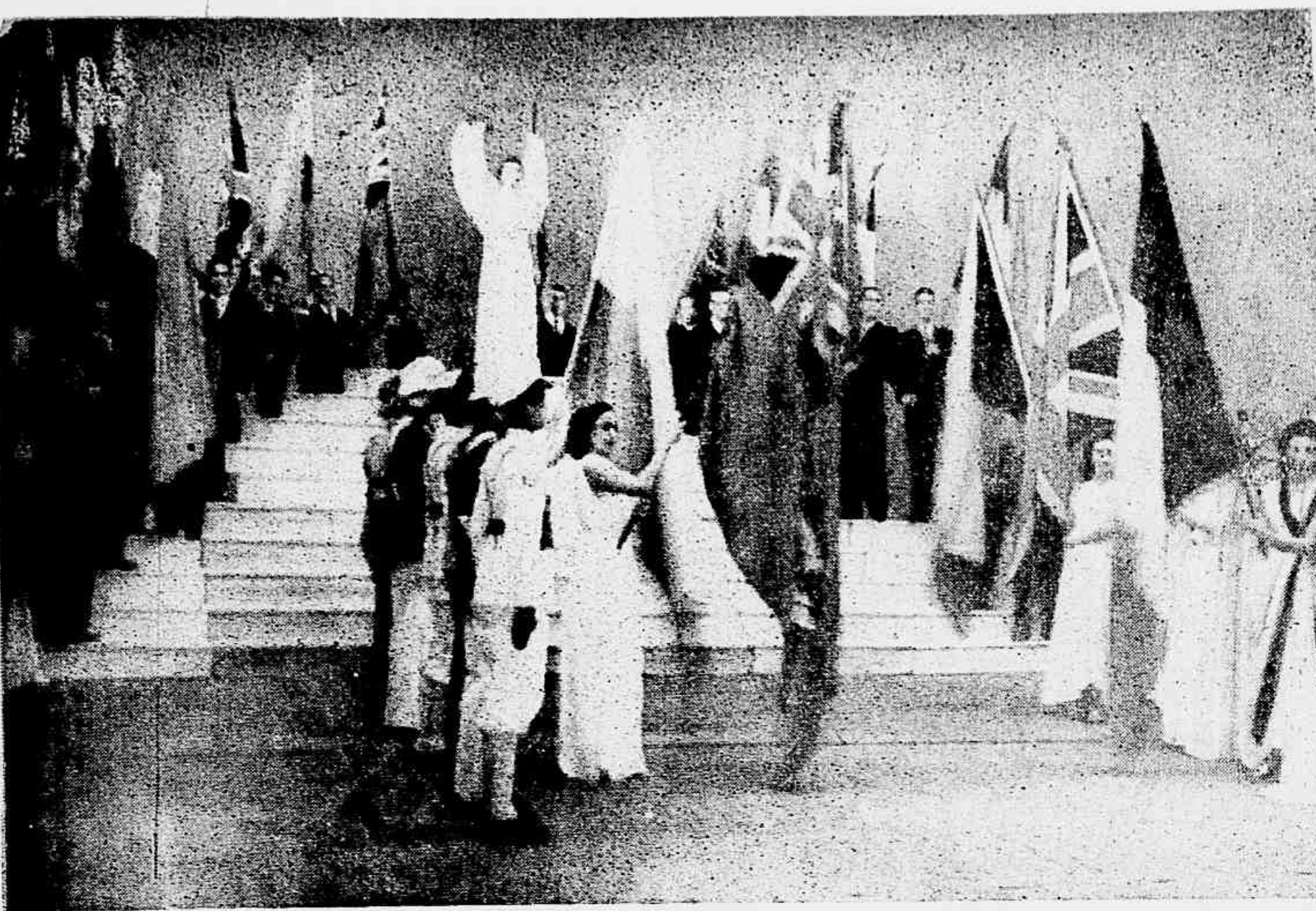


DE RÁDIO

"Homens da foice, pessoal do ma-
[lho !
Trabalhador honrado e respeitável !
Quero falar de leis e de trabalho.
Antes, porém, meu "boa noite"
[amável]."



DOIS
em
UMA



A comemoração da Vitória pelo ROTARY CLUB

Com a presença do comandante Octavio de Medeiros, representante do Presidente da República, ministros Mendonça Lima e Aristides Guilhem, altas autoridades, representantes das Forças Armadas e das Nações Unidas, realizou-se no Teatro Municipal, completamente lotado, a Festa da Vitória do Rotary Club do Rio de Janeiro.

Foi um espetáculo empolgante, como arte e sobretudo como expressão de civismo.

Após o Hino Nacional, executado por grande coro e orquestra, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, falou o comandante J. G. Araújo, superintendente geral da Light e presidente do Rotary Club, que disse, em breve mas expressivo discurso, do sentido patriótico da comemoração, assim concluindo a sua brilhante oração:

"Rejubilamo-nos pela elevada situação em que se vê colocado o Brasil na guerra e pela orientação política exterior do nosso governo, cujo acerto não se fez esperar, elevando bem alto o renome do país.

"Não foi, talvez, sem surpresa para outros povos, no céu de outros continentes, em outras águas territoriais, em outros teatros de guerra, a presença de nossos aviadores, marinheiros e soldados para lutar ombro a ombro dos mais aguerridos filhos das nações amigas, demonstrando sempre denodo, ânimo e decisão, com o que se tornaram credores do comovido agradecimento de todos os brasileiros.

"Glória aos bravos que tombaram no campo da honra!"

Em seguida foi dada a palavra ao orador oficial, dr. Rodrigo Octavio, que, fixando o esforço das Nações Unidas na luta contra o nazismo, exaltou o Brasil e o valor dos seus soldados na frente italiana.

Terminada a oração do dr. Rodrigo Octavio, foi iniciado o seguinte programa:

"Alvorada", de "O Escravo", de Carlos Gomes, pela orquestra; Bastos Tigre, poema: "Habanera", da "Carmen", e Ária da ópera "Orfeu", pela contralto sra. Gabriela Besanconi Lage; Noraldino Lima, poema: "God Bless America", pela orquestra; Declamação: "Les fruits mûrs de la

Foi uma festa de remarcado e significativo brilhantismo, a que se realizou no Teatro Municipal, por motivo das comemorações da Vitória e do término da guerra na Europa. Não há exagero em se afirmar ter sido essa uma das mais imponentes celebrações públicas do magno acontecimento, como o atestam nossas gravuras. Ao alto, uma apoteose no palco; ao centro, um aspecto da assistência; em baixo, um flagrante do jantar, também promovido pelo Rotary Club.



Um distinto grupo posado pelos componentes desse memorável espetáculo, levado a efeito no primeiro teatro do Brasil, por iniciativa do Rotary. Cavalheiros e senhoritas, ornamentos da nossa melhor sociedade, contribuíram para esse acontecimento de requintado cunho cívico e artístico. Observe-se, na gravura superior, os intérpretes do marechal Stalin e de Winston Churchill, em caracterizações realmente esplêndidas e irrepreensíveis. Foi, sem dúvida, uma noite inesquecível.

paix", de Jean Rameau, "A Polônia subterrânea", de Stanislaw Balwisky, tradução de Murilo de Araújo, e "Churchill", de Filinto de Almeida, pela sra. Margarida Lopes de Almeida, que, a pedido, disse ainda os versos de uma linda marcha patriótica brasileira de Isgorota: "1812", de Tchaikowsky, pela orquestra, com a colaboração da banda de música do Corpo de Fuzileiros Navais; discurso do coronel W. F. Thodes, adido militar britânico, uma linda página em que o ilustre militar, evocando os dias tristes da guerra e a atuação de Churchill e de Roosevelt, tece um

hino de louvor ao Brasil e ao nosso Corpo Expedicionário; Panthéon da Vitória, uma sucessão de expressivos quadros da guerra nos países invadidos pela Alemanha. Essa parte do espetáculo, o qual idealizado pela sra. general Mendonça Lima, ilustre esposa do sr. ministro da Viação, teve a cooperação dos drs. Marcos de Abreu e Mario Conde, que pintou os belos cenários, e de um grupo de rapazes e senhoritas da nossa sociedade, sendo feita a apresentação dos quadros pela sta. Stella Leonards da Silva Lima, que disse, para cada país, magníficos versos de sua autoria.

O arranjo musical para cada uma dessas cenas foi do maestro Eleazar de Carvalho.

O Panthéon da Vitória, que despertou em todos os assistentes a mais viva emoção, terminou com o desfile de todas as bandeiras das Nações que lutaram contra a Alemanha, nele tomando parte pequenas representações de todas as nossas forças armadas.

Foi, portanto, um belo e sugestivo espetáculo esse com que o Rotary Club do Rio de Janeiro comemorou o advento da Paz.

A exma. sra. Mendonça Lima, esposa do ministro da Viação, foi, como sempre, uma das grandes animadoras dessa noite de arte. Desdobrando-se em múltiplas atividades, contri- buindo para o êxito integral do acontecimento, a ilustre dama fez jus aos cumprimentos que lhe dispensaram os rotarianos e quantos assistiram à mencionada festa. No "clichê", a sra. Mendonça Lima rodeada de jovens que deram também o seu concurso para a comemoração da Vitória pelo Rotary Club.





Com os livros de orações ao peito eles caminham pelas salas amplas do convento, onde o silêncio põe uma nota solene de misticismo em cada canto. E tudo é grandioso e belo. A alma se ros confrange, com o espetáculo das batinas negras postas em contraste com o claro dos portais de granito. E eles passam, como sombras, trancados dentro de sua simplicidade ascética e de sua humildade cristã.



No centro da sala abobadada ergue-se a velha pia de água benta, antiga como o próprio mosteiro. Ali muitas gerações de religiosos banharam a testa com a água bendita. Note-se o aprimorado dos arabescos rococós traçados no capitel da coluna central da pia. Em seus mínimos detalhes, essa perfeita obra de arte revela o gosto de quem a construiu. Ela foi trabalhada, como quase tudo no convento, por um dos monges.



Os monges de São Bento

(Continuação da pág. 5)

A vida agitada da cidade cosmopolita que é o Rio de Janeiro de hoje, dispersa os pensamentos e ocupa as horas do carioca, que não encontra mais tempo disponível para ver os velhos palácios da cidade, onde se encontram, gravados em cada arabesco dos capitéis rococós, passagens da vida colonial da secular São Sebastião.

Dentre as obras arquiteturais que nos ficaram da colônia, sem dúvida a mais antiga, a mais característica e suntuosa é o mosteiro São Bento, onde vivem há mais de trezentos anos os frades daquela Ordem, e onde estão cavados os sepulcros de muitas gerações de monges beneditinos, cujos epitáfios marcam três séculos da história daqueles claustros sombrios e poéticos.

Para mostrar ao povo o que é aquela casa de recolhimento e religião, estivemos em vi-

Depois do almoço os monges retiram-se para o pátio, onde tem lugar uma conversação longa. Dividem-se em grupos e passeiam de modo singular. Percorrem o claustro em toda a sua extensão, e quando voltam caminham de costas, em conversa com os monges de outro grupo que marcha para a frente. Chegados à parede invertem-se as posições.

sita ao mosteiro, passando ali uma manhã inteira em companhia dos monges, passeando pelo pátio interno, envolvido pelo silêncio pesado do claustro, assentados nos bancos seculares de granito lavrado, com os ouvidos cheios da música mística do órgão, que chegava em ondas dolentes do interior da igreja.

A DOIS PASSOS DA AVENIDA UM PEDAÇO DO SÉCULO XVI

O mosteiro São Bento é, para muitos, inteiramente desconhecido, havendo mesmo no Rio de Janeiro quem ignore por completo a sua existência. No entanto ali vive há séculos uma comunidade religiosa, que guarda, dentro das paredes coloniais do convento, quase tudo o que nos resta dos primeiros tempos da Colônia. O que vimos naquela casa daria pois material para um amplo trabalho de divulgação, incompatível com o espaço limitado de uma revista. Resolvemos, assim, no intuito de elaborar um trabalho mais completo, dividir em duas fases a nossa reportagem. Hoje falaremos da vida monacal em si, percorrendo sobre suas bases históricas, que datam do último quarto do século V. E que aqui fique o nosso agradecimento a D. Clemente Isnard O. S. B., a quem devemos os dados básicos obtidos para esta reportagem.

Os beneditinos vivem no Rio de Janeiro como vivem na França ou na Alemanha, obedecendo rigorosamente às regras que comandam todos os movimentos dos monges da Ordem, dentro dos cenóbios. E esta vida monástica obedecem hoje às mesmas diretrizes dos primeiros tempos do mosteiro.

A casa dos beneditinos do Rio de Janeiro foi fundada em 3 de outubro de 1586, e elevada à dignidade de Abadia em 1596. Ela é pois uma das mais veneráveis tradições religiosas do Brasil e o mais antigo monumento histórico do Rio. E a dois passos da avenida Rio Branco se ergue hoje um pedaço do século XVI, que os frades de São Bento conservam intacto, como uma relíquia do passado, uma lembrança de eras perdidas.

Então, como agora, os monges, a par de suas orações e de sua dedicação ao ofício divino, trabalhavam também em obras de arte e de ciência. E delas nos restam hoje preciosidades inestimáveis. A construção do mosteiro e da igreja se devem aos planos elaborados pelo arquiteto monge Bernardo de São Bento, e as pinturas que ornaram todas as dependências do convento são da autoria de outro beneditino notável, irmão Ricardo do Pilar, que também viveu naquela casa. E inúmeros foram os outros artistas da Ordem que concorreram para a ornamentação do mosteiro, onde estão agora guardadas preciosidades pictóricas, arquitetônicas e esculturas verdadeiramente maravilhosas, colecionadas pelos religiosos durante os quatro séculos de vida monacal.

AO TOQUE DA SINETA

Há mais de trezentos e cinquenta anos vivem os beneditinos do Rio no velho mosteiro, erguendo suas preces a Deus, fechados nas celas estreitas ou passeando silenciosamente pelo pátio sombrio, contornando pelas arcadas do claustro retangular, colorido pela folhagem das tília e dos chorões, que se dobram sobre o chafariz secular de pedra, plantado no centro do lagoado claro. A um lado está a sineta. Um bronze antigo, secular e escuro, que chamou às orações e ao refeitório muitas centenas de frades, que agora dormem o sono eterno sob as lapides do claustro cobertos pelos epitáfios solenes, que marcam trajetórias de vidas perdidas na distância dos

O claustro silencioso do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro tem uma longa história de mais de três séculos e meio de extensão. Nas lapides de sua pavimentação gravam-se os nomes de muitos beneditinos que ali jazem. Esta foto foi feita do interior de uma sala, através da janela gradeada, que data dos primeiros tempos da colonização.



séculos e no silêncio do mosteiro. As gerações passam; as guerras dividem os povos; as transformações políticas e sociais se processam num ritmo vertiginoso e assustador. Mas a vida se estaciona no pé da ladeira de São Bento. Ali todas as vaidades humanas se acabam, e a vida terrena se transforma numa perene adoração a Deus; a existência é medida pelos toques da sineta que badala na solidão do claustro, marcando o ciclo das orações e das atividades litúrgicas. E durante todo o dia as orações se repetem, ora no templo ora no próprio claustro, num murmúrio apagado e místico, que enche de melancolia o grande pátio vazio.

Durante a nossa visita ao mosteiro dos beneditinos tivemos ocasião de assistir a um almoço da comunidade. Os frades, assentados em volta das grandes mesas do refeitório, almoçavam ouvindo passagens da bíblia, que um dos irmãos lia em voz alta. E o religioso, substituído três vezes durante a refeição, só terminou a leitura quando os frades se levantaram.

Assim vivem eles. Acordam ao primeiro toque da sineta, que chama para a missa, e se recolhem às suas celas quando ouvem o último badalar, que marca as 20 horas.

HERDEIROS DOS ASCETAS

Antes que se organizasse a vida monacal, existiam isolados, mormente no Oriente, os precursores do monge, que viviam em geral no campo, na montanha ou na floresta, entregues aos seus sacrifícios e às suas orações, longe do convívio dos pobres, com a alma inteiramente voltada para Deus, jejuando, sofrendo...

Em 480 d. C. nasceu São Bento. Foi ele que instituiu, por assim dizer, o clero regular. Criada a Ordem de São Bento, outras se lhe seguiram. Ela é entretanto a mais antiga de quantas se espalham hoje por todo o mundo, e a que, pelo regime observado em suas comunidades como pelo método de cada monge em si, mais se aproxima dos velhos ascetas. Os monges redentoristas se dedicam principalmente as missões, procurando catequizar e evangelizar as populações ímpias. Os lazaristas se entregam aos serviços hospitalares. Mas os beneditinos, esses vivem quase exclusivamente para as orações e o "opus Dei", ou ofício divino, toma as horas dos monges e absorve os seus pensamentos e as suas atenções. Vivem para rezar e procuram se aproximar de Deus através de suas orações. O seu dia é dividido em oito "horas canônicas", a saber:

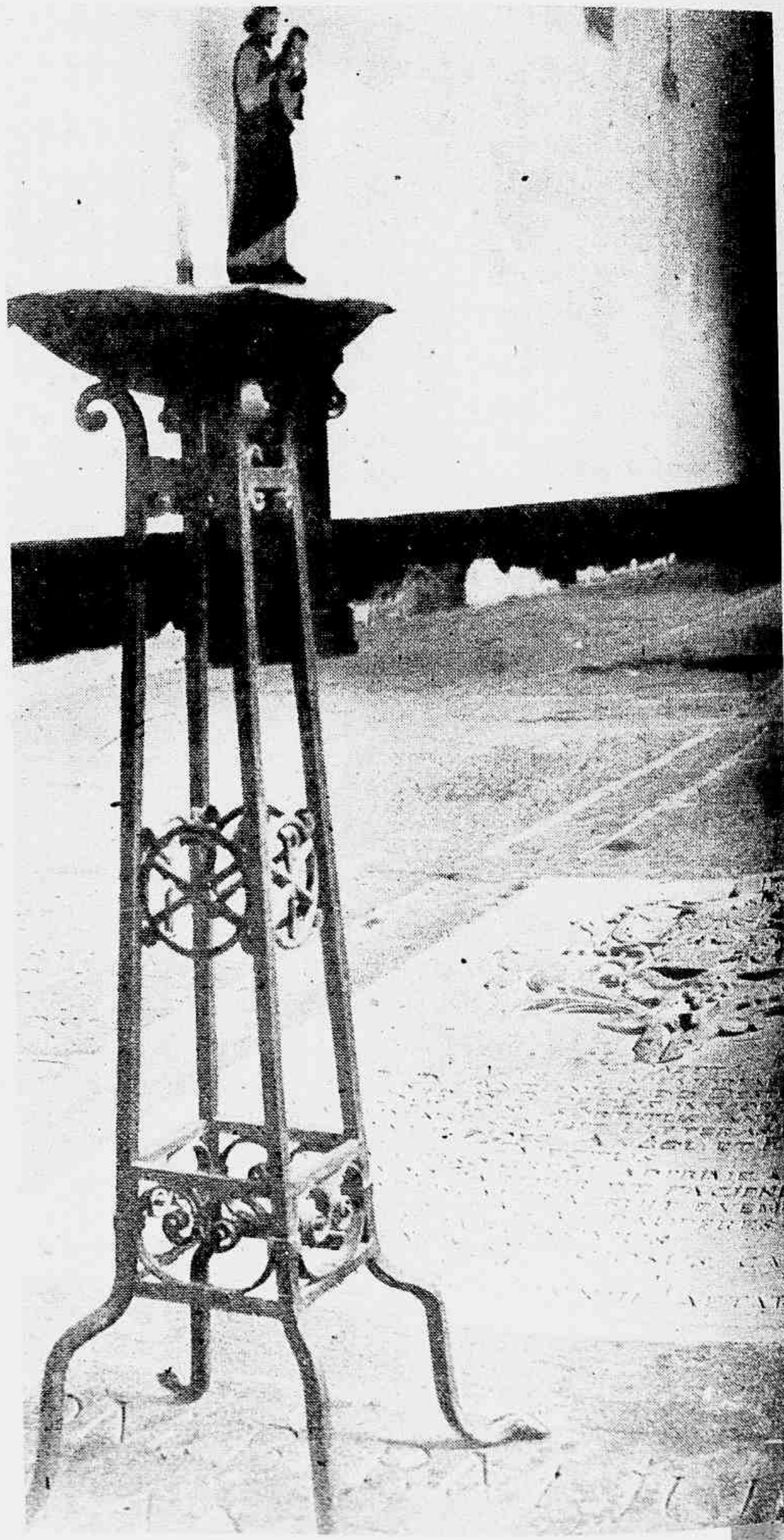
matinas, laudes, prima, terça, sexta, nãa, vésperas e completas. Estas horas são como anéis concêntricos, que giram em torno do santo sacrifício da missa, celebrado pela manhã. E mesmo quando se entregam a outros trabalhos, como obras de arte, pedagogia, etc., os beneditinos rezam; e embora não o possam fazer em voz alta oram mentalmente, pois esse é o lema de sua Ordem: "ora et labora".

Quando foi fundado o mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, os monges que vieram habitá-lo traziam das terras da Europa os costumes seculares que a Ordem herdara dos ascetas. São Bento, o patriarca dos monges do Ocidente, em sua "Regra", lançara as bases de um sistema de vida severo e rígido, ao qual deviam estar sujeitos tantos quantos um dia se fizessem seus seguidores.

Em 1536 vinham da Europa os veleiros audazes, cruzando o Atlântico cheio de perigos, para trazer às terras verdejantes que se estendiam sobre a Guanabara os monges que iriam, longe dos lares e da vida mundana das cortes, orar a Deus na penumbra de suas celas perdidas em meio ao matagal adverso. Uma cidade cresceu, porém, em torno ao mosteiro solitário. Uma civilização se formou, envolvendo o morro agreste. E agora, mais de três séculos já passados, à sombra dos arranha-céus,

Durante todo o dia, como os velhos ascetas, os beneditinos elevam suas preces a Deus. Por todo o mosteiro espalham-se os crucifixos, que são outras tantas obras de arte de grande e inestimável valor. Este é outro flagrante sugestivo apanhado pelo nosso fotógrafo no interior da abadia.

Aqui jaz D. Antonio do Destêrro, bispo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. No silêncio do claustro é que os beneditinos de hoje oram pelos seus mortos. Aqui estão abertas sepulturas de religiosos que morreram no século XVII. O último monge sepultado no claustro morreu em 1939.





Hora de recolhimento e meditação. O mundo fora...

enquanto os vasos de guerra silvam ao pé da montanha, os monges rezam ainda, no silêncio das celas nuas, pedindo a Deus a graça de suas misericórdias. E a vida ascética do mosteiro marca apenas a passagem dos anos pelas lapides do claustro, cujos epitáfios vão se multiplicando através da margem dos dias longos, que percorrem o calendário sempre assinalados pelas oito horas canônicas.

COMO VIVEM OS MONGES NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Os métodos de vida de uma comunidade de Beneditinos têm que se decalcar das dire-

trizes traçadas na "Regra" escrita pelo seu fundador. Uma vez admitido como irmão da Ordem, ou ordenado, o monge se vê obrigado a desistir de todas as honrarias mundanas, restringido os seus atos aos permitidos pela severa disciplina religiosa do mosteiro.

O seu voto de humildade se concretiza de maneira precisa e radical: um monge beneditino é sempre obrigado a abrir mão de todas as suas propriedades privadas. O que possuem não é propriamente deles. Todos os objetos, mesmo os de uso pessoal, passam a ser propriedade da comunidade e como tal considerados e aceitos. Isto leva os frades, tão logo ingressam no mosteiro, a se habitua-

rem à vida em comum, satisfazendo-se com o que lhes é destinado pela coletividade do convento.

Para que a noção de "comunidade" seja mais ampla e completa, nos mosteiros beneditinos é recomendado a todos evitar o quanto possível o emprêgo na linguagem, falada ou escrita, dos pronomes e adjetivos possessivos da primeira pessoa. Assim, o que notamos logo às primeiras frases de um religioso daquela Ordem é que ele nunca diz "meu livro", "minha roupa", utilizando-se, quando não pode designar o objeto pelo artigo, o pronome "nosso", designativo de posse coletiva. E o "nosso", nesses casos, quer dizer a comunidade.

ALGUNS MONGES NOTÁVEIS

Muitos têm sido os santos saídos dos mosteiros de São Bento, que hoje se espalham por todo o ecumeno. O patrono da Ordem teve a seguir-lhe o exemplo mais de um milhão de frades hoje já canonizados. Fundando os 12 mosteiros de Subiaco e mais os de Terracina e de Monte Cassino, deixou plantada a semente, que frutificou pelos séculos afora.

E através de azares e perseguições, na corrida vertiginosa dos decênios, os santos e os artistas encheram as celas dos conventos da Ordem. Não fora eles, muito mais se haveria de perder dos documentos da antiguidade clássica, que frades abnegados, mantendo-os em esconderijos inacessíveis, lograram salvar da fúria dos bárbaros invasores, custodiando-os por toda a Idade Média, para legá-los depois à sede de saber da Renascença.

Os anos passaram, outros azares e outras perseguições vieram. Na Revolução Francesa e durante as guerras napoleônicas foram confiscados aos beneditinos inúmeros mosteiros. Já não eram, porém, os visigodos incultos que lhes entravam pelas celas a dentro. À frente dos plebeus famintos os Robespierres de província agitavam os pendões tricolores. As bibliotecas não foram incendiadas. Mas nem por isto conseguiram os religiosos reaver o que haviam perdido. Os seus manuscritos, tão valiosos para eles como para os estudiosos leigos, figuram agora nas estantes da Biblioteca Nacional de Paris, tornando esta casa de leitura a mais rica do mundo.

Foi pois dedicando-se aos estudos clássicos e artísticos, que os monges de São Bento lograram um lugar destacado na história cultural de todos os séculos posteriores à fundação da Ordem.

O mosteiro do Rio tem dado à igreja notáveis luminares, a par de grandes artistas que encontraram campo para a sua vocação inata dentro das paredes seculares daquela casa de religião.

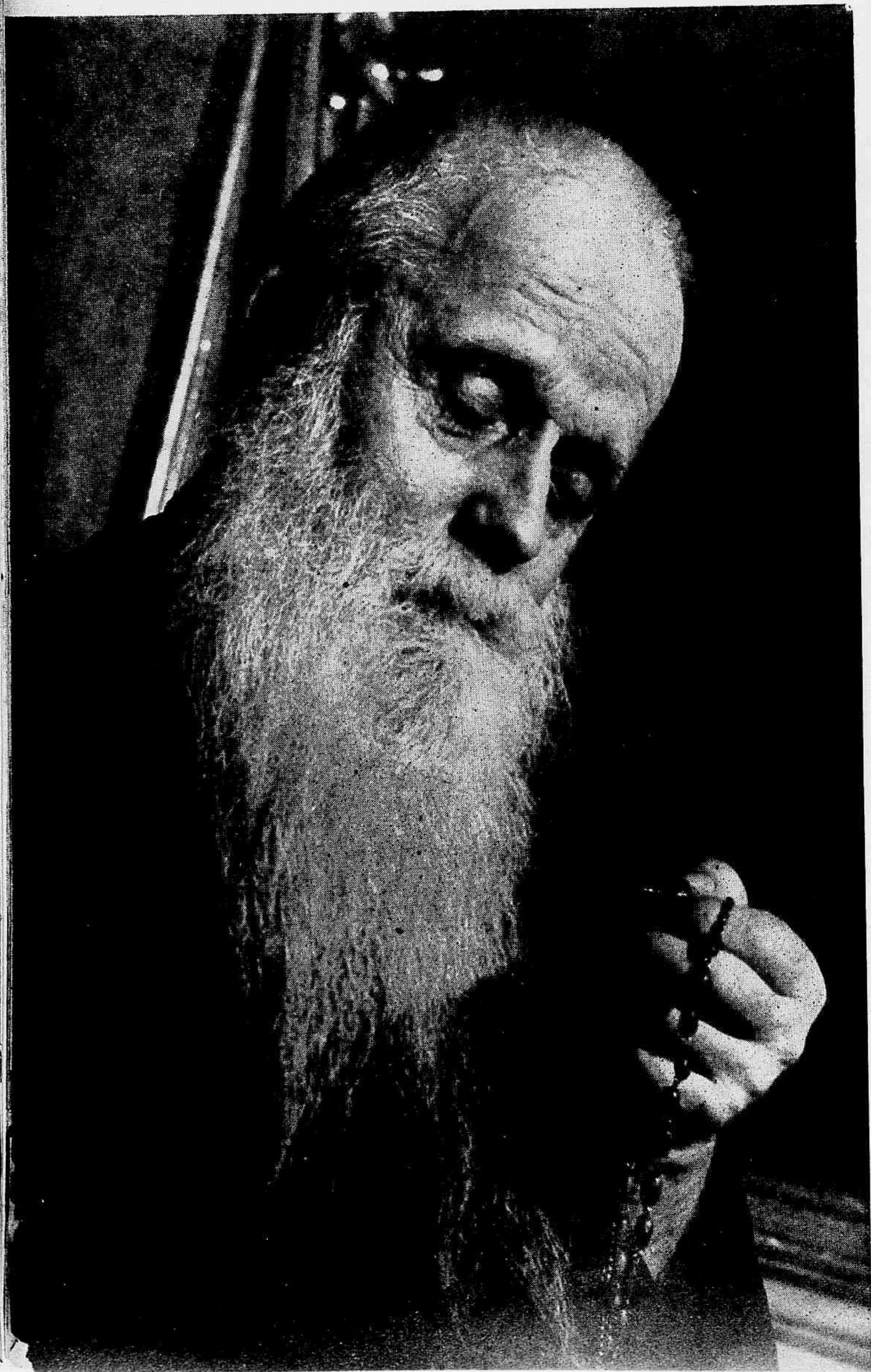
Um destes foi d. Antonio do Destêrro, monge beneditino que se tornou bispo do Rio de Janeiro, chefiando a diocese durante alguns anos. Este religioso, cujo túmulo se abre sob as lages do claustro do velho mosteiro, viveu de 1693 a 1773, tendo deixado um belo exemplo de dedicação e humildade.

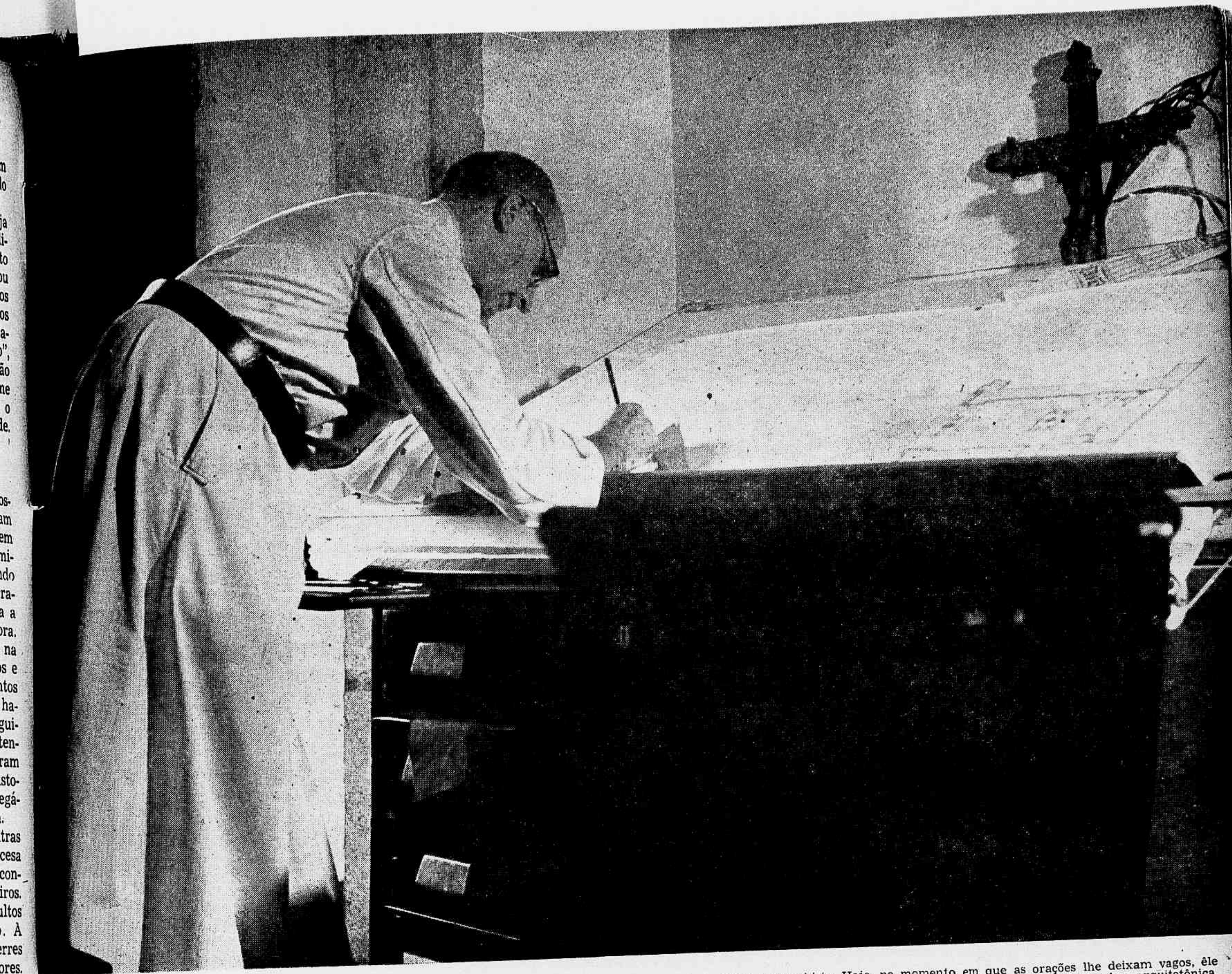
Ao lado de seu túmulo grava-se numa lapide o nome de outro bispo beneditino, da diocese de Olinda, morto no Rio de Janeiro em 1818: D. Antonio de São José Bastos.

Assim, numa cidade onde o número de beneditinos é relativamente pequeno, a Ordem já deu um bispo à diocese e alguns artistas à coletividade, entre os quais o arquiteto Bernardo de São Bento e o pintor irmão Ricardo do Pilar, a quem devemos a construção e ornamentações do notável monumento de arte, que é o velho mosteiro.

Hoje mesmo vamos encontrar ali uma figura singular de artista, um notável arquiteto, a quem a comunidade entregou a obra de planejar as reformas por que deverá passar o edifício, dentro do estilo em que foi construído.

As barbas deste ancião fazem lembrar os antigos patriarcas. Ele vive há muito no mosteiro, o mundo exterior só lhe pode ser uma memória apagada. Sua vida é toda uma história de desprendimento e de humildade. Não tem, como muitas figuras humanas, coisas interessantes para contar à reportagem. Mas os seus anos de recolhimento e devoção não se podem contar pelas contas de seu rosário.





O silêncio do mosteiro convida ao trabalho. Irmão Paulo foi, na vida mundana, um grande escultor e desenhista. Hoje, no momento em que as orações lhe deixam vagos, ele elabora os projetos de remodelação do edifício do mosteiro, para que sejam apresentados ao Patrimônio Artístico e Histórico, que é o proprietário da grandiosa obra arquitetônica. Irmão Paulo é um grande ilustrador modernista e um escultor sacro de raríssimas qualidades.

a abadia. Todos os nossos dirigentes são pois escolhidos através de eleições. A nossa hierarquia é simple. Temos, é verdade, arquibadias e priorados, mas estes últimos nem sempre são subordinados às abadias, agindo antes como comunidades autônomas.

— No mais, tenho a dizer-lhe que a nossa vida, em contraste com a grandiosidade do

Quando nos encontrávamos no convento vimo-lo entregue ao seu trabalho, desenhando plantas e decorações necessárias à nova e monumental obra de conservação. E' ele o irmão Paulo, arquiteto já conhecido na Bahia, e que não faz muito tempo abraçou a vida monástica. Como artista ele nada deixa a desejar. Os seus traços, puramente modernos, nada têm de exagerado e grotesco. Um Cristo morto de sua autoria, copiado em bronze, está se tornando popular. Além de escultor e arquiteto irmão Paulo dedica-se também ao desenho, tendo mesmo ilustrado um livro de missa com notáveis traços, que tivemos ocasião de apreciar.

O ESPÍRITO DA ORDEM BENEDITINA

Natural que a nossa curiosidade de reporter nos levasse a querer saber algo sobre os beneditinos em função da Igreja. E' D. Clemente Isnard que nos responde:

— Os mosteiros beneditinos são autônomos. Por isso não há muito espírito de corpo na Ordem. Os mosteiros querem ser eminentemente católicos, universais. A liturgia romana encontra nos mosteiros beneditinos um ambiente propício à sua realização, e podemos

dizer que talvez no Brasil inteiro o mosteiro do Rio seja o único que canta todos os dias a missa pelo Gradual Romano, livro de canto oficial da Igreja Romana. Os mosteiros beneditinos procuram salientar o que há de mais importante, de mais central na Igreja de Cristo, isto é a vida divina que nos é comunicada pelos sacramentos, a Missa — fonte de todas as graças, numa palavra — a vida litúrgica. Talvez, por causa disso, têm o raro privilégio de nunca ter saído uma heresia do seio da Ordem. E' um fato que deve ser sublinhado: de outras ordens religiosas, ou melhor, de seus membros, originaram-se movimentos heréticos, erros contra a fé. A Ordem Beneditina, a mais antiga de todas, nunca viu sair de seu grêmio um erro contra a fé que merecesse ser registrado.

Continuando a nossa conversa com o monge, perguntamos-lhe como se regia a vida monástica, do ponto de vista da administração e hierarquia. E o frade nos responde prontamente:

— Hoje, que tanto se fala em democracia, justo é que se dê como um exemplo típico de governo democrático os que regem as nossas comunidades. Temos um abade que dirige o mosteiro e todos os priorados dele dependentes.

— Este abade é obrigatoriamente o mais velho membro da comunidade?

— Não. Entre nós, em 1933, foi escolhido, ao contrário, um dos mais novos. Eleito D. Thomaz Keller O. S. B., tem até hoje chefiado

Recortadas pela luz clara do meio dia, as figuras dos monges põem uma nota de misticismo no claustro silencioso e solene. No candelabro colonial de linhas exóticas arde um cirio, lutando com a sua luz fraca de vela moribunda contra a claridade do sol tropical.



(Conclui na pág. 54)



THELMA E WILLIAM

OS MAGOS DA TELEPATIA

O misterioso fascina sempre a natureza humana. Imaginar, perguntar, admirar são verbos muito mais ricos do que "compreender". E a infância não deixaria saudades a ninguém, se a gente conservasse pela vida em fora a capacidade de acreditar no milagre. Vem dessa necessidade do maravilhoso o sucesso dos telepatas e dos adivinhos, dos mágicos e dos ilusionistas. William e Thelma pertencem a essa família privilegiada de artistas; ninguém sabe de onde vem o poder que lhes permite ler no pensamento alheio — se é uma condição especial da inteligência e da sensibilidade ou, apenas, uma capacidade prodigiosa de hipnotizar a platéia. O certo é que eles atuam no plano do irreal. E mantêm a platéia suspensa dos seus milagres e dos seus "passes". Há muito o palco do Atlântico não mostrava um número tão interessante e tão calorosamente aplaudido pelo público.



OS MORTOS DEVEM SER ENTERRADOS

Sobre a mesa, no escritório, havia um telegrama curioso. O envelope era diferente do habitual e trazia uma série de carimbos. John apanhou-o e leu, estupefato, o pedido do amigo.

Um dos últimos raios de sol que desaparecia no horizonte bateu em cheio no rosto de John quando este desceu do trem, tendo na mão sua valise. Não havia ninguém na estação, que tinha um aspecto de mau trato e abandono. John seguiu para a rua principal onde um carro puxado por um cavalo magro era carregado com sacos de farinha tirados da estação.

— Podia me dizer, por favor, onde posso encontrar um hotel?

O carregador parou o trabalho e olhou para ele com ar desconfiado. Depois, cuspiendo no chão o fumo que estava mascando, disse, laconicamente:

— Primeira rua à esquerda.

— Obrigado.

Apanhando novamente sua valise, seguiu na direção indicada, percebendo que, em vez de reencetar sua tarefa, o homem ficara a contemplá-lo, observando-o afastar-se. John conhecia bem a curiosidade dos habitantes de uma cidadezinha pequena quando aparece um forasteiro, mas, de certo modo, a expressão do homem não era a mesma a que ele estava habituado nas suas viagens: havia nela qualquer coisa de hostil. Vendo surgir à sua frente o hotel, John esqueceu as suas reflexões e entrou. Era um edifício baixo que se espalhava por quase todo um quarteirão, em péssimo estado de conservação. Parecia, mesmo, pela arquitetura sólida da casa, que tinha sido construído em outros tempos quando a cidade era mais prospera. Naquele dia John não sabia bem se isso seria simplesmente uma primeira impressão, porém parecia também ter um ar triste de coisas abandonadas. Dentro, no hall, havia um cheiro de mofo e uma humidade que se tornava aparente desde que se pisava dentro da sala.

O hall era grande, espaçoso, tinha cortinas pesadas, verdes, que o tempo desbotara. Um homem magro e alto dormitava no balcão.

John acordou-o.

— Hum! Que há?

Esfregando os olhos o porteiro encorou-o, espantado, e percebendo que John era desconhecido arregalou os olhos e repetiu:

— Que há? Que deseja?

— Preciso de um quarto.

— Por quanto tempo?

A pergunta, John percebeu, não era devida a falta de quartos — o hotel, aparentemente, apesar de seu tamanho, estava vazio, mas um desejo do porteiro de obter o maior número de informações possível dele.

— Por algum tempo. Não se preocupe com isso. Onde está a ficha?

Sem mais uma palavra o porteiro entregou-lhe um caderno sujo, de folhas amareladas, onde ele escreveu o nome, o endereço em Nova Iorque, a profissão.

Quando o homem leu a profissão, perguntou:

— Detective, hein?

— Particular.

— Ah...

John não lhe deu mais atenção. Um nome, bem acima do seu, assustara-o. Sim, vê-lo ali, fora uma surpresa... A última pessoa que assinara naquele registro de hóspedes — havia cinco anos, era Floyd Marston, seu amigo, o mesmo que lhe mandara aquele telegrama quase incompreensível, meio louco, e que fora a causa de sua viagem àquela cidade do interior. Imaginou, então, vê-lo Floyd, com Leonora pelo braço, entrando naquele antro mal iluminado...

— Seu quarto é no andar térreo disse o porteiro. E John não se lembrou de protestar.

— Onde mora o xerife?

— O xerife?

John lavara as mãos, o rosto, deitou no quarto a valise e voltara à portaria.

O porteiro, evidentemente, repetia a sua pergunta para ter tempo de pensar. A informação entretanto poderia ser obtida facilmente em outra parte e ao que parece ele tinha compreendido aquilo pois respondeu:

— Mora aqui pegado ao hotel. Mas agora ele deve estar no escritório.

— Onde é?

— Bem na esquina.

Seguiu sem mais uma palavra.

O xerife levantou os olhos do papel que estava lendo quando John entrou e perguntou:

— Que quer?

— O senhor é o xerife?

— Sim. Que deseja? Responda!

— Não se apresse. Eu quero uma ordem do senhor para obter a exumação do corpo de Leonora Marston.

— Para obter o que?

Já contava com a surpresa. Por isso repetiu com a maior calma.

— A exumação do corpo de Leonora.

— Tolice!

— Muito me admira a sua atitude, xerife. O senhor nem me pede as razões do meu pedido e já diz que se trata de uma tolice. Se não me engano, o senhor estava de cama, doente, quando Leonora morreu. Nem teve nada a ver com o inquérito sobre sua morte misteriosa. Como pode afirmar que nada houve?

— Escute, meu amigo, você pensa que eu não sei o que se passa na minha própria cidade?

— Um momento. Vamos aos fatos.

O marido de Leonora está longe, lutando na guerra. De repente recebe uma carta dizendo que sua mulher morreu de um ataque cardíaco quando ele sabe muito bem que ela não sofre do coração. Ele escreve pedindo detalhes e ninguém responde.

— Mais tarde sabe que ela foi encontrada morta na porta de casa, caída sobre um canteiro. Pede que investiguem a morte dela com cuidado. Recebe a notícia de que ela foi enterrada sumariamente, sem mais...

— Um momento. O médico da cidade, estando eu doente, encarregou-se de fazer o exame e declarou que ela morreria de um ataque cardíaco. Ninguém melhor do que ele poderia dizer...

— Mas, para mim, não basta.

— Ora cessal E com que autoridade?...

— Tenho no bolso uma procuração do marido para agir em nome dele. Além disso, antes de vir para cá informei-me sobre a situação nesta cidade e descobri que o senhor deve acabar seu período breve e haverá novas eleições. Se não me engano a oposição ao senhor aqui não é pequena e acontece que eu conheço muito bem o diretor do jornal desta cidade e...

— Um momento, meu amigo. Não vamos brigar... Afinal de contas, não creio que haja prejuízo...

— Nesse caso concorda?

— Concordo.

— Bem, então...

Estava se despedindo do xerife quando chegou o médico.

— Justamente eis aqui o médico, Dr. Truelow com o filho.

O médico e o filho Bill Truelow receberam a notícia de que o corpo de Leonora ia ser exumado com surpresa.

— Mas, que sucedeu? perguntou o médico.

John, lembrando-se de que, afinal, aquela exumação era uma ofensa ao médico, desconfiando do seu exame, disse:

— O marido de Leonora pediu que fizesse isso, para que não reste nem sombra de dúvida que...

Mas Truelow atalhou-o:

— Não se constranja. Eu não me oponho.

Tinha sido marcado para o dia seguinte a exumação. À meia-noite John apagou a luz no seu quarto de hotel e dispôs-se a dormir. Mal tinha se acomodado melhor, ouviu um ruído na janela. Lembrou-se então de que estava no andar térreo e era de fácil acesso. O ruído continuava. Ele levantou-se da cama e foi colocar-se ao lado da janela, esperando para ver o que aconteceria. De repente, a veneziana começou a subir lentamente e uma mão enluvada, empunhando um revólver apareceu. O tiro fez um sulco de luz na escuridão de quarto e a bala foi se encaixando na cama onde John deveria estar deitado... Imediatamente John correu, abriu a janela e pulou para o jardim. Mas já o vulto tinha desaparecido na noite... De repente começaram a abrir-se as janelas das casas vizinhas e o murmúrio do povo aumentou.

— Que foi?

Era a pergunta que corria.

Quando, finalmente, tocou em coisa sólida, o coveiro disse:

— Tocamos ali.

De fato apareceu logo depois a tampa de cimento armado debaixo da qual deveria estar o caixão encerrando o cadáver de Leonora. Os homens juntaram as suas forças e puxaram, mas logo que o primeiro olhou para dentro voltou atrás, horrorizado. Em lugar do caixão com o cadáver de Leonora, havia o corpo de um homem, com o crânio esmigalhado.

Foi Lew Martin. Descobriram afinal a identidade do homem.

— Mas como veio parar aqui?

John tinha uma explicação:

— Ele com certeza ia passando quando notou alguma coisa de anormal no cemitério. Entrou para ver o que era e era o criminoso roubando o corpo de Leonora. Como ele foi imprudente o homem notou-o e matou-o colocando no melhor esconderijo possível; a própria cova.

— Que coisa pavorosa...

— E quem será o homem que tentou matar-me? pensava John. E porque ele roubou o corpo de Leonora? Com certeza usava veneno e, sabendo da exumação...

Foi o diretor do Clarim, jornaleco local, ex-colega da redação de um jornal novaiorquino quem o pôs na pista certa.

— Sabe quem pode lhe dar informações sobre Leonora? É um tal Harvey Sinclair.

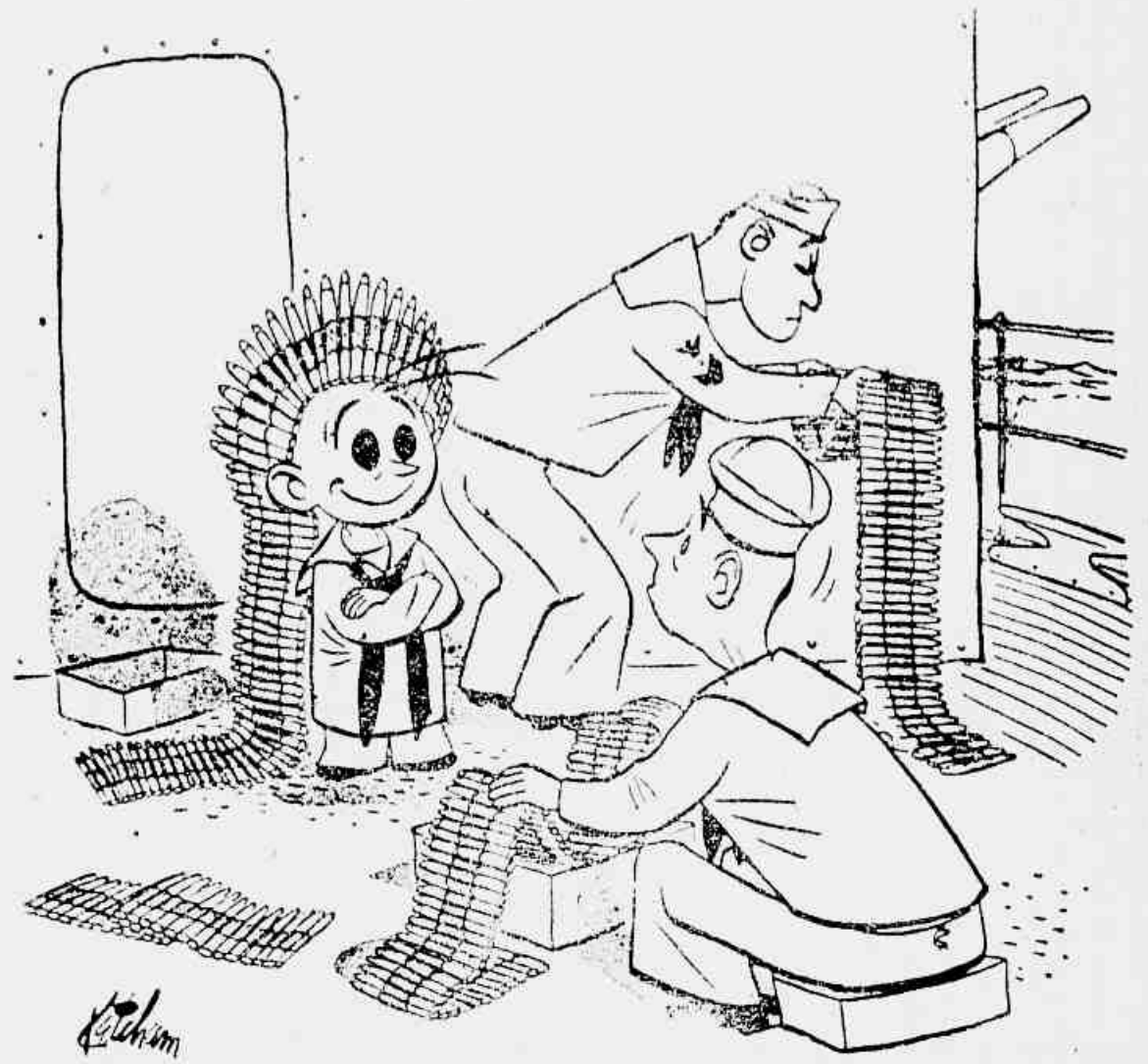
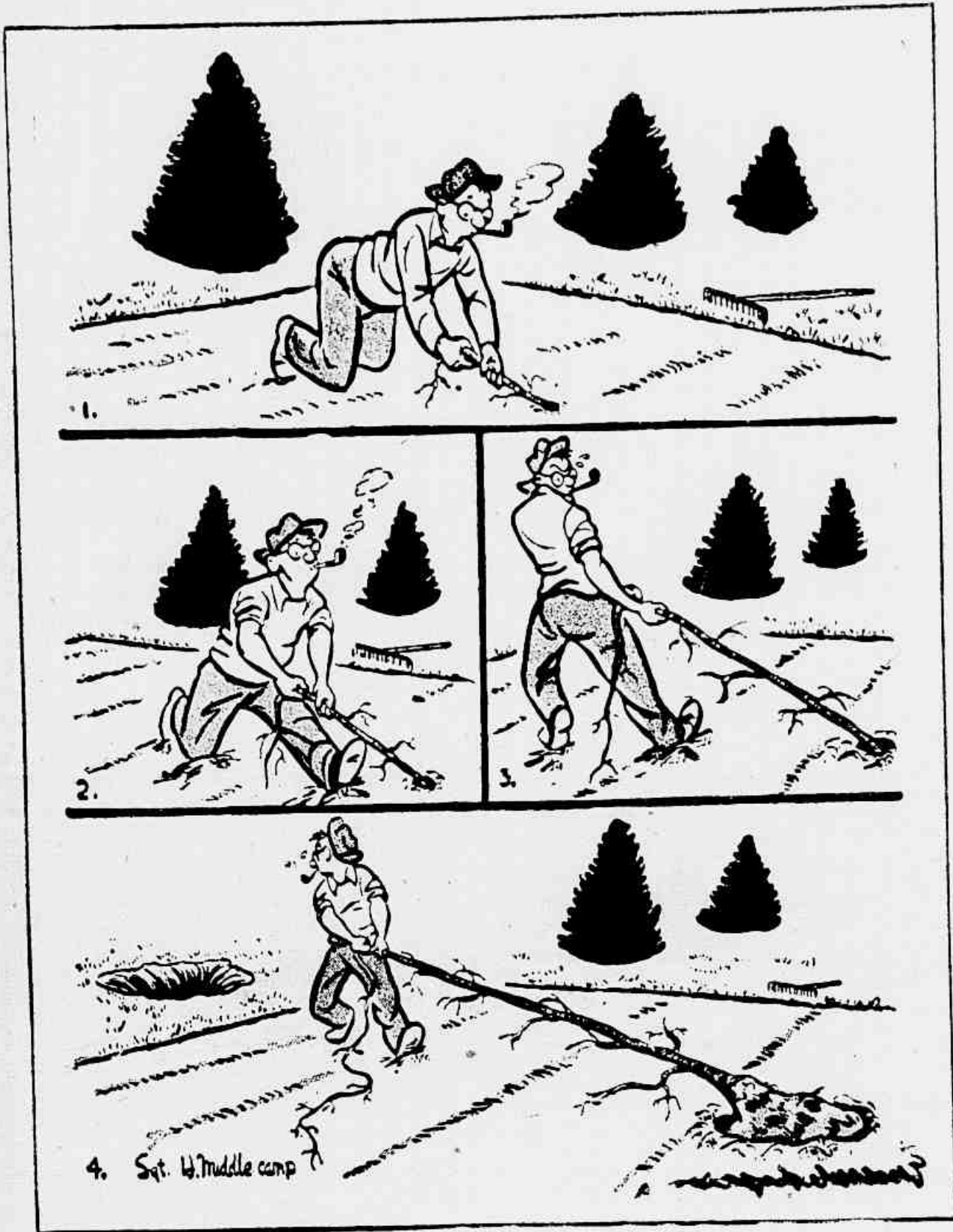
— Quem é ele?

— É um camarada esquisito. Imagine você que ele estava apaixonado pela Leonora mas nunca teve coragem de dizer isso a ela. Porém quando ela morreu ficou patente o fato. Ele passou o dia inteiro na porta da casa dela, chorando... Uma coisa trágica.

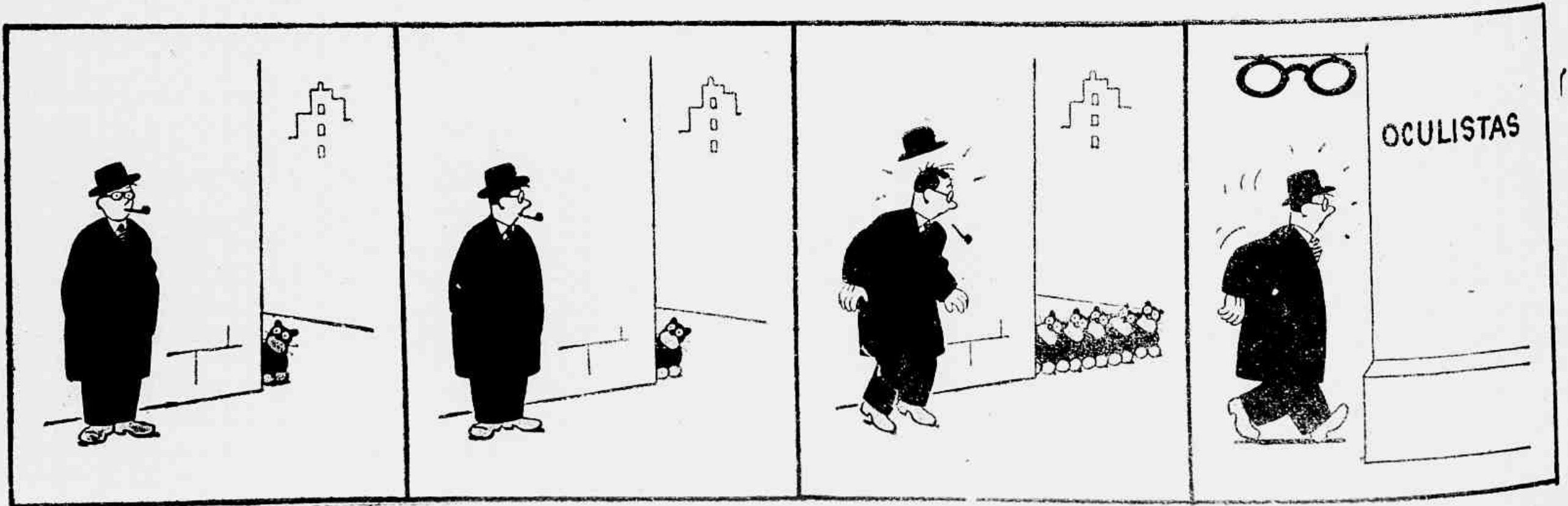
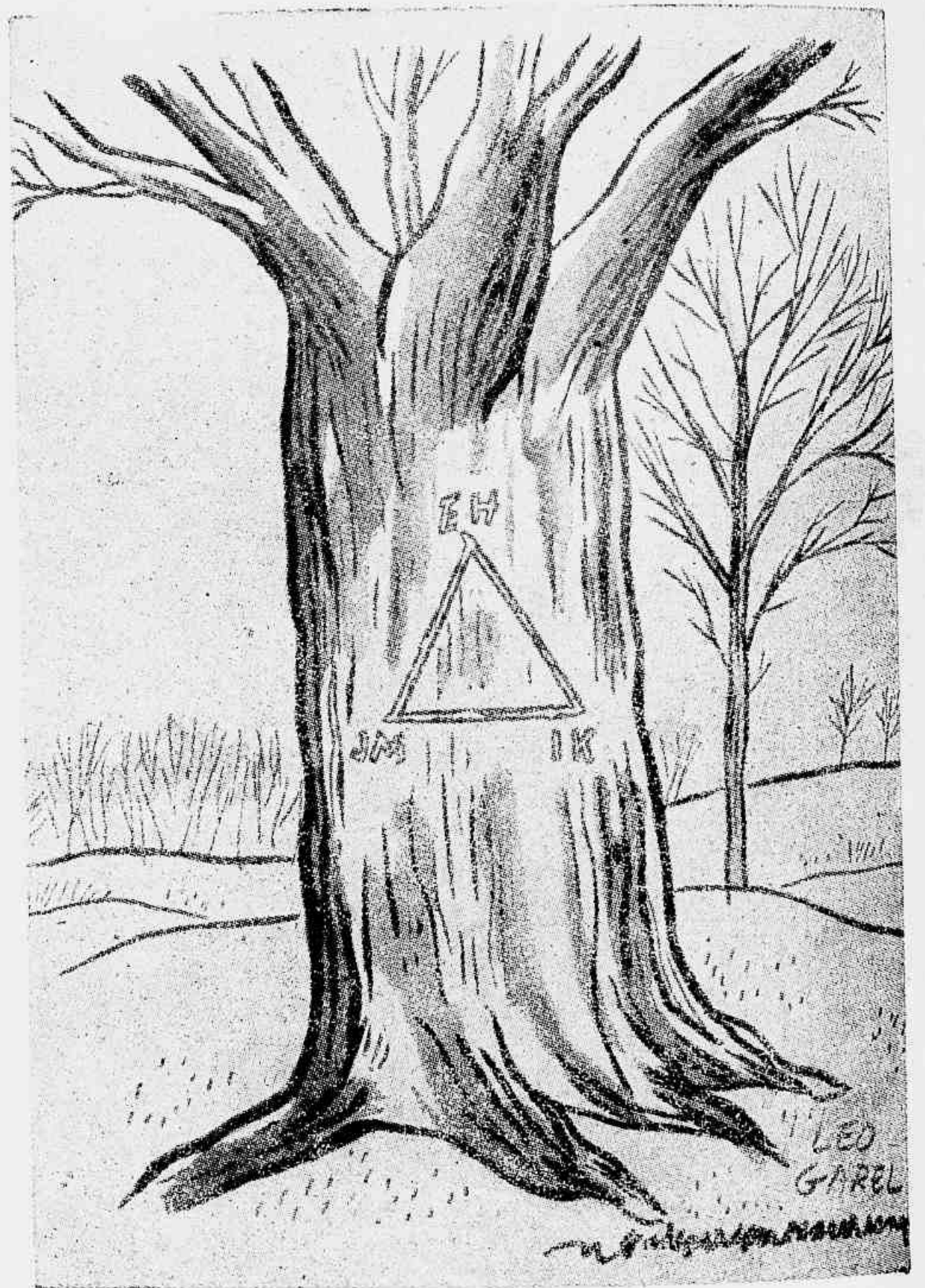
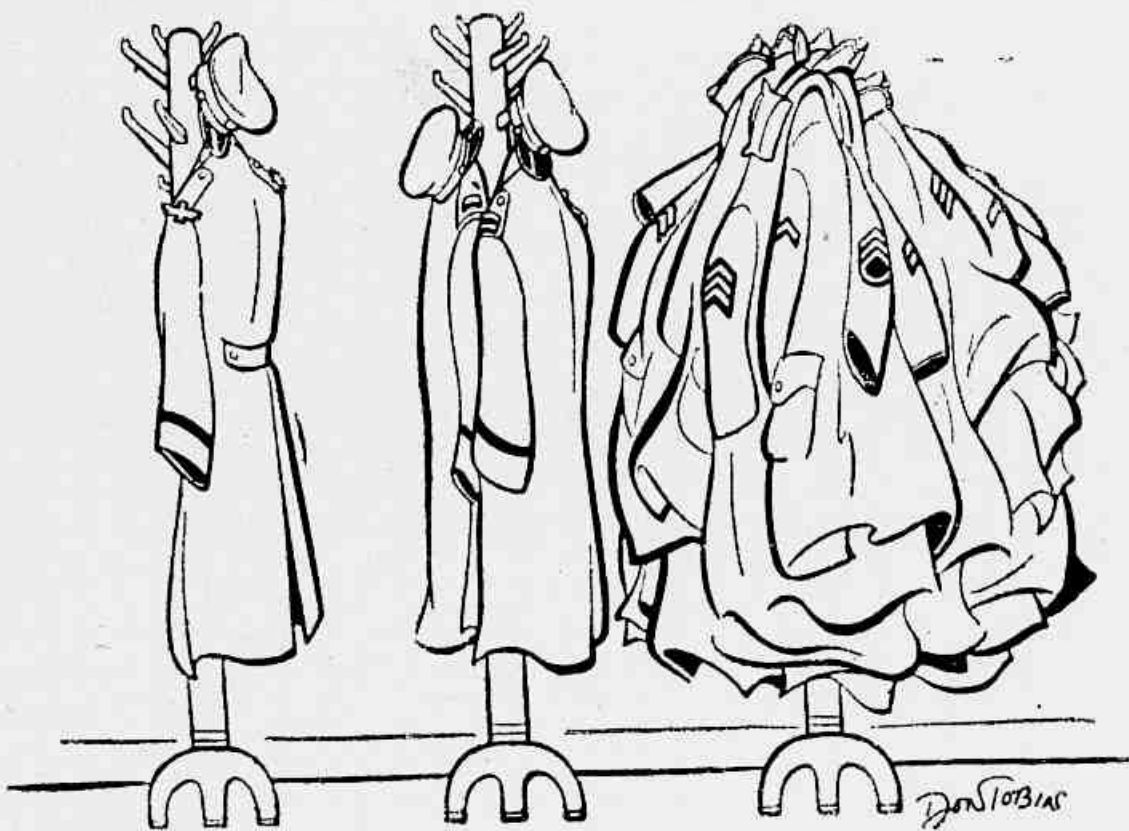
Não sei o que me levou a olhar, primeiro pela janela, antes de bater à porta. Parece que foi intuição. Ele, com certeza, não esperava que alguém fosse lá. A janela do primeiro andar estava aberta e havia uma trepadeira que dava fácil acesso. Quando trepei por ela para espiar não esperava de modo algum ver o que vi.

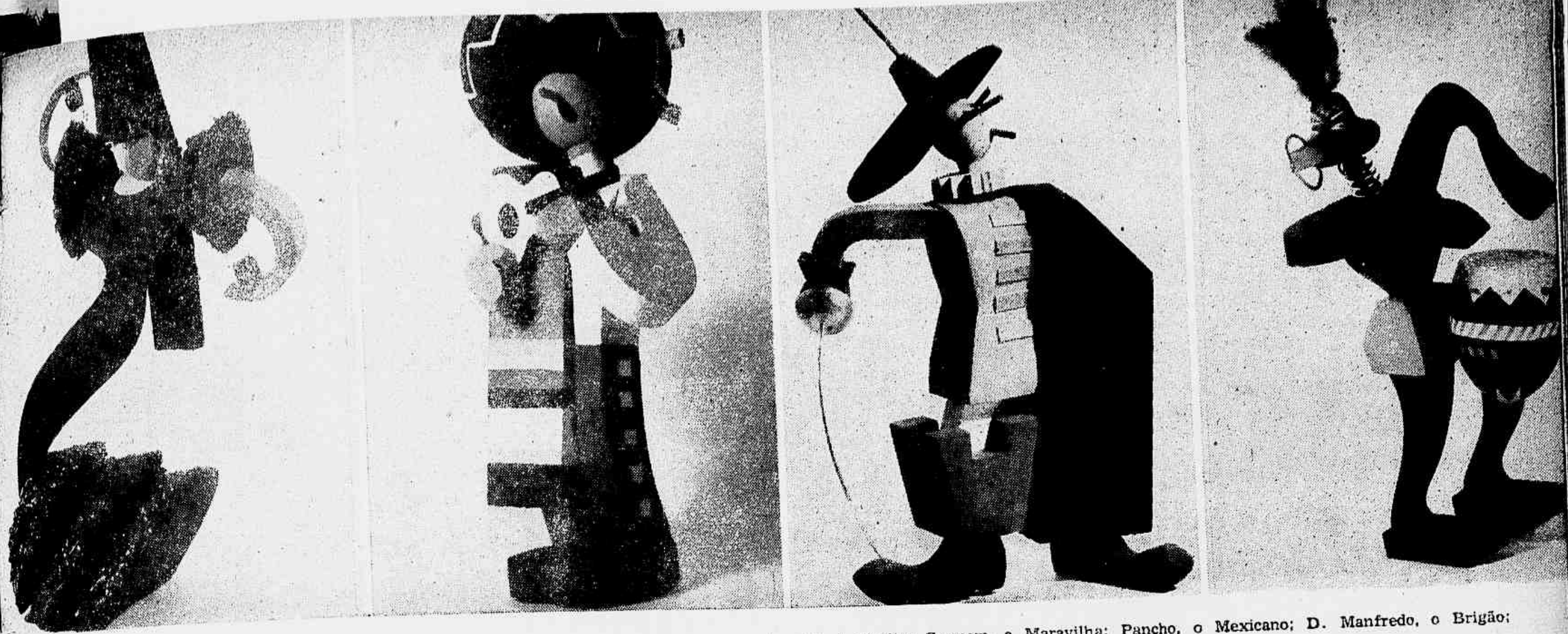
Ali, bem no meio da sala, havia um estrado. Sobre ele, um caixão, aberto. Dentro, Leonora. Harvey Sinclair, como um louco, de olhos arregalados,

Continua na pag. 43



DE BOM HUMOR





Quatro bonecos de Piló, representando tipos espanhóis, mexicano e africano. Da esquerda para a direita: Carmem, a Maravilha; Pancho, o Mexicano; D. Manfredo, o Brigão; Zimba, o tocador de "tsiquits".

UMA CONCEPÇÃO NOVA DA ARTE ESCULTURAL — TIPOS PORTUGUESES E PERSONAGENS INFANTIS — UM ARTISTA LUSITANO SOBE O MORRO

UM viajor curioso, este Manoel Piló, que se encontra hospedado no Hotel Avenida. Veio da Europa, atravessou o Atlântico apenas para conhecer a nossa gente e os nossos homens, ouvir as suas canções, contemplar os seus bailados, estudar os seus tipos e depois, com um pedaço de madeira e um buril, reduzir toda a vida folclórica do Brasil a um conjunto escultural cheio de poesia e graça.

Manoel Piló é português de Lisboa. Desde menino tem a mania da escultura. Mas as suas tendências inatas de poeta levaram-no a construir, dentro das três dimensões da arte maravilhosa em que empenhou o seu talento e a sua imaginação, um mundo maravilhoso e subjetivo, como que um sonho infantil que a varinha de condão de uma fada levasse para dentro de um atelier de escultor, concretizado em madeira e tintas.

BONECOS QUE FALAM

Libertando-se das normas estreitas da escultura académica, o artista português lançou-se a um gênero de arte inteiramente novo, esculpindo em madeira bonecos arrojados, de linhas caricaturais e expressão impressionista, que vivem, não só pela forma, como mais ainda pelo colorido que Piló lhes dá, ora através de misturas suaves, ora com o emprêgo de tintas fortes, segundo o efeito que cada personagem de seu mundo maravilhoso deve provocar aos espectadores.

Do dia 1 a 10 de maio, Manoel Piló expôs os seus bonecos na Associação Brasileira de Imprensa. A expectativa do artista foi superada pelo sucesso causado pela sua mostra. Todos compreenderam que havia naqueles bonecos, não apenas uma reprodução desgraciosa de figuras grotescas, mas algo de mais subjetivo e artístico. Em cada uma das figuras, onde transparecem as formas e os coloridos modernistas, Piló pôs muito de sensibilidade e de poesia.

Os bonecos dispostos sobre as montanhas eram nossos velhos conhecidos, embora os estivéssemos vendo, palpáveis e concretos, pela primeira vez. Mas todos haviam vivido em nossos sonhos infantis, povoando o mundo imaginário, perdido na distância do tempo e na amplitude do universo irreal que havíamos construído.

Diante dos bonecos coloridos do artista português voltavam agora, num retrocesso

saudosista, os nossos anos de menino. Ali estava diante de nós, numa expressão maravilhosa, a figura de Pat, o Clown, como um reflexo nítido do nosso super-ego aposentado.

Piló revela-se, através de seus bonecos, um perfeito conhecedor da psicologia infantil. Aquelas figuras de madeira que ele furta, à custa de imaginação e perspicácia, do mundo infantil de seus filhos, são amigos e conhecidos dos filhos de todos os pais do mundo. Bill, o cow-boy, é o herói permanente e imortal de gerações e gerações de garotos, e está onipresente em todos os meridianos e paralelos. Onde houver uma imaginação infantil em funcionamento, ali está também Ivor, o Rei.

Eis por que mais humana e mais bela se torna a arte de Manoel Piló. Ela é, em parte, a reprodução colorida e viva do mundo irreal da infância, com todos os seus personagens subjetivos, que os meninos vão tirando de suas cabecinhas tentas para formar uma espécie de Eden, bem melhor que este nosso "vale de lágrimas".

O artista português está fadado a se tornar um nome internacional: ele está para a escultura moderna assim como Walt Disney está para o cinema.

RETRATO DA ESPANHA E PORTUGAL

Mas não só o mundo infantil sugere ao artista os motivos de suas esculturas. Ele os busca também no seio das multidões, entre os tipos característicos de cada povo e de cada região.

Começou por retratar na madeira os tipos portugueses mais pitorescos e representativos das gentes lusas. E a sua coleção de bonecos nesse estilo traz em si todo um folclore e nos conta a história de todo um povo.

De Portugal Piló passou à Espanha, onde continuou as suas pesquisas folclóricas. Ali andou também colhendo alguns tipos, que hoje figuram em suas exposições. E todos eles vivem e se agitam, movimentando-se através de nossa imaginação, pois, vendo-os, não podemos acreditá-los figuras inanimadas de madeira, tomando-os antes por personagens de uma história romântica, que um poeta letrado conseguisse solidificar.

Temos por exemplo esta figura notável

Continua na pág. 45.

PILO E SEUS BONECOS

Em seu quarto de hotel, o artista português passa em revista o arquivo fotográfico, onde estão catalogados todos os seus bonecos. Em primeiro plano, sobre a mesa, aparece a figura de Hula, a negra da "Kinda", um dos tipos da África Ocidental Portuguesa reproduzidos por Manoel Piló.



Bernardo Guimarães e Paula Ney

Escragnolle
Doria

OURO PRETO, em 1825, foi berço de Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, de nome e último apelido que poesia e prosa gravariam em abreviação na literatura nacional.

No bem querer à poesia Bernardo Guimarães seguia o pai, o sabarense João Joaquim da Silva Guimarães, deputado à primeira legislatura do Império, amigo de versejar e, num soneto dedicado a D. Pedro II, mostrando ao soberano ter o seu súbdito vivido em quatro reinados, os de D. Maria I, D. João VI, D. Pedro I e o do próprio D. Pedro II.

João Guimarães autodidata quis o filho diplomado. Mandou-o a S. Paulo e sua Faculdade Jurídica.

A escola, primária, secundária ou superior, é viveiro para amizades grandes, das que da infância ou da juventude acompanham-nos à sepultura.

No convívio acadêmico em S. Paulo, grangeou Bernardo Guimarães dois principais amigos, um Aureliano Lessa, seu compatriota, outro Alvares de Azevedo, o paulista tão de pendor carioca.

Poetas, os três amigos idearam a publicação em comum de seus versos reunidos sob o título *As Três Lyras*. A sorte decidira contra o pressuposto da amizade, Aureliano e Alvares de Azevedo só de livros póstumos.

Formado em 1851, Bernardo iniciou vida na magistratura, na qual irmão mais velho, Joaquim Caetano da Silva Guimarães, subiria até o Supremo Tribunal de Justiça.

Bernardo Guimarães limitou-se ao juizado municipal exercido em Catalão, Goiás. Passou do pretório à cátedra, lecionando retórica e filosofia no Liceu de Ouro Preto.

Atraía-o o Rio de Janeiro e sua imprensa. Entrou Bernardo para a redação da *Atualidade*, gazeta na qual dois mineiros, Flávio Farnese e Lafayette Pereira escreviam e eram lidos, o que nem sempre sucede.

Encostou-se Bernardo Guimarães à redação da *Jornal do Comércio*, que lhe deu a incumbência de acompanhar os debates do Senado.

Da incumbência resultou amizade, a de Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Pedro, representantes de dois jornais que fizeram época, o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Correio Mercantil*. Mais do que centenário sobrevive o *Jornal do Comércio*, os outros órgãos da imprensa recolhidos a coleções de bibliotecas para preciosas informações a quem deseja afirmar certo.

A serviço de profissões diversas nunca se esqueceu de letras, cultivando a poesia de sêlo lírico, o romance de cunho regionalista, por pouco tempo se entregando à crítica literária sem as qualidades essenciais do crítico, a serenidade, o respeito pelo estorço alheio, no apontar defeitos tantas vezes em maior número no crítico, salvo se nada produzindo se resguarda do juízo alheio.

Mais acusador que conselheiro, Bernardo Guimarães analisou obras poéticas de Macedo e Junqueira Freire, *A Nebulosa e Inspirações do Claustro*, para que no fim de contas nem os criticados nem mesmo o crítico deixassem de ser o que são na literatura nacional.

BERNARDO GUIMARÃES
(Ouro Preto — 1825-1884)



Na fase de sua vida acadêmica, Bernardo Guimarães deu larga a espírito galhoiteiro modificado pelo correr do tempo e das decepções temperadas pela felicidade de haver encontrado uma boa esposa.

Ainda assim isolou-se, entristeceu para um dia ter uma grande alegria com as homenagens que, de visita a Minas, lhe prestaram o imperador e a imperatriz do Brasil em circunstâncias memoráveis.

No fim da vida dividia-a Bernardo Guimarães entre duas cidades mineiras de residência, ora em Ouro Preto, ora em Queluz de Minas, outra Queluz contando S. Paulo às margens do Paraíba.

Ouro Preto dizia melhor a Bernardo Guimarães melancolizado, Ouro Preto então e até hoje de inconfundível marca pela idade do ouro em Minas em seu tempo de capitania, assinalado em edifícios, igrejas, chafarizes, pontes, tudo ao sobrestar dos homens e das cenas da Inconfidência.

Qual a maior aspiração de um escritor? O de ser lido ao menos no seu tempo, que ser lido por vindouros não é para qualquer manejador de pena.

Em 1875 estava Bernardo Guimarães em Queluz, onde lhe veio às mãos uma carta. Vinha de longe, de Fortaleza. Subscrevia a missiva um moço cearense, um desses desinteressados amigos que discretamente acompanham um escritor e ao se revelarem o estimulam.

Bernardo Guimarães respondeu ao moço cearense, nestes termos:

"Ilmo. Snr. Francisco de Paula Ney.

Queluz, 1 de Novembro de 1875.

Tenho presente a sua carta de 31 de Agosto ultimo e peço-lhe mil desculpas por ter levado tanto tempo a responder a V. S.

Causou-me summo prazer o vêr que meus pobres escriptos fizerão vibrar as cordas de uma alma nova, cheia de talento e de nobres aspirações, e que merecesse d'ella algumas apreciações entregues á publicidade da imprensa.

Isto sobretudo me lisongea, porque, segundo me parece, as letras do Sul do Imperio são muito pouco conhecidas no Norte, ao passo que nós conhecemos e apreciamos devidamente Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Alencar, Castro Alves e outros.

Sinto somente comunicar-lhe que recebi somente a carta de V. S. e que até então não me chegarão ás mãos os dous artigos impressos no *Maranguapense*, do que tenho muito pesar.

Devem ser muito bem escriptos, pelo que deprehendo da carta de V. S.^a, na qual se revela cultura de espirito e criterio bem pouco communs em tão verdes annos.

E pois não recebi os seus artigos, o que summamente me penalisa, se não fosse receio de importunar-lh'os pediria ainda.

Se eu morasse na corte, não o incommodaria porque alli achão-se jornaes de todas as provincias, mas aqui me é impossivel obtel-os.

Tenho o mais vivo desejo de saber por que modo me apprecia um espirito de 17 annos, no qual Deus soprou chamma de talento.

Tambem eu sou pobre, casado e com quatro filhos ainda na infancia, nunca tive gello para ganhar dinheiro, e tenho um talento admiravel para gastal-o sem saber como, mas nem por isto abandono a carreira das letras; é minha vocação irresistivel.

Não a abandone tambem, Snr. Ney, ao lado de outras occupações mais lucrativas que não sejam por demais trabalhosas, não deixe nunca de cultivar as letras, para o que mostra tanto pendor e aptidão.

Com algum sacrificio no presente ellas lhe podem proporcionar um futuro brilhante. Disponha do limitado prestimo do seu amigo e criado

Bernardo Guimarães."

O destinatário da carta era Francisco de Paula Ney. Segundo o barão de Studart, bio-bibliógrafo de tanta gente do Ceará, Ney nasceu em Fortaleza, e em 1858, estando pois certa a idade por elle mencionada na carta a Bernardo Guimarães. O vêzo de subtrahir idade entra a crescer com a adição dos annos.

Ney veio ao Rio de Janeiro, à sua boemia literária, à rua do Ouvidor, à Confeitaria Castellões, ponto de reunião da citada boemia.

Frequentaria Ney, assiduamente, redações de jornaes onde os folhetins falados competiam com os do rodapé.

Um dia resolveu Ney assentiar um bocadinho a vida, e, por muito que parecesse estranho, entrou o boêmio para o funcionalismo público, burocrata em cargo na Hospedaria de Imigrantes na ilha das Flores.

Morreria Ney vitimado pela tuberculose, em 1897, aos trinta e nove annos, vinte e dois após os agradecimentos e os conselhos de Bernardo Guimarães.

No correspondente a carta indica pendor para as letras, pendor sem ir adiante, por effeito de vida dispersiva, inutilizando prosseguir de intelligência necessitada de cultivo sério.

A carta de Bernardo Guimarães neste revela lados curiosos. Não hesita o escritor, dirigindo-se a desconhecido, em confessar pobreza e o seu nenhum jeito para ganhar dinheiro, e com admirável talento para gastá-lo sem saber como.

Mas o que na missiva de 1875 mais fere attenção, enternecendo, é a declaração de Bernardo Guimarães de não abandonar a carreira das letras, sua "Inclinação irresistível" e a de quanto a têm por uma das melhores coisas da vida transiçória a todos os momentos

O "TAL" QUE AS MULHERES GOSTAM

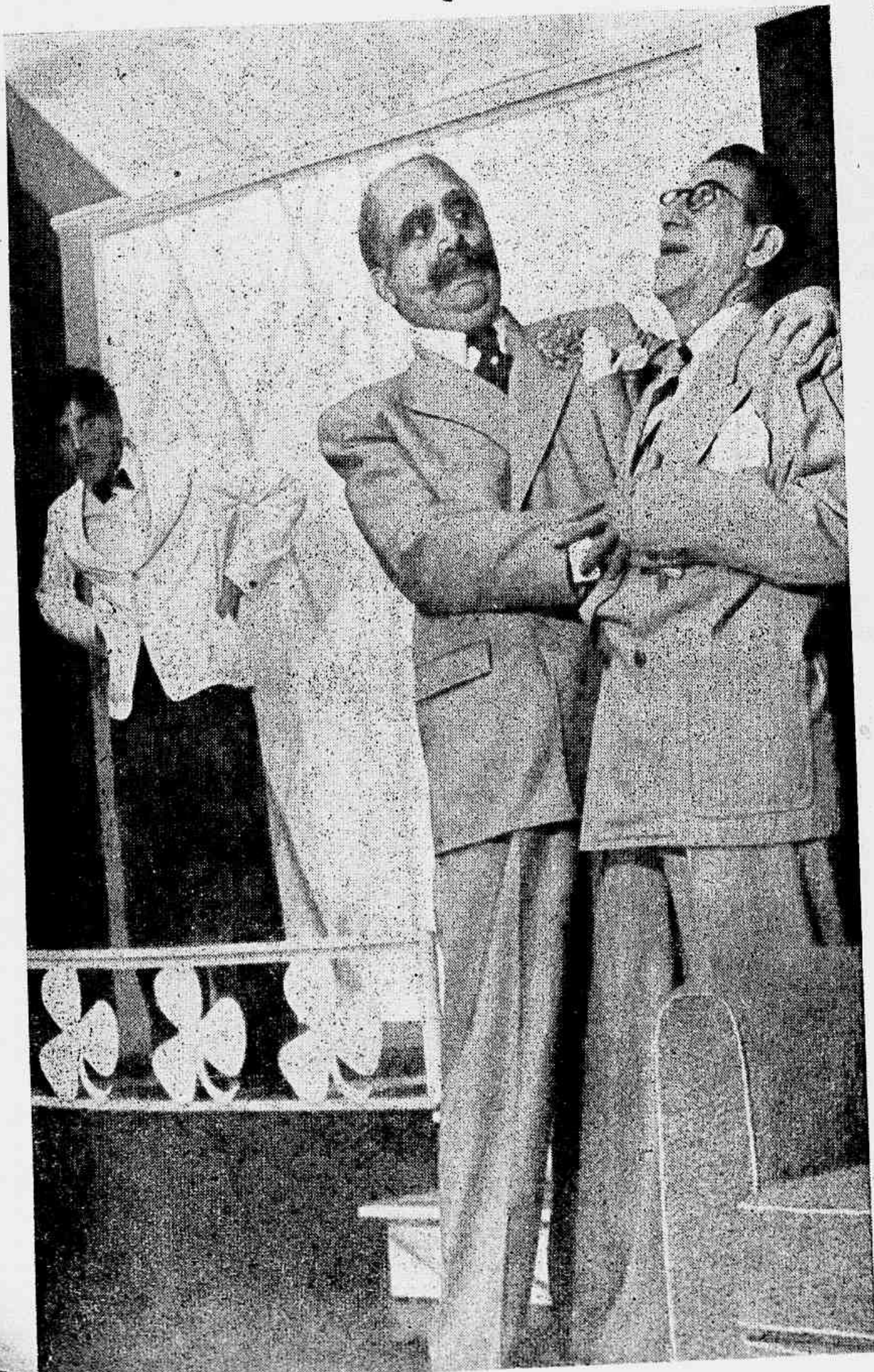
A REVISTA DA SEMANA continua oferecendo aos seus leitores a síntese fotográfica das peças de maior sucesso da temporada. Aqui estão, hoje, as seqüências culminantes da comédia de Miguel Santos "O "Tal" que as mulheres gostam", levada à cena pela Companhia Jaime Costa, com o seguinte desempenho:

Trancoso	Jaime Costa
Jandira	Nelma Costa
Lourenço	Aristoteles Pena
D. Gertrudes ...	Cora Costa
Paulo	Francisco Dantas
Florisbela	Aurea Rios

Trata-se de um espetáculo cuja finalidade exclusiva é a de divertir a platéia, e isso tem realmente acontecido no Glória, onde "O "Tal" que as mulheres gostam" continua em cartaz.

1 "Seu" Trancoso é um homem austero, viuvo e incorruptível, padrinho do jovem Paulo. Com êle resolve morar, desde que perdeu a companhia da "falecida", mas estava longe de saber a pinta do afilhado. Paulo é um conquistador de marca. Ao chegar, "seu" Trancoso encontra-se com o velhote Lourenço, amigo de Paulo, e com quem combina uma formidável farra, só para matar saudades... da farra e da mocidade. "Seu" Trancoso precisa divertir-se, que diabo! A vida são dois dias!

2 E começam a surgir as complicações. Florisbela, uma nova amiguinha de Paulo, encontra-se em casa dêste com Jandira, antiga namorada do afilhado de "seu" Trancoso. E aproveita o ensejo para entregar-lhe algumas cartas. Trancoso e Lourenço assistem à cena e aguardam os acontecimentos, pois prevêm que aquela entrega das cartas certamente não pode dar em boa coisa. Florisbela rompeu com Paulo, está livre, não quer mais complicações com um rapaz noivo, futuro pai de filhos...





3 Sabendo que a morena bonita está sem qualquer compromisso, Lourenço, que é um assanhado de marca, resolve declarar-se. Põe o joelho em terra e lhe oferece uma joia, para começar. E' assim que se conquistam as mulheres bonitas... Mas pobre Lourenço! Ele não sabe que a esposa, que entrou de mansinho, assiste à cena. Ela, que imaginava ter como esposo o último homem fiel d'esse mundo, sabe agora que nem esse se salvou como exemplo. Lourenço é homem morto. Vai sofrer um bocadinho...

5 Enfim, o astucioso Trancoso safa-se de uma embrulhada. Mas quem dizia o contrário? Ele há de ser sempre o "tal". E o criado em casa do Paulo é o primeiro a admirá-lo. De súbito aparece pela frente dona Gertrudes... Ele exclama: — "E' hoje que eu vou me acabar!". E não sabe o que mais deve fazer. Ele foi para a casa do afilhado na esperança de encontrar repouso, mas uma garota bonita, vez por outra, não é nada mau para um "bate-papo". Dona Gertrudes... Meu Deus, que tentação! Ele ignora, porém, que dona Gertrudes é a futura sogra de Paulo... E além de tudo uma senhora de respeito, incapaz de aceitar "filirts".



4 Mas as complicações aumentam. As cartas que a mulher de Lourenço escrevia a Paulo, foram chegar às mãos do marido... Ela perde os sentidos, deixando Trancoso numa aflição tremenda. E que tem o Trancoso com isso? Ele gosta pouco de "embrulhos". Agora se lembra de que é um homem sério, embora não perca sua oportunidade de entrar "no brinquedo". Aquela mulher bonita, desmaiada ali ao lado, é uma tentação... Mas as cartas, em poder do marido...





6 E além de tudo dona Gertrudes é despachada. Não suporta homem insolente, atrevido e don Juan de porta de armazem. Aproveita a ocasião para dizer meia dúzia de verdades, a que o Trancoso responde, criando nova confusão em casa do afilhado. "Velho indecente! Já devia estar desfiando um rosário!" "P'ra que!". Trancoso responde no mesmo diapasão, mas a velhota leva a melhor. E o pau ronca feio e forte. Trancoso é um homem agredido, reventado, em pelção de miséria. Bem feito! Quem o mandou matar as saudades da falecida, metendo-se nessas complicações amorosas e aventureiras?

7 E, ainda mal refeito da sova, êle procura o afilhado. Vai encontrá-lo... nos braços de Jandira. Ainda mais se complicam as coisas. — "Não me conte essa anedota!", diz Trancoso para Paulo. — "Afimal, é essa a tua noiva? Meu Deus, onde vim parar!". E agora compreende por que apanhou. Dona Gertrudes é a mãe de Jandira... E êle, que era o "Tal", êle, que se julgava o eterno irresistível... Que vai fazer de agora em diante? Continuara descansando. Saudoso da espôsa. E fazendo "das suas", também...





Realizou-se, no dia 28 de abril último, o enlace matrimonial da sta. Maria de Lourdes Santos de Figueiredo, filha do dr. Christiano de Figueiredo e sua exma. espôsa, d. Maria Thereza Santos de Figueiredo, com o 1.º tenente Diogenes Castilho de Mattos Filho, filho do sr. Diogenes Castilho de Mattos e d. Francisca Sommenfeld de Mattos. Na foto acima vêem-se os noivos após a cerimônia religiosa, realizada na igreja de São Sebastião (Capuchinhos).



Maria, filha do sr. Joaquim de Carvalho e d. Maria do Carmo Carvalho.

FIGURAS E FATOS



Dois flagrantes do enlace matrimonial da sta. Lucia Lyra Tavares, filha do sr. Paulo de Lyra Tavares e da exma. sra. Genoeffa Gentile de Lyra Tavares, com o sr. Paulo de Carvalho Mello, filho do sr. José Gonçalves de Carvalho Mello e da exma. sra. Marianina Gentile de Carvalho Mello. A cerimônia teve lugar dia 12 do corrente, na matriz de Nossa Senhora de Copacabana, onde os nubentes receberam os cumprimentos das pessoas amigas e das relações de suas exmas. famílias.



EVELYN KEYES (Columbia)

NOS BASTIDORES FEMININOS

Uma voz agradável é um dos maiores atrativos na criação humana. No entanto a maioria das mulheres não se preocupa em cultivar esse dom, esquecidas da fascinação que uma voz grave, uma voz cálida, uma voz suave abraça como um paliativo, domina com um poder de hipnotismo, seduz como um canto de sereia. Uma mulher formosa pode afastar seus admiradores se a sua voz não for um prolongamento da sua beleza. Uma mulher feia pode fascinar pelo aveludado da fala. A voz das mãezinhas sussurrando, a velar o sono dos filhos; a voz das enfermeiras, a velar o sono dos enfermos; a voz das pacificadoras, a acalmar as brigas; a voz das mentes na oração; a voz dos

namorados ciciando amores — essa a voz de blândica, de doçura, que devemos cultivar!

A vulgaridade logo se revela numa voz áspera e gritante. As notas graves, as notas ricas, num diapasão suave, equilibrado são características das pessoas educadas, meigas e normais.

Um caráter fraco se denuncia sempre por uma voz indecisa, uma voz rouquenha e quase sempre gritadora. Procuremos pois educar a nossa voz. Falemos baixo. Procuremos adoçar a fala exercitando as cordas vocais, estudando e aprimorando as nossas inflexões.

E não nos esqueçamos de que a voz é um dos indícios mais claros do grau de educação numa pessoa.

Iesy Barbosa

O FORASTEIRO E O CICERONE

Conto de
MARK TWAIN
Ilustração de
José Antonio

QUERO dizer algumas palavras sobre Michelangelo Buonarroti. Admiro há muito tempo o gênio possante deste homem, grande na poesia, na pintura, na arquitetura, na escultura, grande em tudo que fazia. Porém esta não é uma boa razão para que me sirva de Michelangelo em todos os mólhos, pela manhã, ao almoço, na merenda, ao jantar, com chá, en-

tre as reições. Apraz-me variar algumas vezes. Em Gênova todas as obras de arte são dele, as de Milão são dele ou dos seus discípulos. Fez a planta do lago de Como. Em Pádua, Veneza, Verona, Bolonha, de quem falam os guias senão dele? Em Florença todos os quadros e todos os monumentos são obra dele. Se por acaso alguma coisa não foi feita ou pelo menos desenhada por ele, ia admirá-la tristemente, sentando-se numa pedra; e mostram também a pedra ao viajante.

Ainda em Pisa tudo é seu, menos a torre inclinada, que, certamente, lhe teriam confiado se não tivesse abandonado tão injuriosamente a linha vertical. Fez o projeto dos recifes de Livorno e de Civitavecchia.

Mas em Roma é terrível. Concedeu o projeto de São Pedro, do Vaticano, do Panthéon. Desenhou o uniforme da guarda suíça. Foi ele quem construiu o Tibre, o Coliseu, o Campidoglio, a rocha Tarpéia, o palácio Barberini, San Giovanni em Latrão, a via Appia, as Sete Colinas, as termas de Caracalla, o aqueduto de Cláudio e a cloaca Máxima.

Este invasor construiu toda a Cidade Eterna e, se os homens e os livros não são descarados mentirosos, pintou todos os quadros que ali se encontram.

Daniel, o meu companheiro de viagem, falava outro dia a um guia: — "Basta, basta! Nem uma palavra mais. Ou pelo menos resume tudo e diga também que o Criador fez o mundo baseado no projeto de Michelangelo Buonarroti!"

Jamais experimentei uma alegria tão profunda, tão cheia de gratidão, uma impressão de calma tão pura como quando me disseram que Michelangelo era morto.

Todo o dia o cicerone nos conduziu através de quilômetros de escultura e de pintura nas grandes galerias do Vaticano, através de quilômetros de escultura e de pintura em vinte outros lugares diferentes.

Mostrou-nos o grande fresco da Capela Sixtina, e ainda frescos e frescos que seriam suficientes para decorar o firmamento. E sempre Michelangelo. De maneira que, no fim, desespera-

dos, decidimos brincar de estupidez: coisa que até hoje nos tem permitido triunfar, com as nossas indagações idiotas, sobre tantos guias teimosos. Certa gente nada suspeita e não tem idéia alguma da ironia.

O nosso guia mostrou uma estátua.

— E' de bronze — disse.

Olhamo-la distraidamente e o doutor perguntou:

— E' de Michelangelo?

— Não, o autor é desconhecido.

Depois nos conduziu ao Fóro Romano. O doutor indagou:

— E' de Michelangelo?

O guia sobressaltou-se.

— Não, não. Muitos séculos antes de Michelangelo.

Um obelisco egípcio:

— Michelangelo?

— Oh! Meu Deus, senhores! Dois mil anos antes do seu nascimento!

Acabou por ficar tão cansado das nossas perguntas estúpidas que procurou fazer-nos admirar qualquer outra coisa. Porém o pobre homem diligenciou inutilmente fazer compreender que Michelangelo foi responsável, como criador, somente de uma parte do mundo e não de todo ele.

Obstinámo-nos na mesma direção; tínhamos necessidade de distrair e de repousar o nosso espírito, se não quiséssemos ficar completamente idiotas. Que o cicerone também continuasse a se aborrecer se a brincadeira o desagradava. Pior para ele; nós nos divertíamos.

Sempre tenho pensado em consagrar um estudo vingativo a este flagelo público: o guia europeu. Muitos homens têm desejado precisar o menos possível dos guias. Aspiration irre realizável! No mínimo seja-lhes permitido, em compensação a todas as torturas que sofrem os viajantes, realizar alguma pilhéria. Esperemos que o nosso exemplo seja profícuo e que outros o imitem.

Em Gênova os guias são felizes todas as vezes que devem conduzir americanos, porque a cidade é cheia de recordações de Cristóvão Colombo, e os americanos, naturalmente, se mostram entusiasmados a respeito. A mais insignificante relíquia desperta neles uma comoção religiosa. O nosso cicerone estava loucamente excitado; parecia que engulira alguma coisa elástica.

— Venham, senhores, venham — gritava. — Mostrarei uma carta escrita por ele, do próprio punho. Venham depressa!

Conduziu-nos ao Município. Após algumas formalidades muito impressionantes de chaves e fechaduras, exibiu-nos um ve-



lho documento amarelado e consumido. Os olhos do guia brilhavam. Pôs-se a saltitar à nossa frente, indicando o pergaminho.

— Como dizia, senhores? Vejam! Escrito por Cristóvão Colombo, de mão própria.

Tínhamos um ar indiferente e distraído. Todavia o doutor consentiu em apanhar o documento e o examinou com escrupulosa atenção. Houve um silêncio penoso. Depois o doutor disse com grande simplicidade:

— Ah! Ferguson? Não, não é este. Repita o nome do indivíduo.

— Cristóvão Colombo. O grande Cristóvão Colombo!

Outro minuto de minucioso exame.

— Ah! E você diz que foi ele quem escreveu isto? Do seu punho?

— Do próprio punho! O grande Cristóvão Colombo! E' um autógrafo autêntico!

Então o doutor largou o documento e pronunciou estas palavras decisivas:

— Na América existem rapazes de treze ou quatorze anos que escrevem muito melhor.

— Mas trata-se do grande Cristóvão!...

— Não importa saber o nome do autor. O que sei é que jamais vi letra tão feia. Não deve pensar em dar a entender o que lhe parece porque somos estrangeiros. Não somos tontos, nem mesmo por sonho. Se tem qualquer

peça caligráfica decente, mostrenos; caso contrário, vamos embora.

Sáimos. O cicerone embrutecera. Todavia fez ainda uma tentativa. Tinha qualquer outra coisa para nos apresentar, que teria triunfado — pensava — sobre a nossa indiferença.

— Venham comigo, senhores. Mostrar-lhes-ei o busto de Cristóvão Colombo, precisamente. Esplêndido, grandioso, magnífico.

Conduziu-nos diante do busto. Na verdade era uma peça soberba. O guia levantou orgulhosamente a cabeça:

— Vejam Cristóvão Colombo! Ele mesmo. Porventura não é belo? Que admirável obra de arte!

O doutor pôs o monóculo.

— Ah! E você disse que este senhor se chamava...?

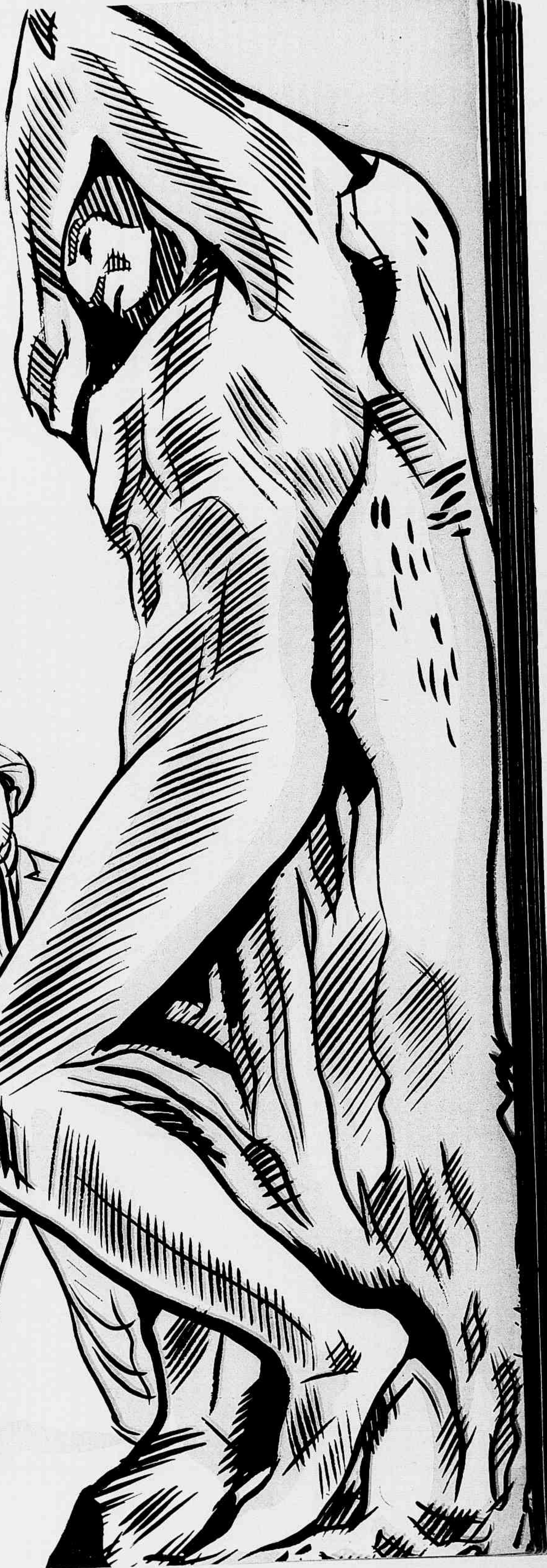
— Cristóvão Colombo! O grande Cristóvão Colombo!

— Ah! E que fez este Cristóvão Colombo?

— Mas Deus meu, foi ele quem descobriu a América!

— Descobriu a América? Isto é um pouco forte. Viemos justamente da América e nunca ouvimos falar a seu respeito. Cristóvão Colombo!... Que nome curioso! E é falecido... este cavalheiro?

(Continua na pág. 55)





A REVISTA em Hollywood

BETTE DAVIS PRETENDE CONHECER O LUGAR ONDE SE FILMOU "ESTRANHA PASSAGEIRA" — PAUL HEINROD MANDA FELICITAÇÕES AOS SEUS "FANS" BRASILEIROS — O PRÓXIMO REAPARECIMENTO DE JOAN CRAWFORD, e outras notas.

Hollywood, maio (Por Luiz Serrano, correspondente exclusivo da REVISTA DA SEMANA) — Posso oferecer aos leitores, e principalmente às "fãs" brasileiras, as mais recentes fotos, feitas em estúdio, de alguns proeminentes "astros" desta terra. Todos pertencem à Warner, que, para comemorar, dá-nos a boa nova do próximo reaparecimento de Joan Crawford. Ela continua impressionante, esquieta e prometendo novas e magníficas "performances", agora, ao reencetar uma nova fase da sua carreira. Bette Davis manda um olhar melancólico, "à la Davis", e diz estar disposta a viver, ao natural, o papel feito pelo Rio em "Estranha Passageira". Também Paul Heinrod, no autógrafo deste retrato que aí vai, faz-me subgêrito de seus agradecimentos ao público do Brasil, a qual, no

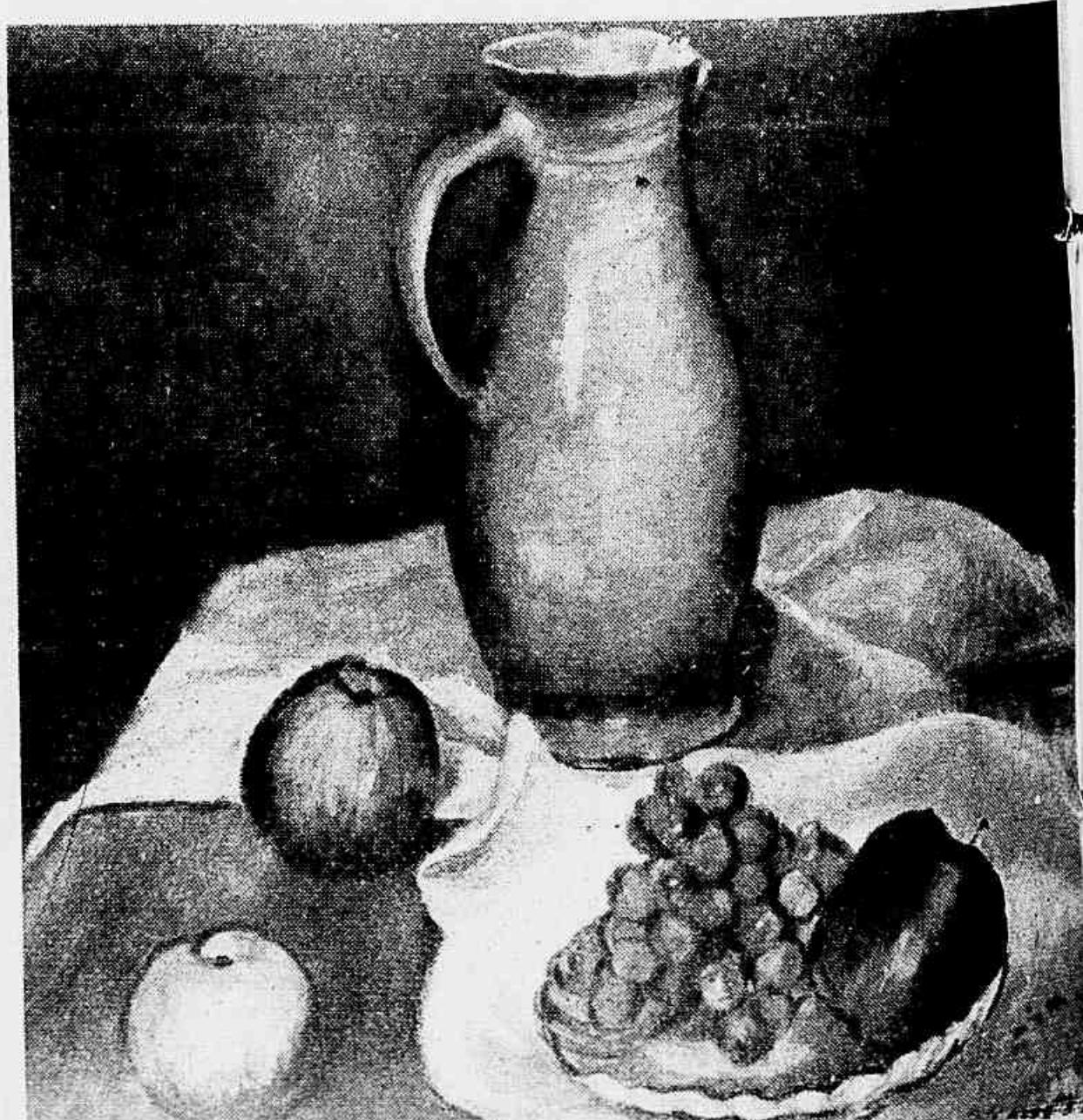
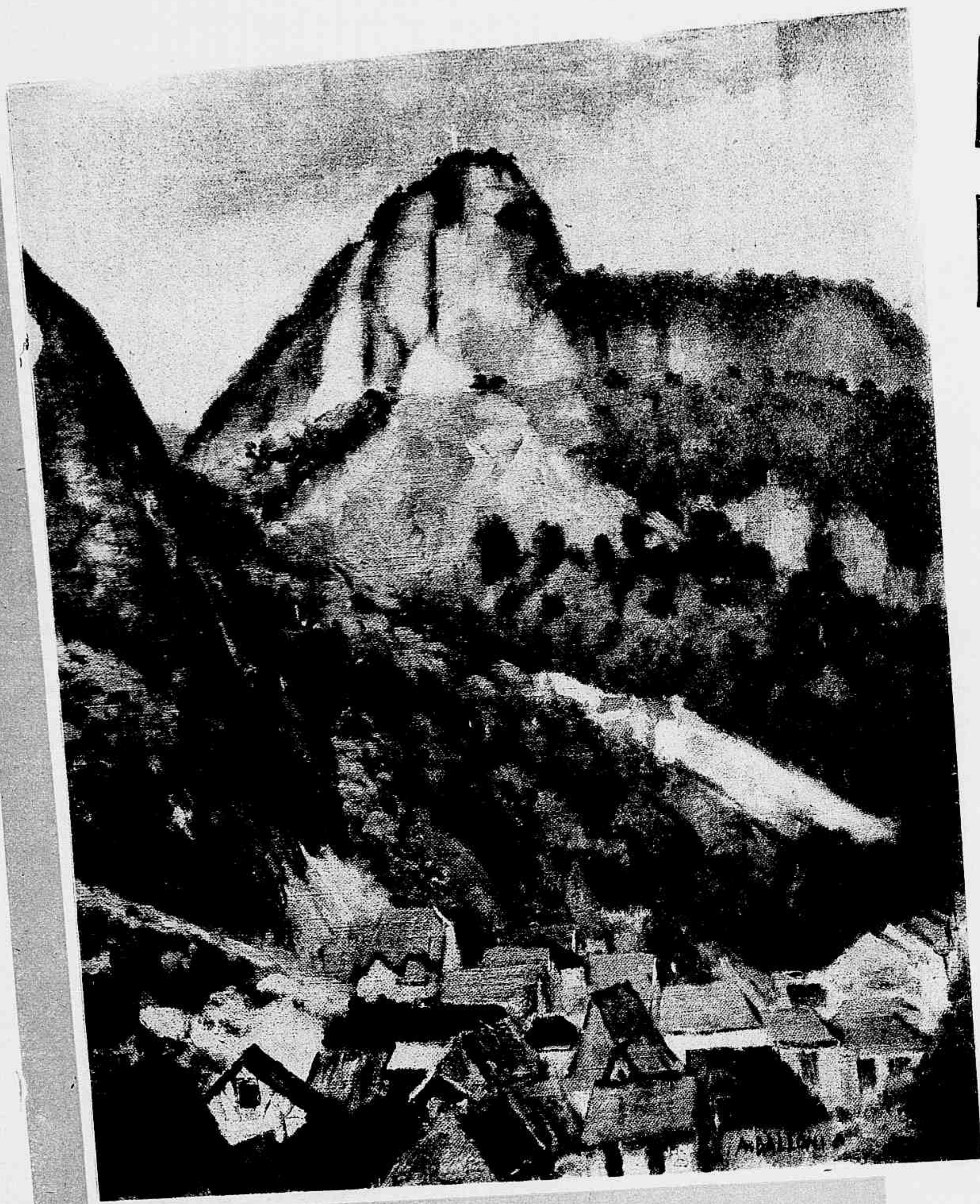
conceito, é "dos mais civilizados e heróicos desta guerra". Finalmente, uma pose feita há menos de duas semanas por Victor Jory, cujas atuações cinematográficas serão agora mais destacadas pela Warner. No grupo, por ocasião da visita que a REVISTA fez aos estúdios da Columbia, vêm-se, na companhia deste correspondente, Evelyn Ashlin Landsberg, Marjorie Reynolds, Marquerite Pomeroy e a jovial Rosita Moreno, que me confessou nutrir profundas saudades e muito gratas recordações das duas viagens que teve a fortuna de empreender ao Brasil. Darei, num número próximo, mais detalhada entrevista que me concederem Bette Davis e Paul Heinrod, justamente o casal memorável de intérpretes de "Estranha Passageira". (Via aérea)



ARTES PLÁSTICAS

Artista moderno, cuja obra personalíssima se faz impregnar de um "clima" genuinamente brasileiro e de requintado saber, Armando Balloni prepara, neste momento, sua nova exposição a realizar-se no transcurso da primeira quinzena de junho, na Galeria Lebreton.

Medalha de prata do Salão Nacional de Belas Artes, membro do Júri do Salão Paulista e fundador da Família Paulista de Artes Plásticas, sua obra vem repassada de tôdas as características do país, ao qual Balloni se assimilou de maneira impressionante. Damos nesta página três expressivas demonstrações de sua arte na paisagem, no nu e na natureza-morta aqui reunidos. Balloni mostra, assim, sua variedade de estilo e de observação. Mas seus trabalhos estendem-se ainda a uma série de interessantes e sugestivos flagrantes do Rio sob a influência da guerra, com algumas pitorescas observações colhidas pelo pincel experimentado e hábil do ilustre artista.





COM as vizinhanças do inverno o planalto de Piratininga está readquirindo o seu feitio pessoal. E' São Paulo uma terra com suas características e às quais a estação mais fria do ano empresta um colorido maior. Inverno quer dizer garoa, penumbra, aquele manto cinzento cobrindo a cidade imensa, a volta aos sobretudos, às luvas, aos agasalhos e aos chapéus de lã... Inverno é o aquecimento nos interiores domésticos, as lojas comerciais funcionando com as portas de vidro fechadas... E' a praça da República, ponto final da avenida São João, com jardim sem essas árvores vestidas de folhagem bonita. E' o trecho comercial — a rua Marconi, por exemplo — de prédios altos, de movimento intenso, a cada hora mais forte. E o inverno traz uma nova fisionomia à metrópole, sem vendedores ambulantes descalços ou desagasalhados, sem muito sol, nem chuva, mas neblina, "fog", nevoeiro, cerração, ou como queiram melhor chamar...

Não raro as luzes acendem-se em pleno dia. E os cinemas, em lugar de refrigeração, anunciam pomposamente: "— Aqui dentro há calafetação". Quando há, é claro...

DE SÃO PAULO



A DELICIOSA CATASTROFE

Conto de
LUCY BRENTON



JÁ PENSOU NAS AGRADE-
VEIS CONSEQUÊNCIAS DE
UM DESASTRE?

MARILYN calçou o acelerador com o pesi-
nho minúsculo e o carro cortou a es-
curidão, lançando à sua frente os dois
jatos de luz dos faróis. Mas, na realidade, eles
de nada serviam, porque Marilyn mal olhava
para a estrada: guiava maquinalmente, como
uma sonâmbula. Acabava de desmanchar seu
noivado com Lawrence. Não podia suportar
por mais tempo o procedimento injustificado
dê-lo, porém doia-lhe ver os laços que os unira
cortados, de uma vez. E ela, na verdade, ain-
da o amava.

De repente, ela sentiu um choque tremen-
do. Depois não se lembrou de mais nada.

— Senhorita, pelo amor de Deus! Fale!
Diga alguma coisa!

Ela abriu os olhos e murmurou:

— Não há nada.

— Graças a Deus! Pode levantar-se?
Apoie-se em mim!

Ela esboçou um sorriso.

— Foi o choque, somente. Um desmaio,
apenas. Sinto-me perfeitamente bem.

— Venha por aqui. Meu carro está perto.

— Que houve?

— Seu carro foi de encontro a um poste.
Felizmente a porta estava mal fechada; com
o choque ela abriu-se e a senhorita foi atirada
a distância. O carro espatifou-se.

— Meu Deus!

— Que há? Está sentindo alguma coisa?

— Não; é que agora me lembrei que o
carro não é meu!

— Como?

— Não. Não se assuste. Não roubei nin-
guém. Hoje à tarde eu tive um aborrecimento
muito sério. Trabalho numa casa de modas,
é uma das freguesas, uma senhora que sem-
pre foi muito boa para mim, disse-me: "Você
parece triste hoje, Marilyn; tome o meu carro
e vá dar um passeio pelo campo..."

— E a senhorita veio guiando e...

— Sem prestar atenção no caminho.

Ele ficou um momento em silêncio. De-
pois disse:

— Deve ter sido um caso de amor.

— Por que?

— Porque só os casos de amor cegam
assim as pessoas.

— O senhor é romântico. Precisa pres-
tar mais atenção à realidade.

— Engana-se, quando me acha român-
tico. E para provar que sou bem prático vou
sugerir que suba no meu carro e venha até

minha casa, que é bem perto, tomar uma coisa
qualquer antes de seguir seu rumo. Parece
muito abatida.

— Aceito com prazer.

As portas gigantescas do parque abriram,
se revelando uma casa de três andares coberta
de hera, com colunas em estilo grego.

— Linda casa!

— Obrigado. Tenha a bondade.

Porém naquele momento começaram a
acontecer as coisas mais inesperadas e absur-
das. Uma senhora alta, magra, de aspecto
benevolente, muito bem vestida, apareceu e
tomou Marilyn nos braços:

— Até que enfim — disse, beijando-a.

— Mamãe, eu...

O protesto do rapaz passou desperce-
bido. A senhora alta continuou:

— Entre, minha filha. Você não imagina
como eu estava ansiosa por conhecê-la. Desde
que Carlos me disse que estava noivo, eu vivo
pedindo a ele que me traga você aqui. Mas
ele é um egoísta: não queria que eu pertur-
basse o idílio.

— Mamãe...

— Não me interrompa, menino. Você já
teve bastante tempo para conversar com sua
noiva. Agora é minha vez. Vá passear, ande!

— Mas...

— Marilyn, mande ele embora, senão ele
não nos deixa conversar.

Marilyn mal pôde abrir a boca: já a se-
nhora continuava, encantada de ter, por fim,
a noiva do filho ao seu lado. Estava curiosí-
sima por conhecer todos os detalhes sobre a
vida dela, de onde ela era, quem era sua fa-
mília, tudo.

— Já sei — continuou. — Já sei que você
não tem coragem. Mas é preciso, minha filha.
Eu também logo que me casei não tinha co-
ragem de dizer "não" ao meu marido. Mas
aprendi. O pai era um bandido. Mas um
bandido encantador, é lógico. Nem era pre-
ciso dizer, porque se não fôsse assim eu não
teria casado com ele.

Deixando o rapaz do lado de fora, ela
passou ao salão com Marilyn:

— Mandei servir chá para nós duas aqui.
Mais tarde você terá tempo para ficar com
Carlos. Por enquanto você vai é me contar
como foi que pescou esse menino arisco...

— Mas madame, eu...

— Vamos, não tenha receio. Eu não te-
nho cara de sogra má, tenho?

Nesse momento a criada entrou:

— Mrs. Allen, o dr. Brighton está aí, com
miss Larrimore.

— Que maçada! Espere aqui um instante,
minha filha, eu vou despachar essa gente.
Eles vêm trazer umas entradas para um baile
de caridade, que eu prometi comprar. Não
demoro.

E, ao sair:

— Carlos! Carlos! Venha fazer compa-
nhia à sua noiva, enquanto eu recebo o dr.
Brighton.

Finalmente a sós, um diante do outro, no
momento de explicar. Ele sorriu, desajeitado.
Ela franziu as sobrancelhas, zangada.

— Quer ter a bondade de explicar isso?

Ele sorriu mais uma vez, com o mesmo
ar de travesso arrependido:

— Desculpe. Eu me esqueci de tudo na
hora do desastre. Acontece o seguinte: eu
estava noivo. Estava... Briguei com minha
noiva, por um motivo... Enfim, não interessa
falar mal dela: brigamos. Desmanchamos o
noivado.

Intimamente Marilyn exclamou:

— Coincidência.

— Pois foi assim. Mas eu já tinha prome-
tido a mamãe trazê-la aqui. Eu vivo em Lon-
dres e venho visitar mamãe de vez em quan-
do. Não tinha dito nada sobre o noivado des-
manchado. Mamãe está muito doente, sabe?
E... ela gostaria tanto de me ver casado an-
tes de morrer... e por isso eu achei que não
devia dar uma explicação pelo telefone, assim,
sem mais nem menos... Quando ela soube
que eu vinha cá, acreditou logo que ia trazer
minha noiva, e vendo você ela...

— Mas é preciso desfazer esse equívoco
quanto antes e...

A criada interrompeu a conversa.

— Sr. Carlos. Venha cá na sala, por fa-
vor. Mrs. Allen teve outro daqueles ataques
do coração. Felizmente o dr. Brighton esta-
va aqui.

Ele correu atrás da criada e Marilyn
acompanhou-o.

Mrs. Allen estava recostada numa pol-
trona. Uma moça simpática ajudava o mé-
dico a dar-lhe um remédio. Ao vê-los, Mrs.
Allen sorriu:

— Dr. Brighton, diga a ele que não foi
nada! Olhe como ele está nervoso! Esse me-
nino é igualzinho ao pai... deixe-me apresen-
tá-lo. Mary, noiva de meu filho... dr. Brigh-
ton... miss Larrimore...

FALCÕES BRASILEIROS NOS CÉUS DA ITALIA

3.^a reportagem da série que Artur Estrela de Souza, expedicionário do Primeiro Grupo de Aviação de Caça, escreveu para a REVISTA DA SEMANA, sobre as atividades daquela unidade aérea na Itália.

Os serviços das nossas secções técnicas funcionavam normalmente, e só se esperava a ordem de entrar em combate. O ânimo dos nossos pilotos e especialistas revelava um moral elevado, que havia mais tarde de glorificar para sempre a Força Aérea Brasileira.

O BATISMO DE FOGO DO 1.º G. AV. C.

No dia 31 de outubro de 1944 teve a nossa unidade de guerra o seu batismo de fogo, sobre os campos de batalha do norte da Itália.

Nesta data cinco pilotos do nosso Grupo — o oficial de operações major Oswaldo Pamplona Pinto e os quatro "leaders" de esquadrilha: capitão La-Fayette de Souza, Newton L. Silva, Fortunato de Oliveira e Joel Miranda — foram designados para desempenhar



Aqui estão os homens da Secção de Comunicações: 2.º tenente mecânico-eletricista Lucidio Chaves (no medalhão), e os sargentos chefes das sub-secções e auxiliares: Livio R. de Moura, Oriel F. Martuscelli, Antonio P. Magalhães, Miguel Felipetto, José V. C. Valente, Luiz Ywes Brugger, José J. Mesquita, e Harley V. Sofia; cabos Nahim O. Nagib, Luiz Frazão, Eduardo Stavis, Julio Adafor Cruz e Francisco Ferardo Pinto Damasceno.



No dia em que o 1.º G. Av. C. realizou a sua primeira missão de guerra, confundiram-se nos céus de Itália brasileiros, americanos e ingleses. Os aviadores da gloriosa unidade da Força Aérea Brasileira, apesar do cerrado fogo anti-aéreo inimigo, realizaram, em seu batismo de fogo, uma proeza que ficará nos anais da nossa história militar. Ai vão eles... E os que ficam lançam-lhe os seus votos de felicidade: "Senta a pua, rapaziada".



Todos comemoraram alegremente o batismo de fogo do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira. Os nossos pilotos voltaram ileso da perigosa missão, embora um dos aviões tivesse sido atingido pelos tiros da artilharia anti-aérea dos alemães. Ai está um dos componentes do Grupo, sorrindo alegremente, em pose para o fotógrafo, no dia em que o 1.º G. Av. C. entrou em ação pela primeira vez. Ele é o "rei" Jean Louis Boerdon, "Flight Chief" do Grupo.



Estes jovens, figuras ímpares na história da F. A. B., brilharam nos combates travados nos céus de Itália. Da esquerda para a direita: major Oswaldo Pamplona Pinto, capitão Lafayette C. R. de Souza, capitão Newton Lagares Silva, capitão Fortunato de Oliveira, 1.º tenente Oldegard Olsen de Oliveira e aspirante Roland Rittmeister.



Piloto 1.º tenente Felipe Perdigão Medeiros da Fonseca, assistido pelo mecânico 1.º sargento Robson Saldanha e um mecânico de armamento, dá os últimos retoques em seu avião de combate, antes de partir para a missão de que foi incumbido. Em pouco as suas metralhadoras e as bombas de seu aparelho estarão arrebentando as defesas vitais dos alemães no norte da Itália.



A "Candinha do Fogo" do 1.º Grupo de Aviação de Caça: junto ao tambor onde ardia um fogo reconfortante, reuniam-se os elementos da unidade de guerra, para comentar os acontecimentos. Ali está um alegre grupo, que "bate um papinho" enquanto esquenta os corpos. O frio era intenso no acampamento, e o fogo atraía os brasileiros a este recanto. Com as mãos estendidas para o fogo aparece o autor destas notas.



"The snake is smoking", diziam os americanos, traduzindo o slogan dos expedicionários brasileiros "a cobra está fumando". Ali estão alguns dos rapazes que fizeram a cobra fumar acima das nuvens. No momento em que o fotógrafo bateu a chapa, o segundo sargento Ruas não resistiu à curiosidade e olhou para cima, afim de apreciar as evoluções de alguns aviões que perseguiam o inimigo.

sua primeira missão. Levavam como objetivos, previamente determinados, pontes de estrada de ferro e ataques razantes ao sistema de comunicações do inimigo, no setor da Linha Gótica. Como se tratasse da primeira missão a ser realizada, além do mais em território desconhecido, foram os nossos pilotos incorporados às esquadrilhas americanas, veteranas nos céus de Itália.

Lembro-me ainda com precisão desse dia. Eram 14 horas quando os nossos aviões decolaram; todos assistíamos emocionados à partida daqueles cinco companheiros, primeiros falcões brasileiros a combater nos céus da Itália. E aguardávamos ansiosamente o regresso dos combatentes. Os aviões tornaram à base às 17.5 horas. O major Pamplona, referindo-se à missão, declarou então:

"Apesar da intensa barragem anti-aérea, os alvos foram identificados e atacados com sucesso. Uma ponte de estrada de ferro foi destruída; quatro bombas cortaram trechos de ferrovia, e foram ainda observados impactos diretos em edifícios utilizados pelo inimigo. Em vôo razante foram atacados uma locomotiva e dezesseis caminhões de carga."

Se bem que todos os aviões tivessem regressado à base, o aparelho pilotado pelo capitão Joel Miranda o fez avariado pela artilharia anti-aérea alemã.

O inimigo chegou porém a um tal grau de fraqueza no ar, que a tática empregada por nossos pilotos teve que ser modificada. Já que os pilotos da F. A. B. não conseguiram encontrar o inimigo no ar, foi-lhes atribuída a perigosa missão de atacar em bombardeios de mergulho os pontos vitais no norte da Itália, até a Suíça, então em poder dos nazifascistas. E a sua tarefa era não só bombardear, como também metralhar em vôos razantes as bem defendidas posições inimigas.

Foi assim que iniciámos as nossas atividades no "front". Muitos tombaram desde então, sobre os campos de Itália, acompanhando os seus aviões que se chocavam contra o solo. Outros, quando atingidos pelo fogo inimigo, conseguiram jogar-se em paraquedas, chegando por vezes a furtarem-se às vistas dos soldados alemães, retornando ao acampamento; mas por vezes caíam prisioneiros dos nazistas, o que muito pouco nos agradava.

DOIS HERÓIS DA F. A. B.

Não posso deixar de fazer menção aqui a dois heróis da F. A. B. tombados na Itália:

No dia 7 de novembro, a seis milhas do nosso acampamento, tombou o jovem e inesquecível Oldegard Olsen Sapucaia, 2.º tenente-aviador, cujo corpo foi encontrado a distância do paraquedas aberto. Este nosso companheiro encarnava todas as qualidades de caráter e inteligência que um homem pode possuir. Lembro-me, até hoje, das palavras que teve ele para comigo, durante a travessia do Atlântico, referindo-se à guerra: "Estrela, não há glória sem sacrifícios".

O tenente-coronel Nero Moura, no dia da morte do bravo oficial, comunicou o fato à sua família, recebendo então do pai da vítima, em resposta, uma carta, da qual aqui transcrevemos um trecho:

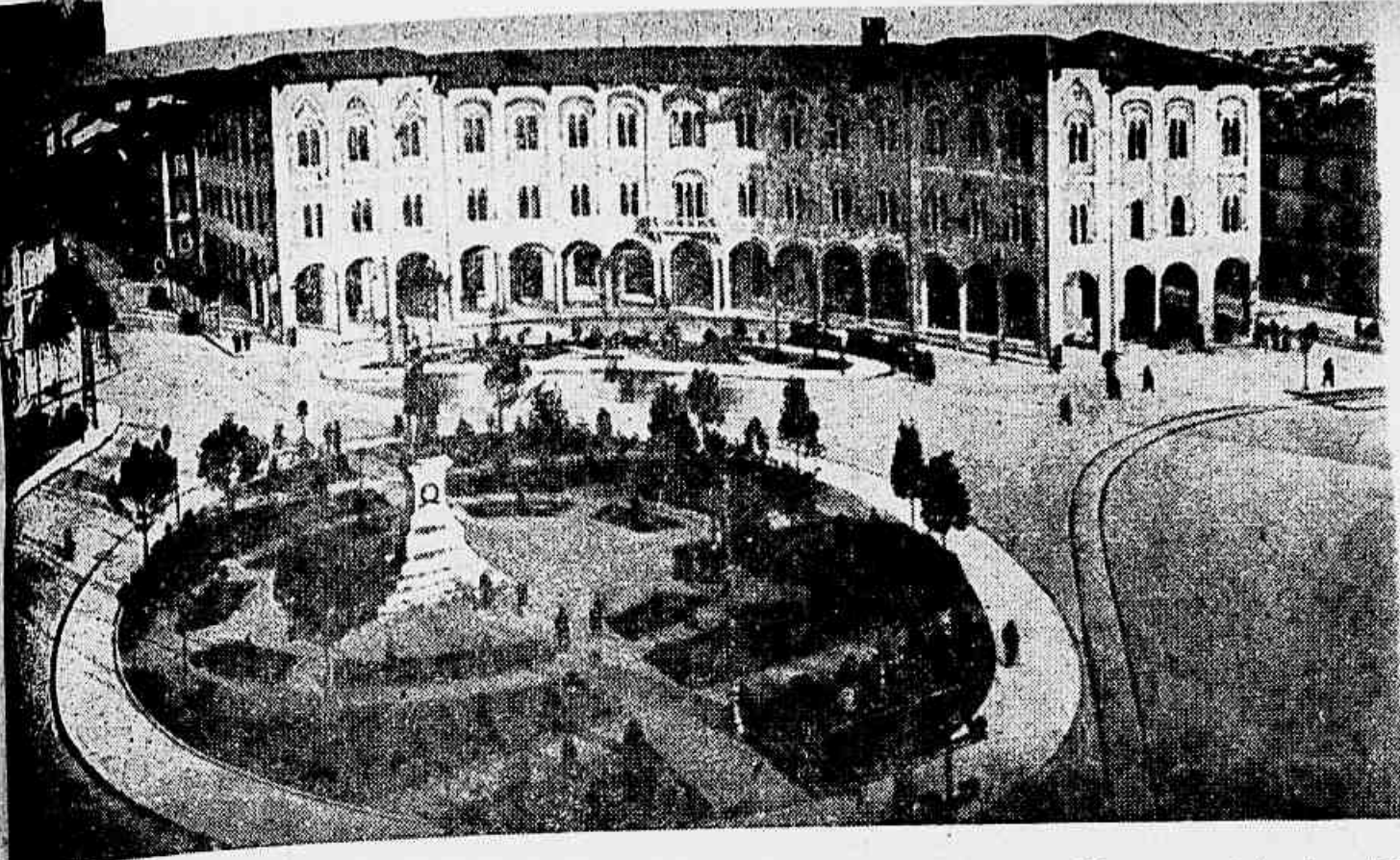
"A sua morte gloriosa, devo dizer, ao lado de uma grande dor que experimentamos nesta hora de sacrifícios para todos os brasileiros, acredito, será um exemplo para os moços e uma honra para nossa família, que saberá guardar as gloriosas tradições do jovem aviador brasileiro."

Dia 16 de novembro... O 2.º tenente Roland Rittmeister, quando em uma missão nas proximidades da nossa base, espatifou-se ao solo, em um avião de cuja guarnição fazia parte. O tenente-coronel Nero Moura notificou também a sua família em carta dirigida ao

(Continua na pág. 48)



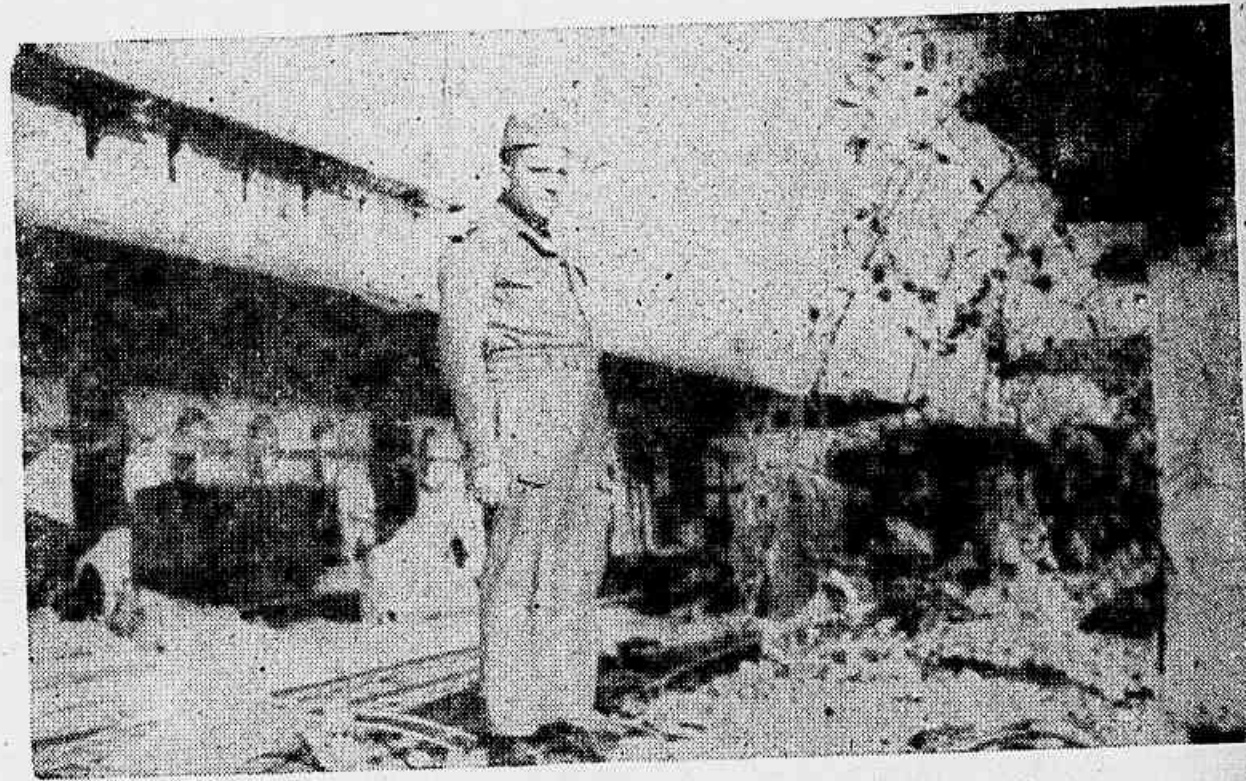
O velho B-25 do 1.º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira, conhecido pela alcunha "Zé Doidinho" entre os nossos aviadores. A frente do aparelho está formada a sua tripulação. No medalhão aparece o capitão Marcilio Gibson Jacques, piloto do famoso aparelho que castigou severamente os alemães no norte da Itália.



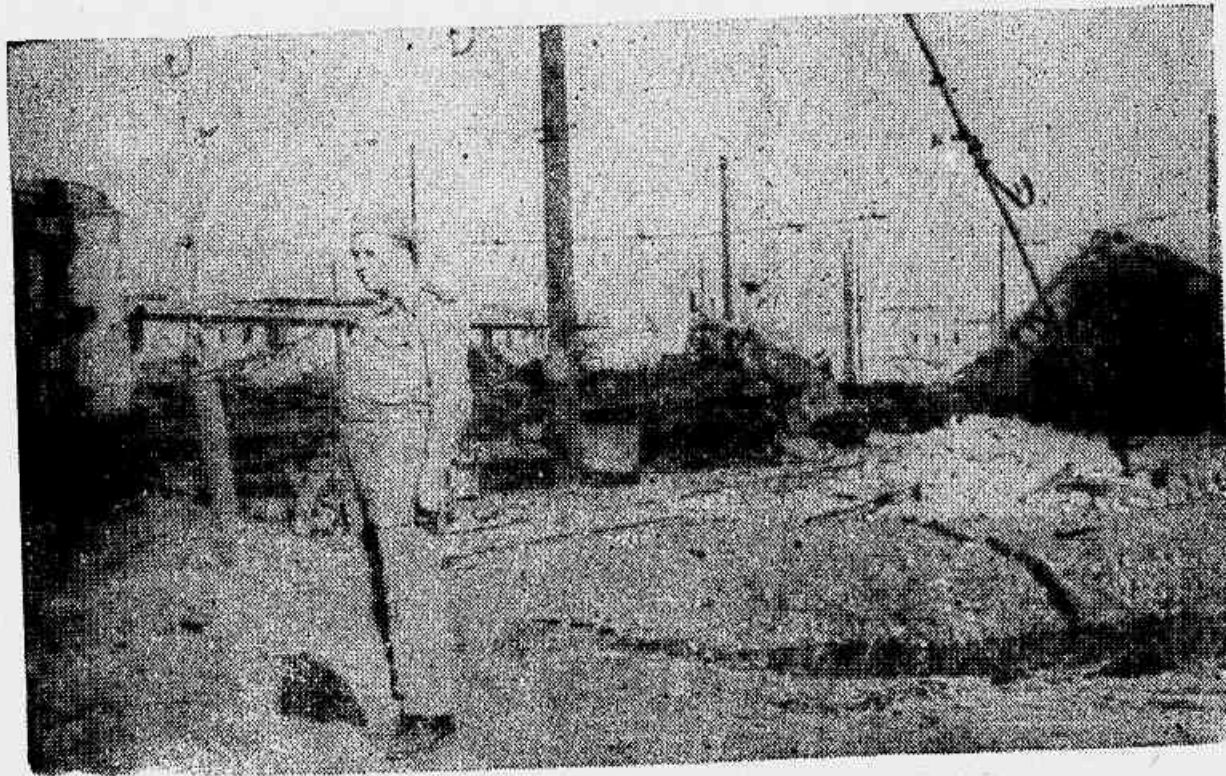
As fotos acima nos dão uma nítida idéia do que foi o terrível bombardeio a que foi submetida a histórica cidade de Piza. Na gravura à esquerda aparece a estação de Piza, um dos pontos aristocráticos da urbs, fotografada antes da guerra. Na foto à direita o capelão militar monsenhor Pascoal, que assistia os componentes do 1.º G. Av. C., posando no centro do que havia sido a praça que aparece na fotografia anterior.



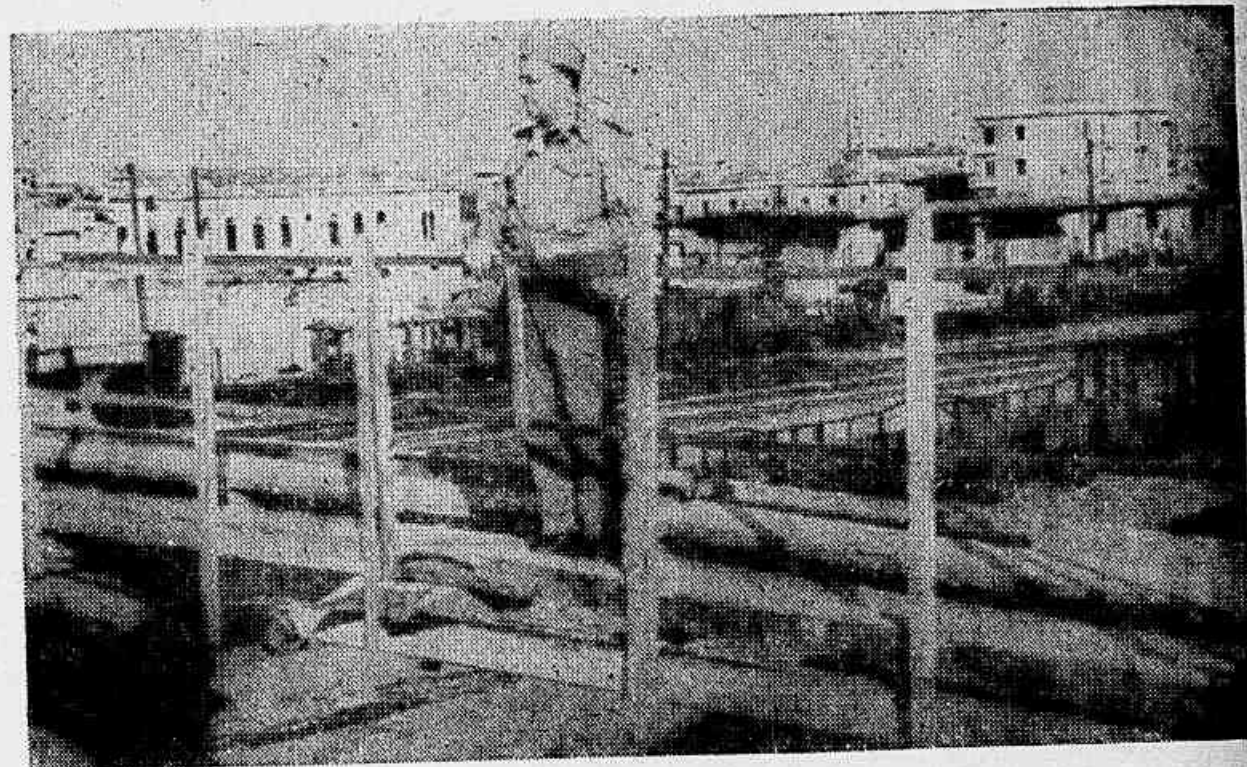
O nosso capelão observa com atenção os efeitos destruidores do deslocamento de ar provocado por uma bomba pesada da aviação. Sobre o telhado da estação de Piza uma dessas bombas atirou um vagão, que ali permaneceu durante longo tempo. Notem o diâmetro da cratera que aqui aparece.



Na visita que fiz a Piza com monsenhor Pascoal foi-nos dado ver a devastação provocada pelos bombardeiros, em toda a sua extensão. Na gravura podemos apreciar os efeitos dos ataques da aviação aliada ao sistema de transporte alemão. Vagões, locomotivas e trilhos retorcidos, eis o que resta de uma estrada de ferro.



Muito se impressionou o nosso capelão com o estado a que ficou reduzida a cidade de Piza. Ei-lo aqui fotografado próximo à estação. A sua figura de soldado de Deus é a única nota de vida no panorama de morte. E ele olha piedosamente cada detalhe. Cada pedaço de ferro retorcido tem para ele uma história.



Monsenhor Pascoal, para melhor observar os efeitos do bombardeio de Piza, subiu cautelosamente a uma ponte semi-destruída. E quando ele olhava ao longe, para os edifícios em ruína, conseguiu fixar este flagrante. Um ministro de Deus olhando para um cemitério de lares.



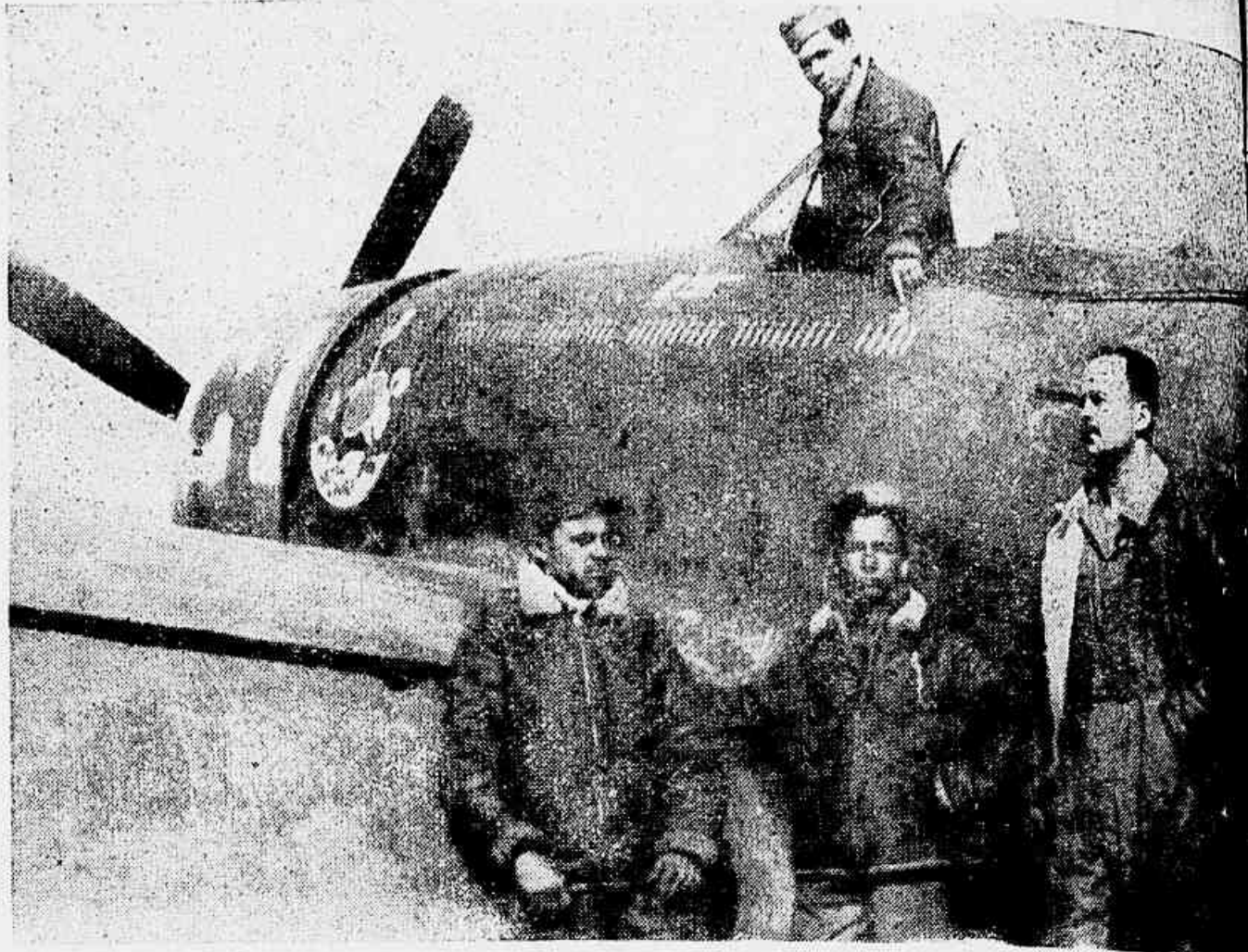
Em primeiro plano a figura do nosso capelão. E ao fundo, confundindo-se com a paisagem hiberna e o horizonte claro, os esqueletos dos edifícios arruinados da infeliz Piza, onde os bombardeios sucessivos não deixaram tijolo sobre tijolo. Tudo aqui é destruição e morte. Apenas a torre e a catedral foram poupadas.



Grupo de sargentos do 1.º Grupo de Aviação de Caça que regressou à Pátria, licenciados pelos ótimos serviços prestados no "front". Ai estão eles, com o mesmo ânimo que os levou à luta. E eles respondem ainda aos nazistas, lançando o seu grito de guerra: "Senta a pua".



Depois de cumprida a sua árdua missão, um grupo de bravos pilotos brasileiros regressa à base. A mesma alegria que os animava quando levantaram vôo estampa-se ainda em seus rostos sorridentes. Nada conseguia abater o ânimo destes valorosos ases. Apoiado ao paraquedas, à esquerda, aparece o capitão Copp, comandante deste elemento.



Aí estão, da esquerda para a direita: 3.º sargento mecânico Armando Alvarenga, soldado Juventino e 2.º sargento mecânico Farzani. No interior da nacele está o soldado Hermanson, mostrando a cruz que simboliza um avião alemão abatido. Cumpriu essa proeza o capitão Fortunato, que durante muito tempo comandou este aparelho. As bombas desenhadas em branco marcam os bombardeios efetuados.

No acampamento, nos momentos de folga entre o trabalho de duas missões de guerra, os combatentes do 1.º G. Av. C. deixam-se estar em repouso. Alguns se entregam à leitura, procurando desviar o pensamento por alguns instantes das coisas da guerra. Mas a guerra está sempre presente, e a própria embalagem de suas bagagens trazem dizeres que evidenciam as suas funções de combatente. Durante alguns minutos, porém, eles se afastam dos combates, pensando na Pátria distante, saudosos dos dias de paz. A um canto uma mesinha sustenta os objetos que fazem da barraca de campanha o lar do soldado: um rádio, que lhe traz notícias da terra natal, e fotografias, que lhe trazem saudades dos velhos tempos.



Ivan de Almeida, popular compositor e cantor baiano de folclore, que durante algum tempo atuou nas principais estações de rádio de Belo Horizonte, é personagem — aliás o "pivô" — de uma originalíssima história sentimental, cujo desfecho teve lugar na cidade de Itajubá, no sul daquele Estado. Para escarnimento dos artistas namoradores — ou estímulos, se bem intencionados — resumirei adiante uma notícia que a respeito da aventura de Ivan (aliás uma boníssima alma e artista bem aproveitável) há tempos publicou o "Diário da Tarde", da capital mineira.

Deixando um dia Belo Horizonte, o cantor baiano meteu-se por Minas a dentro, realizando recitais e atuando, quando podia, nas emissoras que encontrava. Numa cidade do sul chegou ao mesmo tempo que uma companhia teatral, dessas andejas pelo interior em busca de platéias. Ivan foi ao primeiro espetáculo. Gostou. Ao fim do segundo procurou o empresário e conseguiu ingressar no elenco como elemento de "variétés". Amoroso, sentimental como uma garrafa de licor de groselha, ao quarto dia de permanência na companhia achava-se loucamente apaixonado pela "ingênuo", aliás irmã do diretor e responsável pelo grupo itinerante. Passada uma semana estavam os artistas em Itajubá, e lá se achava a progenitora da namorada de Ivan, a qual fôra avisada em carta da filha daquela "paixão terrível" do jovem colega e conterrâneo de Dorival Caymmi. Enquanto o diabo esregava um olho a providente e cautelosa velhola arranjara as coisas, de maneira que ao chegar o amoroso baiano, mesmo na estação, recebeu um dilema a resolver: casar, daí a dois dias, ou "cair fora" imediatamente! Com as valises na mão e alguns embrulhos debaixo do braço, os olhos cheios de cisco da viagem, Ivan de Almeida capitulou frente àquele cerbero maternal. E ao se completarem quatro semanas de conhecimento entre ambos casavam-se o cantor e a "ingênuo", perante o juiz de matrimônios da terra de Wenceslau Braz.

Tão curioso quanto a própria história desse casamento-relâmpago é o comentário de um leitor que nos enviou o recorte de jornal e que, pelos modos, não gosta do bom Ivan nem da instituição matrimonial. Eis o que nos diz, *ipsis litteris*, entre outras coisas: "Mando o recorte porque sei que o senhor conhece esse cantor, Ivan de Almeida, pois há três anos mais ou menos li um escrito seu no "Rádio-Teatro-Música" da "Fôlha de Minas", onde o senhor escrevia. E' um sujeitinho pau, só canta músicas do mar e da Baía. Isto que aconteceu com êle é engraçado, não acha? Bem feito!"

Nova temporada de sucessos está realizando a Orquestra de Violões, de Dilermando Reis, ao microfone do Rádio Clube do Brasil. Executante impecável, orquestrador emérito, Dilermando preparou um belo repertório para o seu conjunto, a cuja frente se exhibe com o maior destaque nas interpretações de mais responsabilidade. Foi uma iniciativa feliz a da PRA-3, renovando o contrato da afinada orquestra de violões.

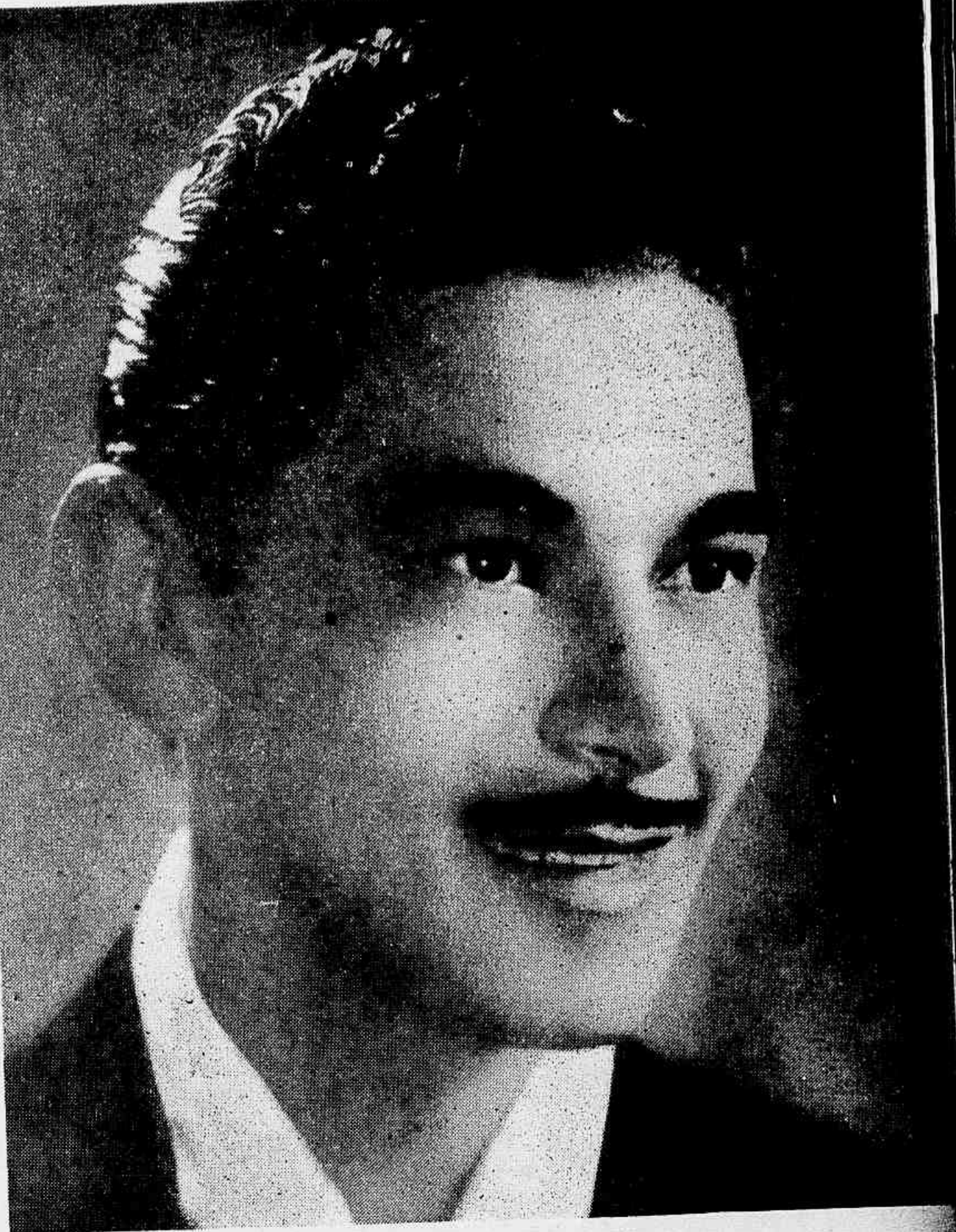
Jorge Murad vai publicar outra coletânea de piadas radiofônicas, "Anedotas do Papagaio". As anedotas de Murad não são obras literárias, é claro; porém se recomendam pela sua compostura, o que já é um mérito nesta terra de cochichos lescheninos e espírito de sal grosso, à moda alfacinha.

"Teatro do Ar", o cartaz especializado da PRD-8 e que obedece à direção de Zani Filho e Nena Martinez, continua apresentando às terças-feiras, às 22.15 horas, interessantes rádio-peças de Arnaldo Sampaio, desempenhados pelo afinado elenco, constituído por Nena Martinez, Ercília Araújo, Aniz Murad, Cora Costa, Nelma Costa, Zani Filho, Augusto Araújo, Mário Rocha, Zacarias Lopes, Ari Viana, Flora May e outros.

Volto ao microfone da Cruzeiro do Sul o programa de música americana de Claude Martins. O notável pianista norte-americano, que apresentará, também, sensacionais números de auditório, interpretará, seguido de seus rapazes, os últimos êxitos musicais dos Estados Unidos.

Machadópolis está se tornando uma das cidades mais conhecidas do Brasil, — talvez mais conhecida do que Petrópolis, Teresópolis, Florianópolis e outros “ópolis” do país. Machadópolis é a antiga Vila do Ferreira, que mudou de nome, ao ser elevada à categoria de cidade, por influência do poderoso coronel Gustavo Machado, que é ali o proprietário de cidade, por influência do poderoso coronel Gustavo Machado, que é ali o proprietário de cidade, por influência do poderoso coronel Gustavo Machado, que é ali o proprietário de cidade, de tudo do cinema, do jornal, do cortume, da fábrica de móveis, da fábrica de tecidos, de tudo enfim, menos do histórico hotel do Ferreira, onde D. Pedro II passou uma semana, em 1883... Essa cidadezinha é o cenário da empolgante novela “Ana Maria”, que vem sendo irradiada cinco vezes por semana, na Rádio Nacional, das 18.40 às 18.55. “Ana Maria” é a história de amor, de mistério e também de sofrimento, de alegrias e de lutas... lutas dos humildes e desamparados contra a prepotência do coronel Machado. Os intérpretes centrais de “Ana Maria” são Ismenia dos Santos, Edmundo Maia, Paulo Gracindo, Nelio Pinheiro, Luiz Tito e outros.

D J A L M A M A C I E L



Ivan de Almeida, cantor do rádio baiano, é o personagem da curiosa história focalizada na crônica desta página. Possui algumas interessantes composições típicas e apresenta-se interpretando com boa voz desenvolvido repertório.

Carmen de Lemoine é responsável por alguns dos bons programas de redação que a Rádio Globo vem apresentando, entre os quais "Memórias do Rio", posto em onda com o concurso do "cast" de rádio-teatro da popular emissora.





J. W. T.

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publi-
cidade da Capital da República, anunciando nos:

— **Altosfalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.**

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

Livros

OS LIVROS Nossos Amigos, por Eduardo Frieiro, nova edição — Livreria Inconfidência S. A. editora. — Belo Horizonte, 1945.

A propósito da primeira edição dos *Livros Nossos Amigos*, obra excelente de estudo, reflexão e senso crítico, disse: "A edição do Sr. Eduardo Frieiro é das que imediatamente se fazem respeitar pela propriedade e a naturalidade com que ele a emprega. As suas citações não denunciam a fácil tarefa dos que filham rapidamente as enciclopédias e tomam notas a troco-moço. Os seus autores lhe servem para esclarecimento e conselho, sem, porém, lhe litarem a cada momento o que deve escrever. Desenvolve-se por estes capítulos fora a sua maneira própria de expor e de comentar. Diz-nos limpidamente o que pensa de filófilos, bibliómanos, biblióforos, bibliatras, outras espécies ainda de indivíduos a quem o livro preocupa, fascina ou desvaira. E a sua tarefa, em conjunto, se tornará das mais meritórias, pois tende a infundir o respeito e o carinho do livro — do livro que tem um corpo e uma alma, ambos sagrados".

Nesta nova edição entraram nove capítulos inéditos: Tristeza e alegria do bibliófilo pobre, o diabo nas tipografias, Ainda o diabo nas tipografias, O escritor e as provas, Corrigir provas, Lapsos, disparates, bernardices, Escritores impressores. A letra é sagrada. Toda palavra impressa é um monumento a Gutenberg.

Todos estes assuntos, como os que inspiram o resto do livro, estão tratados claramente e sucintamente, de maneira a dizer-se o bastante sem se ocupar demasiado espaço. De qualquer deles, está visto, se poderia fazer um livro considerável. Vejamos os lapsos, disparates e bernardices, de escritores mais ou menos talentosos, de maior ou menor nomeada. Esses casos são inumeráveis e, a bem dizer, em todos os livros e por toda a parte se encontram. *Le musée des erreurs*, de Curnonsky e J. — W. Bienski, composto unicamente de citações, a maior parte das quais não vão além de quatro linhas, compreende trezentas e tantas páginas. Ali estão representados, em exemplos de escandalosa ignorância ou de inépcia verdadeiramente vergonhosa, todos os gêneros literários: o poema, o teatro, o romance, a história, a crítica, o libretto de ópera e sobretudo o artigo de jornal. Coisas terríveis, inacreditáveis, que diríamos capazes de arruinar definitivamente os créditos dum homem de letras. Mas a verdade, a ditosa verdade é que, depois de tais catástrofes — e quem está livre delas? — Não ficam as vítimas sendo menos ilustres ou prestigiosas do que eram dantes.

Nos novos capítulos como em toda a obra se houve o Sr. Eduardo Frieiro com a fina inteligência e o cuidado de equilíbrio, de medida, graças aos quais o leitor desejoso de aprender não sentirá o esforço a fazer para isso e sim um contínuo e integral aprazimento.

* * *

A GRAÇA DE DEUS, poesias de Giuseppe Ghirani — Irmãos Porgetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.

O Sr. Giuseppe Ghirani, que apareceu nas livrarias com o volume de versos, *O lia da existência*, acentua e realça nestas novas páginas os dons de poeta naturalmente inspirado e os recursos de artista sinceramente votado à procura da perfeição. Todas as suas obras dão a impressão de qualquer coisa de profundo e ingênuo, vinda da essência do sentimento e trabalhada com a inteligência no sentido constante de dar à tradução da idéia pura todo o possível esmero. Nenhum rebuscamento, nenhum artifício de se notar entrou nas oitenta composições que formam o volume. Cadências e rimas se sucedem limpidas e correntemente como se tudo surgisse, já acabado, no papel. Versos daqueles que qualquer leitor se julgará capaz de fazer. Vejamos a nítida e formosa poesia que abre o livro:

*Ferreiro e filho de ferreiro, um dia
visitei meu vizinho carpinteiro.
E ao ver quanto a madeira era macia
em relação ao ferro que eu batia,
deixei de ser ferreiro.*

*Tornei-me carpinteiro e, vendo o oleiro
modelando o seu barro molemente,
cubicei seu ofício de indolente
e larguei meu formão de carpinteiro.*

*Mas fui depois à casa do barbeiro,
Que alisava uns cabelos de menina
E achando aquela profissão mais fina,
deixei de ser oleiro.*

*Um dia, em minha casa de barbeiro
entrou um poeta de cabelo ao vento.
E ao ver quanto era livre e sobranceiro,
troquei minha navalha e meu dinheiro
por sua profissão de encantamento.*

Meu Deus! Por que deixei de ser ferreiro?



AS ATIVIDADES DA CIA. DUCAS DE SANTOS

A Diretoria da Cia. Ducas de Santos S.A. acaba de submeter à consideração da Assembléa Geral Ordinária o relatório das atividades desenvolvidas no decorrer do ano de 1944.

Esse importante documento, comprova a excelente situação econômico-financeira da organização, e realça o enorme aumento do movimento portuário de Santos, que alcançou no ano recém-fimido, cifra superior a quatro milhões de toneladas, malgrado as restrições impostas pelo estado de guerra ao tráfego marítimo.

Junto com o relatório em apreço, consta o parecer do Conselho Fiscal, além da aceitação dos balanços, cuja exatidão tiveram ensio de verificar, de um voto de louvor à competente e estorçada administração.

O referido relatório causou ótima impressão na Assembléa Geral extraordinária, encontrando justa repercussão em todos os meios econômicos do país.

WILLIAM SHAKESPEARE

LEVIATHAN



Longman's Modern Classics

J. L.

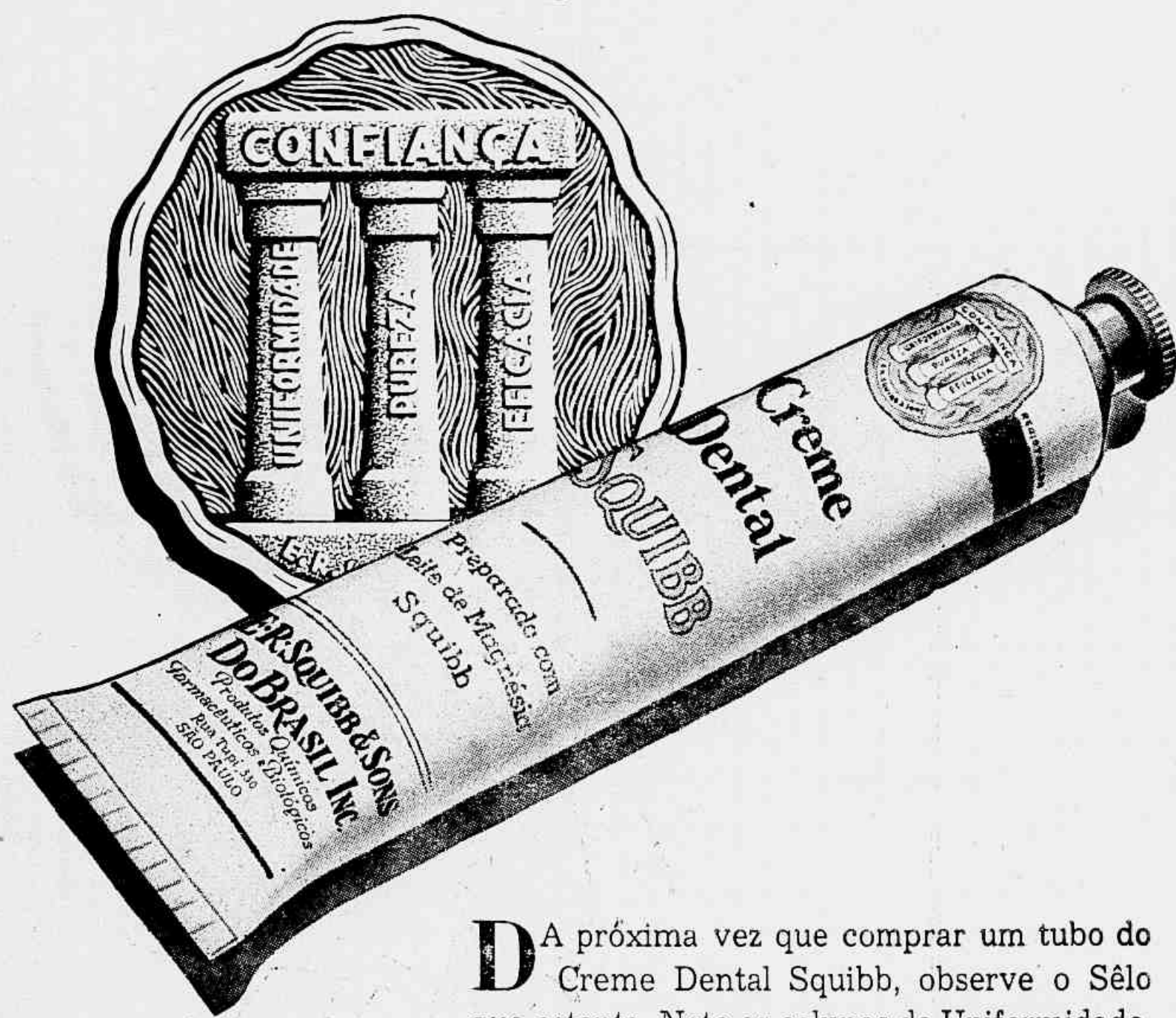
ESTE É O CHARUTO VITORIOSO

PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA




Yardley
de Londres

Squibb é a sua garantia



DA próxima vez que comprar um tubo do Creme Dental Squibb, observe o Selo que ostenta. Note as colunas da Uniformidade, Pureza e Eficácia — e a viga transversa da Confiança. Este Selo é a garantia ilimitada que lhe dá Squibb de que este dentífrico é tão puro e seguro quanto o possam fazer os conhecimentos científicos e o cuidado humano.

Use o

Creme Dental SQUIBB

Todos gostam de usar o Creme Dental Squibb. O seu paladar é delicioso e uma admirável sensação de agradável frescor inunda a boca! O simples ato de escovar os dentes se transforma, de monótona obrigação, em um dos momentos mais agradáveis do dia. Lembre-se: não há substâncias ásperas nem adstringentes no Creme Dental Squibb — nada que irrite as gengivas nem ofenda o esmalte. Experimente um tubo... hoje!

...porque

SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

A deliciosa Catástrofe

(Continuação da pág. 34)

Marilyn viu o olhar suplicante que Carlos lhe lançou e não teve coragem de desmentir.

— Mas eu não sei até quando terei que continuar com essa farça. Além disso não o conheço.

Ele, com o ar mais sério deste mundo, ofereceu mostrar-lhe a fôlha corrida da polícia. Podia mandar vigiá-lo por uma agência de detectives, mandar tomar informações sobre ele; mas ficasse, pelo menos enquanto a mãe estava mais fraca. Depois, quando ela melhorasse...

Ela não pôde deixar de rir.

— Que bobagem, Carlos! Imagine só eu alugando um Sherlock de agência para verificar se você paga o seu imposto de renda...

Ele encarou-a muito sério:

— Se você soubesse como há gente que engana o fisco...

— Você é simplesmente inacreditável!

— Mas fica?

— Não sei. Eu não posso.

— Olhe, eu passo lá pela casa de modas, digo que você está doente, que não pode ir trabalhar por alguns dias, e depois...

— Meu Deus!

— Que é?

— E o automóvel de mrs. Crews?

— Crews? Sarah Crews?

— E'.

— A milionária?

— E'. Como é que eu vou dizer a ela que arrebentei o automóvel?...

Ele não respondeu. Pegou o fone e disse:

— Gerrhard 2367. Alô, tia Sara! Como vai? Então não sabe quem é? O moreno que lhe manda flôres... (risada). Sabe de uma coisa? Eu acabo de encontrar seu carro todo espantado de encontro a um poste. Palavra. Não. Não. Ela está bem. Está aqui comigo. Não há nada. Eu já providenciei. O. K. Eu digo. O que? A senhora está ficando assim depois dos cinquenta, titia? Está bem. Até logo.

Ele tornou a colocar o fone no gancho e disse:

— Ela mandou dizer que não se preocupe. E disse mais: mandou que eu avisasse a você que tomasse cuidado comigo, porque o sobrinho dela é um conquistador de marca! Coitado de mim...

Marilyn estava tão surpreendida que não teve tempo de responder. A criada apareceu:

— Mrs. Allen mandou pedir ao senhor e a senhorita que passem pelo quarto dela antes do jantar...

Ele voltou-se para Marilyn:

— Ela com certeza quer entregar à minha noiva o colar de pérolas, que sempre pertenceu à esposa dos Allen...

Marilyn exclamou:

— Oh!

Mas ele atalhou:

— Seu braço, querida!

E passaram solenes pela criada encantada e aprovadora:

— Ah! o amor!

Piló e seus bonecos

Continuação da pág. 21.

vel de mulher que é Carmem, a Maravilha. Não é apenas uma boneca de madeira, de mantilha e saia rodada. Ela tem uma história: vive em Madrid ou Sevilha, dança o bolero nas noites claras de luar ibérico, é uma dama de alta roda. O cognome "Maravilha" lhe foi dado, com certeza, por algum seresteiro apaixonado.

Ao lado de Carmem, outra boneca espanhola — Zoé, a atração de Music-hall. Morou numa aldeiazinha de Andaluzia ou da Catalunha, cresceu uma bonita e provocante menina. Correu mundo e hoje dança em todos os cabarets que a contratam: em Honolulu, no Rio ou em Argel. Boquiabertos para os seus requebros sensuais, os espectadores deliraram e as palmas chovem.

Desviamos o olhar da bailarina e vamos encontrar a um canto, um boneco feio, espadachim de muitas mortes, senhor de infinitas façanhas, cavaleiro capaz de destripar muitos bandidos e pegar um touro e cada dedo. Este é D. Manfredo, o brígão. Traz o manto jogado para a banda, chapéu de penacho ameaçador, florete envergado de encontro ao solo. É a imagem da fanfarronice esculpida em madeira, representando a figura grotesca de um Cirano pedante. D'Artagnan correria se encontrasse pela frente os bigodes tremendo de D. Manfredo.

EM BUSCA DE TIPOS SUL-AMERICANOS

Procurando o artista para uma entrevista sobre os seus bonecos, fomos encontrá-lo em seu quarto de hotel, recebendo uma chamada telefônica internacional. Terminada a ligação, Manoel Piló prontificou-se a conversar conosco. Inquirido sobre o motivo de sua viagem ao Brasil, respondeu o nosso entrevistado:

— Vim para estudar os tipos sul-americanos. Farei do Rio de Janeiro o ponto de irradiação de minhas viagens através do Continente. Brevemente irei à Argentina, onde também pretendo estudar o folclore. Quando cheguei ao Rio, embora já

conhecesse por assim dizer a cidade, através de leituras e filmes, fiquei encantado, não só pelo panorama, que era algo de grandioso para os meus olhos de português, como também pela paisagem urbana, que me apresenta um material vastíssimo para o trabalho de escultura caricatural. Em minha vida de escultor procuro sempre no seio do povo os argumentos para os bonecos. A minha arte exige sinceridade de atitude dos modelos e esta só a encontro nos tipos populares.

Neste momento sugerimos ao artista uma visita à Bahia, onde o nosso folclore encontra um manancial inesgotável. Piló volta a falar:

— Já pensava em ir à Bahia. Aliás um dos tipos brasileiros que mais me interessaram, e que fiquei conhecendo através da literatura e da fotografia, foi o baiano característica, de bata de seda e lenço na cabeça. Penso que ainda hei de fazer alguns tipos da Bahia. Antes porém, quero esculpir personagens cariocas.

UM HOMEM DE LISBOA SOBE O MORRO

Prossequindo na explanação de seus projetos, o artista nos diz:

— No Rio buscarei todos os tipos característicos que vivem nas ruas centrais e nos arrabaldes distantes. A macumba me seduz há muito. Espero poder, dentro em breve, assistir a uma terreirada, afim de encontrar elementos para bonecos interessantes.

Achamos notável a idéia do artista, de fixar na escultura colorida os tipos do terreiro. Ele aliás já tem esculpido notáveis figuras de negros, tomando como modelos tipos encontrados nas colônias portuguesas da África, cujo território já visitou várias vezes.

Piló continua a expor os seus projetos. Fala-nos das viagens que pretende fazer ao interior do país, e das incursões que levará a efeito nos morros cariocas, em busca de material para a sua arte de fixação de tipos em madeira.

E, terminando a palestra, fala com entusiasmo:

— Agora não estou trabalhando. Como vê, as instalações do meu quarto de hotel não me permitem esculpir. Estou ansioso porém para começar a modelar os bonecos brasileiros. Sinto verdadeiras comichões nas mãos quando não posso trabalhar.

Os mortos devem ser enterrados

Continuação da pag. 19

estava olhando ao lado do caixão. Parecia rezar.

Depois de preso Sinclair, John disse ao xerife.

— Mas esta história ainda não acabou. Agora é que estamos na pista do verdadeiro assassino. Aquele pobre louco não tem nada a ver com a morte da mulher que adorava como uma santa.

O xerife olhou-o surpresa:

— Como assim?

— Lógico.

— Não entendi.

— E o homem que quis me matar?

Era o verdadeiro assassino de Leonora?

— Mas...

— Nem mas, nem meio mas. É isso mesmo e posso dizer desde já quem é o assassino.



Hidrex

O CHUVEIRO ELETRICO QUE NÃO FALHA!

Elegante, prático, econômico

Garantido por 5 anos

Instalações rápidas e perfeitas pela casa

PAN • LUX
RUA MONTE ALEGRE, 43
FONE 42-4191

ATENDEMOS COM PRAZER A QUALQUER CHAMADO OU PEDIDO TELEFÔNICO DE INFORMAÇÕES



QUE BANHO DELICIOSO!

VENDAS A VISTA E A LONGO PRAZO PELO SISTEMA S. E. R. V. E. LTDA.
Largo da Carioca, 5 — S. 503 — Fone 42-8391

Sois Noivos?



Quereis a felicidade?

COMPRAE AS VOSSAS ALIANÇAS E ANEIS DE NOIVADO

Na **CASA MASETTI**
A Casa dos bons relógios
SEMINARIO, 131-135 • MARCONI, 44

SÃO PAULO

N. B. — Aos residentes no Interior que queiram obter as Alianças da Felicidade, enviaremos Catálogo ilustrado com calibrador para medidas. Queiram servir-se do Reembolso Postal.

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras dragéias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogeries e Farmácias. Fórmula do Prof. Austregésilo. Remetemos pelo Reembolso Postal Cr\$ 20,00 o vidro. Produtos PANVITAL — Rua da Estrada, 4 RIO DE JANEIRO

porque o dr. Truelow não tinha notado isso desde o início? No primeiro exame que fez? Muito simples. Porque ele é quem tinha colocado aquela cêra ali, para encobrir o crime do filho. Por uma razão qualquer — muito provavelmente, em luta com Leonora para obter dela favores que ela não tinha a menor intenção de conceder — o filho do Dr. matou-a e recorreu ao pai para que o salvasse. Como haveriam de agir? Era simples. O xerife estava doente. Só ele teria que lidar com o cadáver para fazer o exame, pois era o médico da polícia. Portanto, tapou a ferida com cêra cor de carne e enterrou-a, assinando um certificado dizendo que ela morrera de um ataque cardíaco e muito possivelmente, não fosse o louco que roubou o cadáver, não teríamos descoberto a verdade, porque, afinal, quem ia fazer o novo exame era ele mesmo, na nossa presença é verdade, mas seria fácil enganarnos. Mas como aconteceram as coisas, nós resolvemos examinar o corpo, ao retirá-lo da casa de Harvey e descobrimos tudo. O filho entrou no meu quarto no hotel ontem com a intenção de matar-me e essa foi a primeira suspeita que eu tive contra ele e o pai. Quem mais poderia querer matar-me?

O xerife estava abismado.

— Mas...

— Eu sei. É difícil acreditar que aqui, nesta cidadezinha pacata, aconteceu uma tragédia dessas, mas isso só prova que as aparências enganam.



OS MENSAGEIROS DO REI

De C. S. REID, [Copyright do B.N. S. Especial para a REVISTA DA SEMANA]

LONDRES, Maio — Na bem guardada sala de expedição do Foreign Office, assisti á arrumação de malas diplomáticas destinadas a uma das repúblicas sul-americanas. As malas são feitas de lona grossa. Dentro delas um funcionário depositou cartas, pacotes e embrulhos. Amarrou a mala com um cordão e fechou-a com um selo de chumbo que tinha a estampa da Corôa. As malas foram depois pesadas numa balança, que marcava o seu peso em libras e quilos. Ao serem tiradas da balança eram conferidas por um homem de sobretudo e um espesso bigode, que registrava as malas num documento que tinha a cota de armas real.

"Quem é aquele homem?" — indaguei.

"Aquele", disseram-me, "é um dos Mensageiros do Serviço Exterior do Rei. Ele é encarregado de levar as malas diplomáticas até o aeroporto. Outro mensageiro se incumbirá das malas, depois da travessia do Atlântico"

O Mensageiro fez um registro final e desceu para o quadrângulo, onde um carro o esperava, tendo um funcionário da polícia na barra de direção. Em viagens terrestres, os Mensageiros do Rei são normalmente acompanhados por funcionários da polícia. O Mensageiro e sua

escorta receberam as malas ao descerem elas até o quadrângulo pelo cinturão elétrico. As malas foram depositadas no compartimento dos fundos do veículo. O Mensageiro verificou se todas as malas estavam realmente certas. E partiu, deixando o seu carro um rastro de fumaça.

Todo Mensageiro do Rei usa em serviço uma pequena carteira de couro. Nessa carteira, juntamente com o passaporte, a passagem e outros documentos, encontra-se o emblema de seu cargo, o famoso escudo de prata com um galgo; um medalhão oval com o monograma real em ouro sobre um fundo de esmalte azul, rodeado pelo moto da Ordem da Jarreteira — HONI SOIT QUI MAL E PENSE — enquanto que do fundo do escudo pende um galgo de prata pura.

A origem desse emblema é obscura. De acordo com uma versão, o príncipe Charles, mais tarde Rei Charles II da Inglaterra, quando exilado na Holanda, durante o século XVII, mandava suas cartas para a Inglaterra por intermédio de capitães holandeses e outros emissários. Afim de que esses agentes pudessem se identificar e se conhecerem mutuamente, o príncipe deu a cada um deles um galgo de prata tirado da prataria real.

Os historiadores consideram essa versão mais como uma lenda do que como um fato real. Todos concordam; no entanto, em que o escudo foi oficialmente instituído logo depois que Charles II subiu ao trono, após a Restauração de 1660.

A origem do Corpo dos Mensageiros do Rei é ainda mais incerta do que a do escudo. Os documentos a respeito mais antigos que se conhecem datam de 1485, quando o Corpo era já uma organização florescente, provavelmente já com alguns séculos de existência. Durante mais de 20 reinados, os Mensageiros do Rei viajaram através dos mares e dos continentes, enfrentando as tempestades, a neve e o gelo, as molestias, os assaltos de emboscada, com despachos de Sua Majestade Britânica aos seus representantes em cidades longínquas. Nos dias em que se viajava no lombo de um cavalo ou em carruagens, os Mensageiros eram frequentemente assaltados e às vezes assassinados. Até há um século o Mensageiro viajava de Londres a St. Petersburgo ou Teerã sob as mais difíceis condições, chegando ao seu destino esfalfado, quase cego pelo sono, depois de um percurso terrível sob um frio intenso, numa carruagem, num trem, ou no lombo de um cavalo. Mais de um Mensageiro pereceu de cansaço na viagem para São Petersburgo. Outros pereceram em consequência de desastres ou afogados no canal de Dover, quando os barcos em que tentavam alcançar o outro lado da costa eram assaltados por violentas tempestades.

Os meios de transporte melhoraram; mas o perigo continua. Em março de 1942, James R. Russell, membro permanente do Corpo de Mensageiros do Rei, morreu quando conduzia a mala diplomática de Chungking para Calcutá. O seu avião caiu e se incendiou logo ao decolar de Kunming, um aeródromo situado entre os dois pontos referidos. Tudo ficou destruído, inclusive a mala diplomática e o escudo de Mr. Russell. Em janeiro de 1943 o coronel W. B. Mackie, Mensageiro do Rei destacado no serviço sul-americano, pereceu quando seu avião caiu perto dos Andes, no Perú.

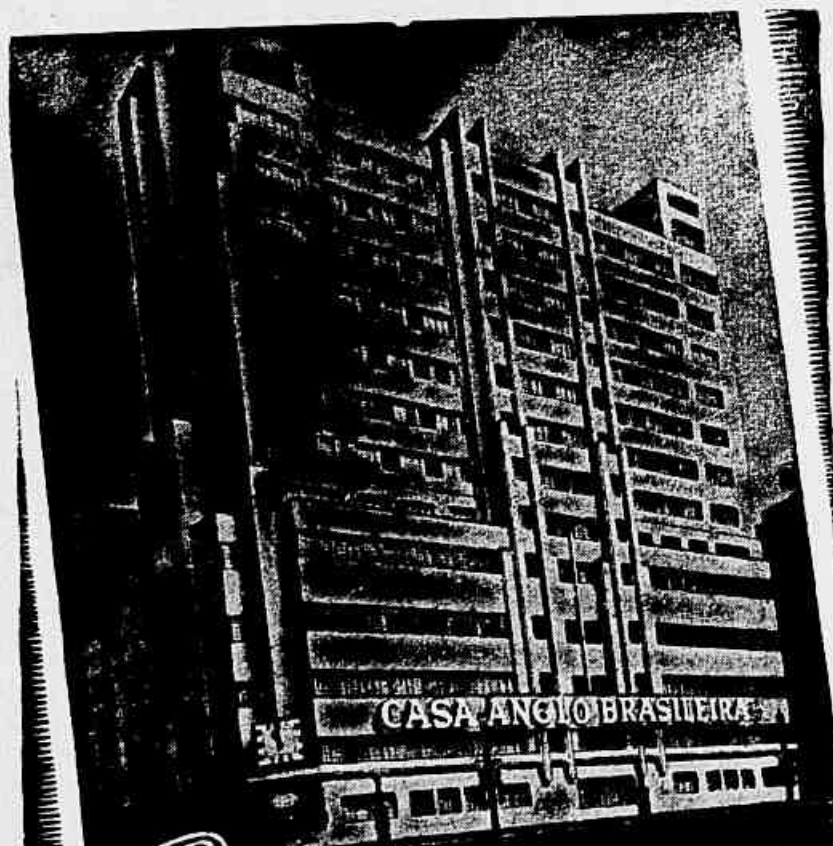
Até recentemente, a viagem entre a Redesia do Norte e o consulado britânico em Elizabethville, no Congo Belga, era realizada quatro vezes por ano a pé por um mensageiro, que levava os despachos pessoalmente acompanhado através de centenas de milhas de selva por um carregador nativo que conduzia a bagagem á cabeça.

Antes da guerra, havia 10 Mensageiros do Rei encarregados de viajar para o exterior. No momento, ha 40 Mensageiros (na sua maioria ex-oficiais da Marinha, do Exército e da RAF) sob a supervisão de Mr. William L. M. Dunlop, chefe dos Mensageiros do Rei e do Departamento de Comunicação do Foreign Office desde março de 1940.

Os cinco Mensageiros do posto de Washington servem aos consulados britânicos em todos os Estados Unidos da América e levam despachos aos círculos governamentais de Montreal. Em Miami, ha um posto de nove Mensageiros para as repúblicas centro e sul-americanas. Dois Mensageiros do posto de Miami, atualmente, fazem o circuito Rio, Buenos Aires, Santiago e Panamá. Um terceiro Mensageiro chega a Miami uma vez por semana, viajando através de Cuba, México, Guatemala, Venezuela e Trinidad. Desde que foi iniciado o posto de Miami, os seus mensageiros já viajaram mais de 200.000 milhas por ano, em aviões.

Outros postos avançados foram instalados em Teerã (que serve como um ponto de ligação entre Whitehall e Moscou), Lyon, Lisboa, Madrid, Ancara e Estocolmo.

Se a pressão da guerra a organização se tornou muito mais complexa, mas o lema dos Mensageiros do Rei continua a ser o mesmo de ha cinco séculos: "O caminho mais curto no menor espaço de tempo".



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131



SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

DE Música

NÃO encontro elogio mais satisfatório para aplicar aos Sakharoff do que o simples fato dos comentários desencontrados que seu primeiro recital suscitou. De fato, parece-me que se eles realizam uma obra discutida, essa discussão implica a opinião preliminar de que realmente merece um debate. Por isso não creio que nem os cumprimentos rasgados, nem as aprovações sem restrição de certos críticos, nem as injúrias dispensáveis de outros, aliás injustas, devam pesar na opinião que formo da arte de ambos. Extraio somente dessa discordância o fato, em si elogiável, de que eles fazem obra original.

Se, por um lado, não estaria disposto a colocar-me ao lado daqueles que não encontraram um único senão, também acho que são mais do que exageradas certas censuras que lhes fizeram.

Aceitar como estando num plano só todas as realizações do casal, seria, de certo modo, prejudicá-lo, pois nivelando tudo ver-nos-íamos impossibilitados de dar mais realce às interpretações que nos pareceram mais felizes.

Aliás é bem o termo interpretação que deve ser aplicado. O bailarino estuda a música, não nas suas particularidades estruturais, mas tenta captar as sugestões

que ela desprende e realizá-las plasticamente em pôses e gestos.

Certas obras como "A la Mémoire de Ma Grandmère", "Dança", "Serenata de D. Juan" estavam visivelmente inferiores, se bem que não abaixo de toda crítica. Mas é preciso salientar, sobretudo, o trabalho magnífico de Alexandre Sakharoff em "Martírio de S. Sebastião", "Dança Macabra" e "Visão do Século XV".

Das interpretações de Clotilde Sakharoff queria salientar "L'Après Midi d'un Faune" e "Danseuse de Delphes", onde ela demonstrou as suas qualidades, a primeira mais como concepção e sugestão, e a

APLAUSOS E INJURIAS, VIRA-LOBO E TAGLIAFERRO

segunda como uma dança menos intelectualizada.

Diz-se que os gênios são temperamentais. Vila Lobos tem, pelo menos, essa característica dos homens excepcionalmente dotados. Minha admiração pela sua obra leva-me mesmo a desejar dizer que não é somente a aparência, mas recuo ante a responsabilidade que implica o fato de conferir a um cidadão o título de genialidade, para o que aliás falta-me autoridade.

Entretanto, minhas recordações me permitem que reafirme a impaciência que há quem sustente ser peculiar aos grandes homens.

Certa vez, tinha eu sete anos, fui objeto da indignação olímpica do maestro Vila Lobos na sua tarefa de preparar uma

turma de canto orfeônico, no colégio onde eu estudava. Atacava eu, com a perfeita inconsciência que hoje tanto me dói, uma marcha, da maneira mais violenta, "assassinando-a" à vontade, quando subitamente Vila Lobos fez parar o coro e dirigiu-se a mim:

— Você aí!

Surpreso, avancei:

— Senhor?

— Você tem alguma noção do que está fazendo?

Infelizmente a frase era rebuscada de mais para a minha compreensão. Fiquei calado.

— Responda, seu imbecilzinho!

— Não sei, não, senhor.

— Então vá-se embora e não seja malcriado, seu cachorro!

(Continua na pág. 49)

Desinfecção da garganta pela PANFLAVINA

A garganta é a principal porta de entrada dos germes infecciosos que penetram no organismo humano. Em geral os micróbios patogênicos antes de penetrarem nas diversas partes do corpo, alojam-se primeiramente na garganta, daí se irradiando, até toma conta de todo o organismo.

Nesta fase em que os germes estão alojados na garganta, seu aniquilamento é fácil. Basta que se faça uso da Panflavina, produto Bayer, e desinfetante ideal. O seu grande poder bactericida está amplamente comprovado. Toma-se uma ou duas pastilhas por hora, deixando-se dissolver lentamente na boca. Seu sabor é delicioso. As crianças as tomam com prazer. Panflavina combate os germes que se encontram na cavidade bucal e na faringe.



Como será o Rádio G-E do futuro?

NOS laboratórios e fábricas da General Electric já se pensa no seu rádio. E para que os desejos de seus clientes sejam satisfeitos, a General Electric consultou milhares de ouvintes: qual teria sido o modelo preferido? Depois do dia "V", V. S. terá oportunidade de vê-lo, ouvi-lo e apreciar-lhe as excepcionais qualidades. Fabricantes de transmissores e receptores de rádio, pioneira

da ciência eletrônica, a General Electric está hoje empenhada na mais complexa tarefa de sua existência: auxiliar na conquista da Paz. Conserve o rádio que hoje possui e reserve em casa um lugar para o moderníssimo receptor que a experiência e a técnica G-E lhe oferecerão amanhã.

Ouçá os "Festivais G E", às 5as. feiras, na Rádio Nacional, às 22.05. Em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30.86 metros). Um programa musical, com atrações para todos os gostos.

Novos prodígios que estão por chegar

A General Electric está fabricando mais aparelhos de rádio para uso bélico do que qualquer outro fabricante. No pós-guerra, essa

enorme experiência frutificará em ainda melhores transmissores e receptores de rádio, de F. M. (Frequência Modulada) e de televisão.

RÁDIOS
GENERAL ELECTRIC



novos, e uma excelente compensação de bilheteria para os empresários e os autores. "Que rei sou eu?" explora, com felicidade aliás, a questão presidencial, focalizando os candidatos ao prêmio de dezembro e comentando, com "verve", as ocorrências dos dias atuais. Crítica e público foram unânimes apreciando o tipo apresentado pelo ator Ratinho, reproduzindo o sr. Getúlio Vargas, quando, até agora, aquele artista jamais experimentara o gênero. E o fez com absoluto sucesso. O ex-presidente Washington Luiz, que foi, no curso de seu período de governo, apresentado inúmeras vezes em peças semelhantes, voltou a ser interpretado pelo ator João de Deus. Mas o mesmo intérprete se incumbiu de dois outros personagens políticos: o cônego Olímpio de Melo e o dr. José Américo. Também os homens da situação internacional desfilam em vários quadros da referida peça, que veio, assim, marcar um ponto de referência para novos sucessos em peças desse estilo. Outras já estão anunciadas: "Prestes... a sair", escrita por Ari Barroso, e "Foi-se o martelo", de autoria da mesma dupla — Freire Junior e Luiz Iglezias — que vem de apresentar "Que rei sou eu".

Estamos, portanto, face a uma temporada teatral das mais promissoras. Neste momento oito companhias de declamação funcionam com regularidade, e duas de revistas.

Algumas novidades teatrais da semana: Alda Garrido entra em entendimento com a Empresa Vivaldi Leite Ribeiro, para alugar o Rival Teatro a partir de Agosto, ali estreando com uma peça de Joraci Camargo. — Também se noticiou que estreará em um teatro da Cinelândia (qual?) uma companhia de revistas, intitulando-se a peça de estréia "Nós queremos". — Bibi Ferreira é a autora da segunda peça a ser representada no Fenix pela Companhia Procopio Bibi, intitulada "Angelus". — A nova revista do Recreio foi escrita por Luiz Iglezias e Freire Junior. Denomina-se "Foi-se o martelo". E a que está em ensaios no João Caetano, de Ari Barroso, tem por nome "Prestes... a sair". — Fala-se na possibilidade do cômico Palitos ficar no Brasil, uma vez terminada sua atual temporada na Urca e na Rádio Globo. Palitos seria o "astro" de uma grande companhia de revistas em organização. — E, finalmente: anuncia-se a vinda de uma companhia de revistas e outra de comédias, ora em preparo, em Lisboa, pelo antigo empresário José Loureiro.

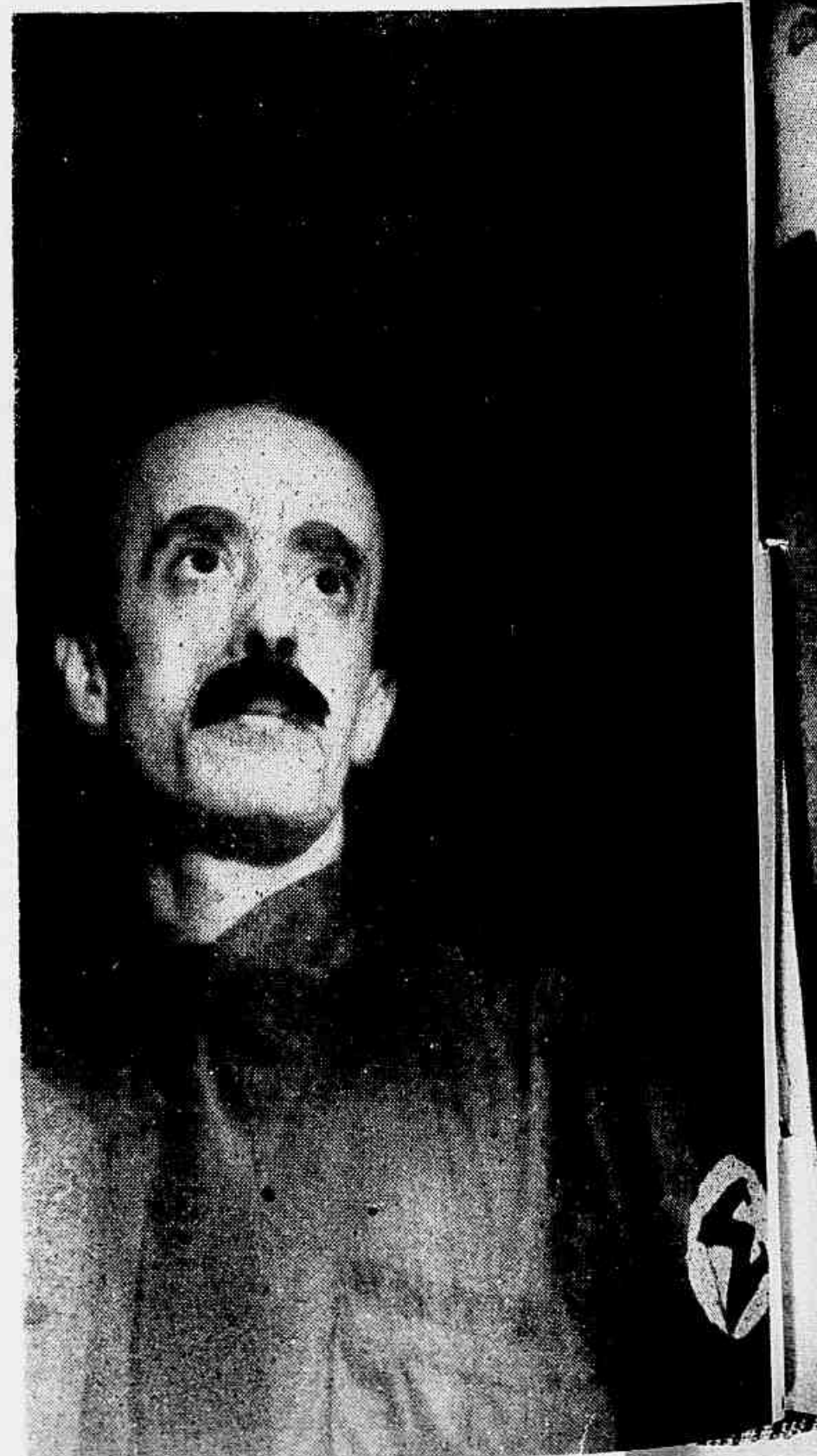
"SEU" PLINIO BAIXOU O BRAÇO! — Outro personagem largamente explorado na revista em aprêço — o ex-quase tuturo "Fuehrer" integralista. Sempre que o homem das camisas aparece, é aquele barulho. E cada vez mais desesperado, bradando aos céus e a terra, ele acaba... murcho e queda, de braço caído, com infinitas saudades do Duce e do desaparecido de Berlim.

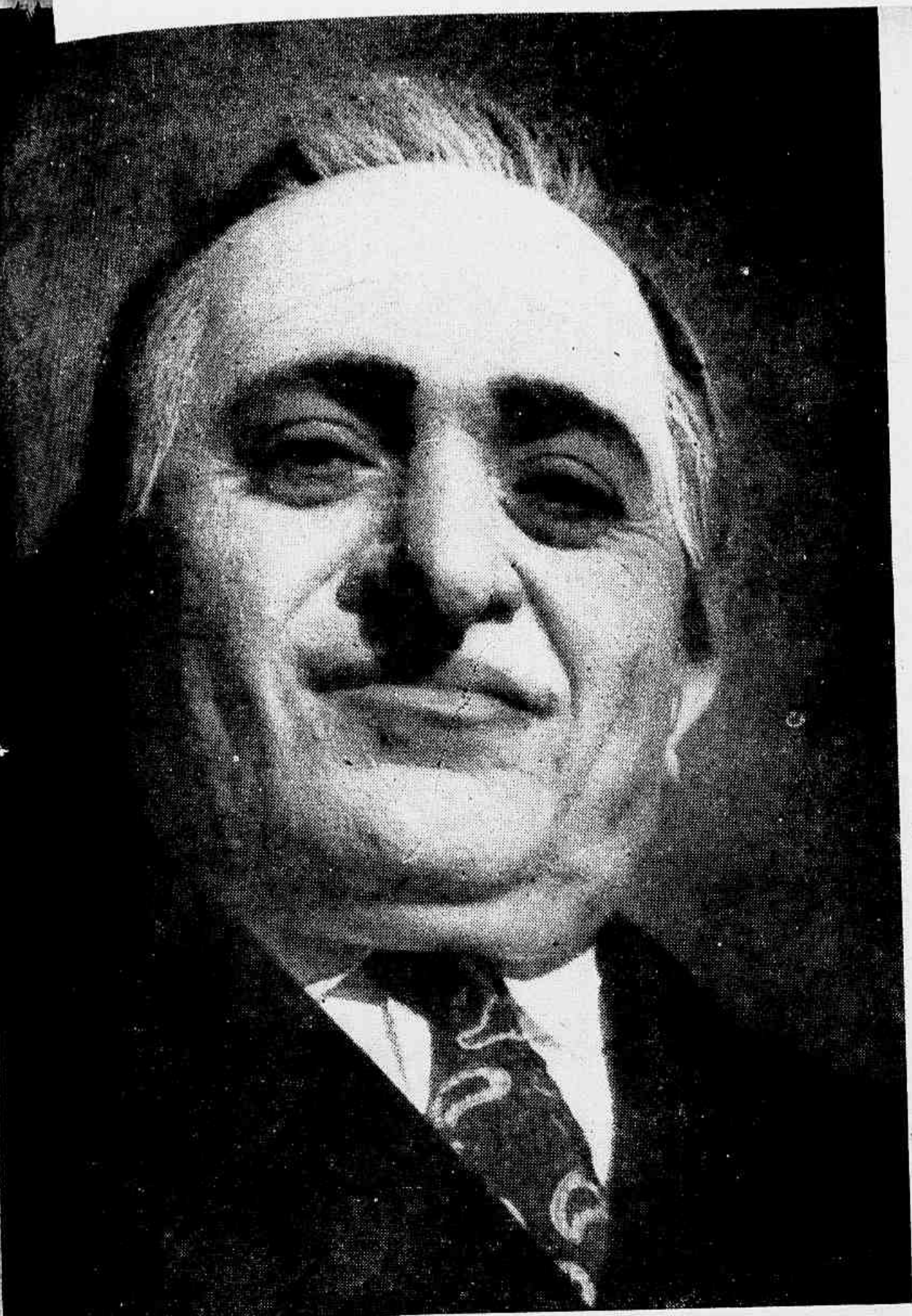
"— O CANDIDATO ELEITO VESTE FARDA!" — A anedota é conhecida, mas foi agora teatralizada e o "sketch" da revista resultou de grande efeito. Desejando saber qual dos candidatos à Presidência virá a ser o preferido e vitorioso nas urnas, o sr. Getúlio Vargas teria procurado a pitoniza e de seus lábios ouvira aquela profecia: "Será um que veste farda"... Ele não se preocupa. Sai de cena e volta, poucos momentos depois, fardado... com o uniforme da Academia Brasileira de Letras... Será que é ele mesmo? A pitoniza continua estudando as linhas da palma da mão de S. Ex...

A caricatura política no palco

A "charge" política, o comentário do momento nacional em cena aberta, continua sendo o grande motivo de sensação. Em edição anterior publicamos flagrantes fotográficos da revista "Bonde da Leite", ampliando hoje essa reportagem com os aspectos de outra peça de igual gênero, "Que rei sou eu?", escrita por Luiz Iglezias e Freire Junior.

Esta foi, aliás, a primeira revista política montada por uma companhia brasileira de teatro, de anos a esta parte. O aproveitamento dos temas de atualidade foi sempre a grande atração das revistas teatrais, lembrando-se os mais velhos do sucesso extraordinário que as "charges" desse feitio registravam, em tempos mais ou menos remotos. Circunstâncias políticas impediram que o sistema continuasse adotado, e assim uma nova geração de espectadores desconhecia por completo as revistas políticas. Elas aí estão, agora, constituindo uma sensacional surpresa para os mais





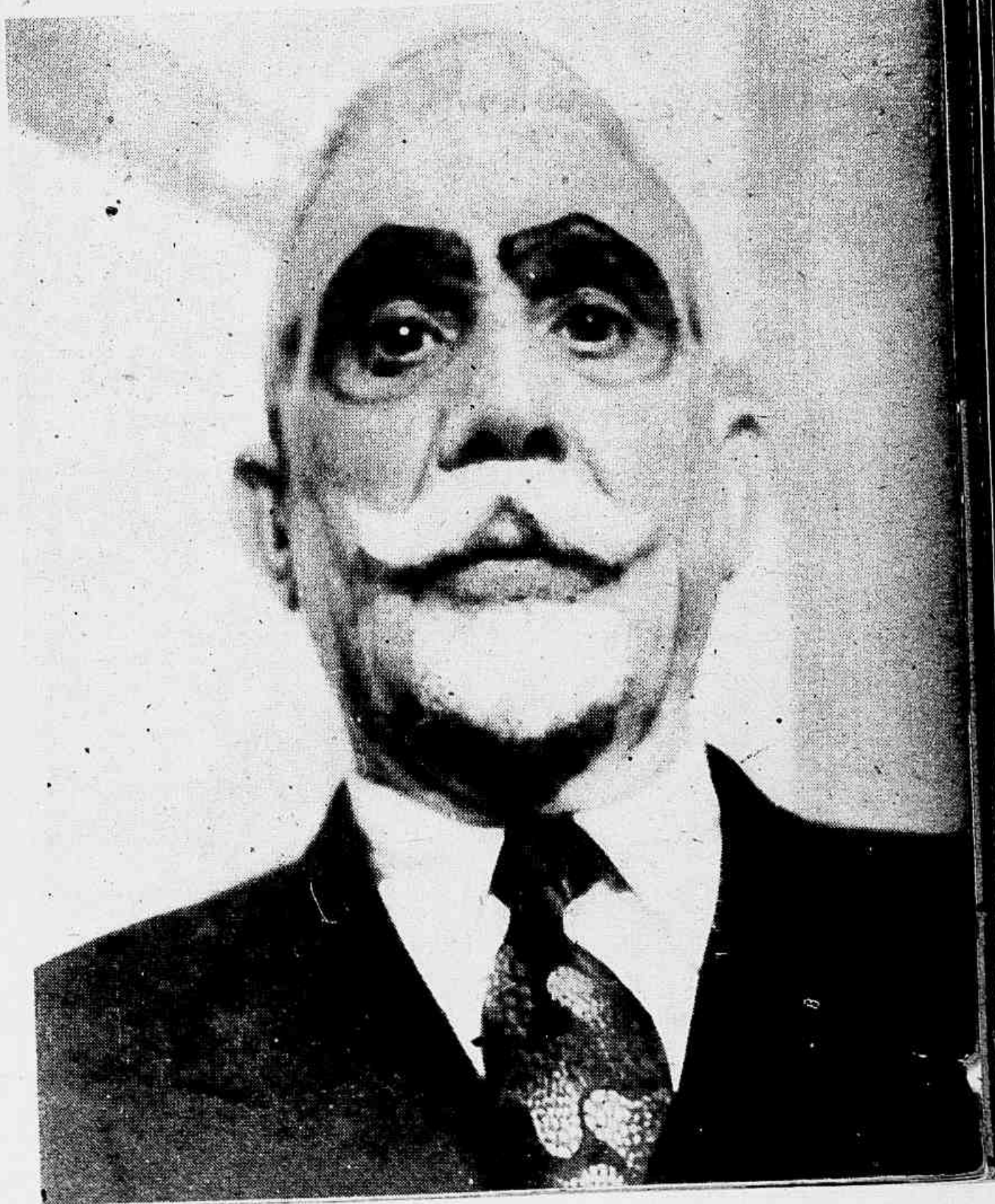
"QUE REI SOU EU?" — A composição de S. Ex., feita pelo cômico Ratinho, surpreendeu a platéia. Ninguém esperava de um ator especializado em tipos de sertanejo aquela correção da figura apresentada, tanto na reconstituição da face como no conjunto. Sempre discreto e comedido, um sorriso indecifrável brotando dos lábios expressivos, o andar lento e compassado, ele escuta muito e fala pouco. Afinal, que rei é ele?

CARLITO PEDE A PALAVRA! — Carlito ou Adolf Hitler? Ninguém sabe ao certo. Mesmo porque os tipos misturam-se a tal ponto que o espectador acaba confundindo o engraçado artista de cinema com o famigerado chefe nazista. De qualquer modo, seja Hitler ou Carlito, Jararaca é quem se apresenta, de bigodinho idiota, falando às massas e proclamando o início da tormenta. "— Senhores e senhoras, vai começar a inana!"



JOSE AMERICO, PELO ATOR JOAO DE DEUS — Também o antigo candidato à Presidência da República é figura obrigatória nas "charges" políticas do momento, apresentadas em nossos palcos de revista. O ator João de Deus, que se especializou nesses tipos, vive com propriedade o doutor José Américo. Ele é o homem que primeiro agitou o panorama político, soprando o vento da tormenta. E a coisa foi muito longe...

E O VELHO "VAZ ANTAO"? — Esse, fica de longe. Não está muito disposto a abandonar a quietude do seu retiro espiritual, nos Estados Unidos, para meter-se em "funduras". Ele prefere deixar como está para ver como é que fica, não se esquecendo das ocorrências de há quinze anos passados. Quando lhe fazem apelos e dizem que tudo piorou desde 30, evoca o caso da cigarra e a formiga, dizendo apenas isto: "— Cantavam? Pois dancem agora!"





TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sob. Rio

Nome

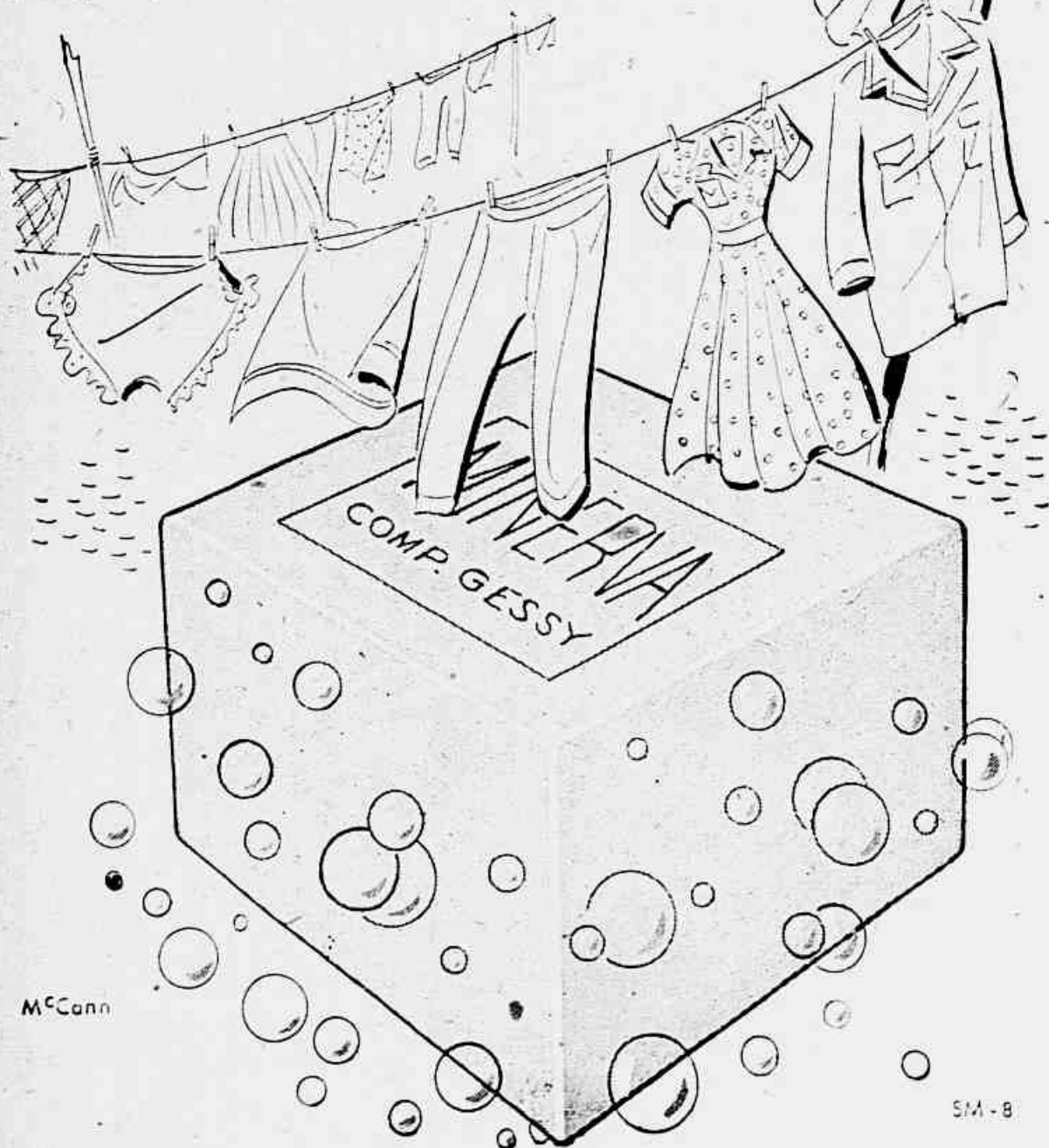
Rua

Cidade.....Estado.....



LAVA M-A-I-S POR MENOS DINHEIRO!

A economia não é apenas uma questão de preço. O Sabão MINERVA, por exemplo, além de custar pouco, é econômico porque permite a lavagem de maior número de peças de roupa. E é também econômico porque não ataca os tecidos que lava. O Sabão MINERVA, sai barato — porque protege o que lhe é caro.



Sabão MINERVA

PRODUTO DA COMPANHIA GESSY INDUSTRIAL

Falcões brasileiros nos céus da Itália

(Continuação da pág. 36)

seu pai, sr. Guilherme Augusto Rittmeister, que respondeu ao nosso comandante dizendo, entre outras coisas, o seguinte:

"Creio sinceramente que o seu atestado tenha sido o merecido prêmio pela atuação que ele teve como componente do 1.º G. Av. C., ao qual tanto se orgulhava em pertencer."

No dia 10 de dezembro surpreendeu-nos a visita do ministro da Aeronáutica, que compareceu à nossa base afim de inspecionar o 1.º G. Av. C. Ele e sua comitiva chegaram ao nosso acampamento justamente às 10 horas, no momento em que os nossos aviões regressavam de uma missão importante. Chegou portanto exatamente quando os nossos "sentavam a pua" nos inimigos. Foi nesse dia memorável que o fotógrafo conseguiu bater um instantâneo do homem das "atrapalhadas" nos céus de Itália, 1.º tenente Luiz Felipe Perdigão, cujos feitos heróicos, penso, são já do conhecimento do público.

A "CANDINHA DO FOGO" DO 1.º G. AV. C.

Numa manhã de frio, em janeiro, ao passar pela pista, encontrei-me com o terceiro sargento Raymundo Aldo Arneiro, que me levou a conhecer a "Candinha do Fogo". Assim se chamava às reuniões dos especialistas e pessoal do campo, realizadas em torno a um velho tambor de gasolina, dentro do qual ardia sempre um fogo reconfortante.

Era naquele recanto que se comentavam os acontecimentos do 1.º G. Av. C. e se ficava sabendo das passagens da vida de todos os seus componentes. Comecei a frequentar a "candinha", onde ouvia coisas do "arco da velha". As conversas eram travadas sempre numa linguagem que aos leitores parecerá um idioma estranho ao português.

Tomemos por exemplo este diálogo:

— Olhe, o Gugú vai fazer lenha com os tedescos.

— Com eles também."

Isto era apenas um comentário gaiato e lisonjeiro. Queriam os conversadores dizer apenas que o major Marcílio Gibson, comandante do esquadrão terrestre e encarregado de missão de bombardeio no Passo de Bremmer, ia fazer o diabo com os alemães.

O VELHO B-25 DO 1.º G. AV. C.

Ao falar do major Marcílio Gibson, lembrei-me da história do velho B-25 do 1.º Grupo de Aviação de Caça:

Foi numa manhã de dezembro que apareceu na área destinada aos brasileiros este avião veterano. Todo sujo e mal conservado, tinha a aparência de um velho desiludido da vida. O seu nome primitivo era "Desert Lil" (Fantasma do deserto). Ele havia feito toda a campanha da África no período de 1942 e 1943. Depois parecia procurar, como todos os velhos exaustos do trabalho, um cantinho para repousar. No entanto deu-se o contrário: o 2.º sargento Edson Moura Barreto chamou a si a responsabilidade de cuidar do velho "Desert Lil". Sabia que seria duro o trabalho de cuidar de um avião velho, mas não esmoreceu, e criou verdadeiro amor ao aparelho, a despeito da falta de material para a manutenção.

Quando da estréia do velho aparelho no Grupo, o seu piloto, que era o capitão Marcílio Gibson, permaneceu quatro horas no ar e voltou elogiando o aparelho como um dos melhores do momento. E teve, então, uma frase sugestiva: "Ele é velho mas é gostoso". Mas ele já não parecia o mesmo. Estava todo polido e dava gosto olhá-lo. O material indispensável à sua conservação era bastante difícil de se conseguir, por se tratar de um avião fora da luta. Mas o sargento Edson manteve o aparelho sempre "em forma", adquirindo o material de outros aviões quebrados e fazendo milagres de mecânica. A missão do velho B-25 era transportar oficiais, sargentos e praças aos campos de repouso em Roma, Nápoles e Capri. Servia também para ir até perto do inimigo, afim de transportar ilctos que eram atingidos e não podiam transportar os seus aviões até a nossa base, aterrando em campos de emergência. E quando deixei a Itália deixei com saudade o velho B-25, que havia sido então re-batizado com o nome "Zé Doidinho".

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA

Foi, sem dúvida, o maior prêmio dado ao 1.º G. Av. C. a designação de monsenhor Pascoal Gomes Libreloto para nosso capelão militar. Antes de se alistar como capelão expedicionário monsenhor Pascoal era secretário geral do bispado de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Certa vez encontrei-me com o jovem, dedicado e talentoso capelão, convidando-o para um passeio.

Foi então que monsenhor Pascoal contou-me um pouco de sua vida, falando-me de seu amor pelas coisas da aviação:

"Desde 1923 venho mantendo contacto com a aviação, então incipiente, em Santa Maria. Em 1923, em Santo Antônio do Campestre, assisti à queda do primeiro avião pilotado pelo sargento Noémio Ferraz, onde viajava o então tenente Oswaldo Cordeiro de Farias em companhia de outro oficial. Sempre, quando podia, visitava os hangares, atraído pela bravura, estoicismo e bravura de nossos aviadores."

Eu e o padre andávamos enquanto conversávamos. Estávamos em Pizza.

Parámos a contemplar o quadro de destruição e ruína que nos era apresentado pela estação ferroviária. Pouco adiante as casas, inteiramente destruídas, os tijolos e blocos de cimento atirados a distância, nos davam o aspecto de imenso depósito de pedra britada... Montões de destroços. Entre eles fotografei o meu companheiro de passeio.

Pelas fotos que ilustram estas notas pode-se ter uma idéia do que foi o bombardeio de Pizza e do estado a que ficou reduzida a cidade. E nas fotografias aparece sempre a figura de monsenhor Pascoal, um padre brasileiro que ficou conhecendo na Europa toda a extensão do pecado e do crime.

UM LIVRO SOBRE A GUERRA ESCRITO POR ARTUR ESTRELA DE SOUZA

N.º R. — O autor desta reportagem, o expedicionário Artur Estrela de Souza, da F. A. B., lançará brevemente ao público um livro sobre as atividades do 1.º G. Av. C. na Itália, do qual as notas que vimos publicando na REVISTA DA SEMANA são um extrato.

Em cada espirito uma Pátria

— Moço, quer pagar o almoço?

Era a frase habitual por ele empregada. Chamava-se Alvaro. Rechonchudo, sujo, descalço, olhar sem expressão. Quando lhe perguntavam o nome, tinha de repeti-lo porque sua língua não ajudava a pronunciá-lo.

Passavam-se os dias, as semanas, e Alvaro, evitando os olhos miudos do chinês dono do restaurante, pedia sempre:

Para limpar
prata...



...Silvo vale
ouro!



Silvo

LÍQUIDO PARA
POLIR PRATARIA

Ao mesmo tempo
LUSTRA e LIMPA
a Prataria!



— Moço, quer pagar o almoço?

Um dia pagavam-lhe sem nenhum comentário; outras vezes perguntavam por que não trabalhava. Certa vez foi uma senhora de ar imponente, apesar de seu vestido surrado, que falava acompanhando as palavras com mímicas de algum comendador do século XVIII.

— Se você fôsse meu filho eu não deixaria andar assim. Essas mães não sabem criar os filhos. Trabalhe!

Alvaro ouvia tudo com a paciência que naturalmente teria sua bisavó numa fila de açúcar a aguardar a vez. Pedira, e por esse crime teria agora de ouvir um

De musica

Continuação da pág. 45

A isso se reduz a minha primeira e, até hoje, única palestra com o maestro.

Tôda vez que o diviso, entretanto, um terror retrospectivo me faz murmurar o nome que, com deturpação inocente, o "mimoseei":

— "Seu" Vira-Lobo!

Assim foi que, ao avistar o maestro durante o concerto de Magdalena Tagliaferro, instei a convencer a mim mesmo de que estava no Teatro Municipal e não no campo do Botafogo, palco da descompostura inesquecível!

Magdalena Tagliaferro é uma pianista cujos méritos são conhecidos de sobejo do público que encheu o Municipal e a aplaudiu, conciosamente, no final das peças que executou. Entretanto, parece-me que, em virtude mesmo da fama e do justo prestígio da virtuose, devemos ser severos para com ela, elevando a severidade ao grau que o seu talento reclama. De outra forma, creio que seria uma maneira fácil de insultá-la equiparando-a, numa série de adjetivos vazios, a um sem número de mediocridades xaroposas.

Assim, direi que, nas duas primeiras peças que tocou, além de uns esbarros sem maior importância, tralou-a sobretudo a leveza seu "toucher", o que prejudicou um tanto a nitidez e, ao mesmo tempo, não permitiu que desse o necessário vigor e colorido às obras. Esse senão, sobretudo na Sonata de Schumann.

Na segunda parte, confesso que não gostei da maneira despreocupada e precipitada com que tocou as valsas de Chopin. Reservo para a terceira parte os meus elogios mais calorosos, sobretudo para a peça de Granados, muito bem tocada. Mesmo nessa parte, entretanto, no "Presto", de Poulenc, ela prejudicou um pouco a sua exteriorização com a falta de nitidez: sua mão corria com leveza pelo teclado — demasiada leveza, o que não significa que eu esteja desejando que ela venha a fazer do piano marimba. Nem oito nem oitenta...

Roberto Lyra Filho

O ANIVERSÁRIO DA "REVISTA"

Motivos imperiosos, decorrentes da situação internacional, que têm, por força, de refletir na organização dos serviços extraordinários da nossa secção técnica, obrigam-nos a fixar para dentro de algumas semanas a data de publicação do número comemorativo do 45.º aniversário da REVISTA DA SEMANA, o qual ocorreu no dia 20 do mês corrente. Tanto quanto o permitem aquelas circunstâncias, vimos todavia elaborando uma edição especial que há de corresponder às expectativas dos nossos leitores e que aparecerá, portanto, em junho.

Conto de Ziza Regis Batista

discurso de moralidade. Moralidade... mas, enfim, o que queria dizer esta palavra? Acaso sua mãe já lhe falara alguma vez nisso?

Enquanto a mulher tomava fôlego procurando argumentos, exaltando a educação dos filhos, Alvaro olhava para aquele

homem barbado, sujo, que esvaziava as pequenas travessas de feijão, arroz e enopado, fazendo um prato que feria inveja ao porco do vizinho. Do porco do vizinho, como era muito perto, passou para sua casa. Lembrou-se de sua mãe, lá

(Continua na página 51)

MAIS VALE PREVENIR... DO QUE REMEDIAR

SIGA ESTE PROVERBIO

TOME E DÊ AO SEU FILHO EMULSAO DE SCOTT

PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

HEMORRHOIDAS? tome

LIC. 3518-14-3 925 D.M.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pílulas de Herva de Bicho
Garantidas! Óptimas!
Infallíveis!



DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

É o tônico de todos

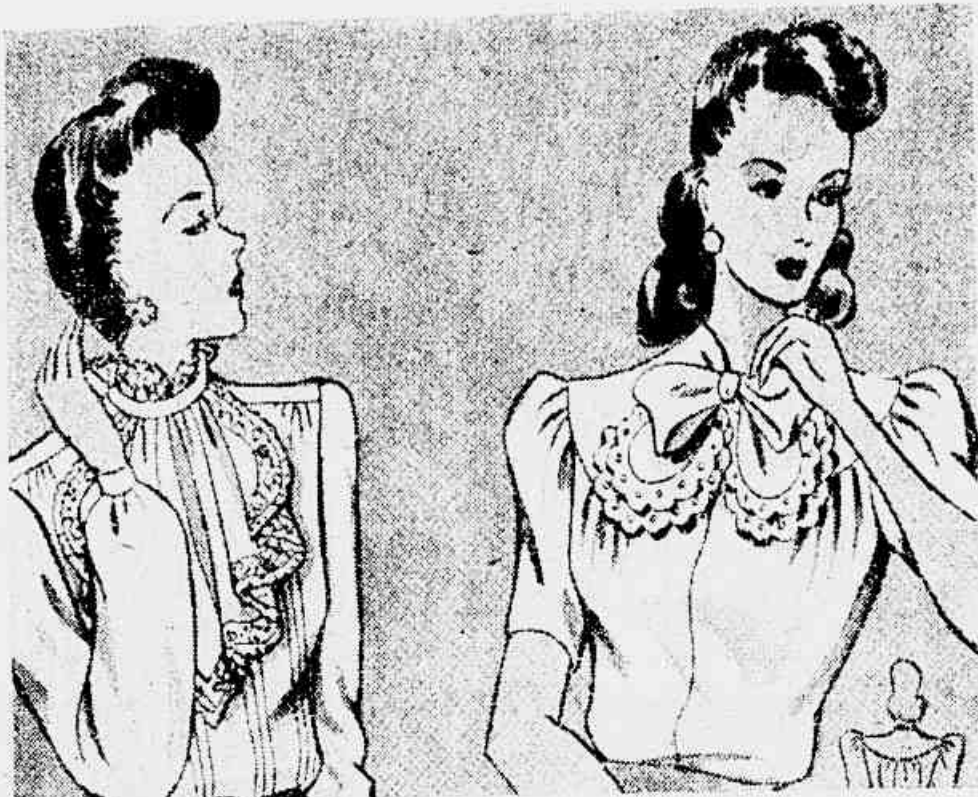
DYNAMOGENOL

É um produto do

Laboratório Sian



MODELOS



Os costumes e as respectivas blusinhas. As blusas cheias de plissados, que amenizam com o seu colorido, as suas rendas e os seus lacinhos juvenis a austeridade dos trajes de inverno.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

fixbril
para o cabelo
ASSENTA E DÁ BRILHO.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Ricco



PERFUMES

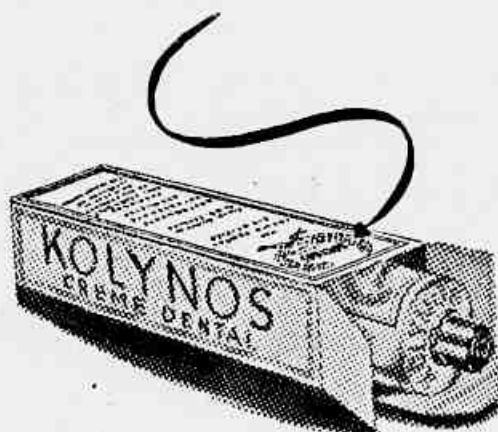
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

**SUA BOCA
PRONUNCIARÁ SEMPRE
UMA PALAVRA:
SAÚDE...**



**COM O USO CONSTANTE DE
KOLYNOS!**



**LIMPE
todos os recantos
de sua boca
usando**

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

Em cada espirito uma Pátria

(Continuação da pág. 45)

no barracão infecto, cheio de mosquitos; do São Jorge pendurado na parede imunda, com uma flor murcha presa nas pontas do papelão arrebitado; da proprietária da casa, dona Mariazinha, como a chamava a portuguesa da esquina, cumprimentando-a, exibindo dois dentes de ouro; do gato preto que miava comovedoramente, como a implorar providência pela falta de ratos, quando ele chegava e lhe jogava os miolos de pão que carregava do china. Chegou no china, parou. Estava no china, diante de uma mulher que se achava no direito, apenas porque lhe pedira um almôço, de pregar um sermão igual ao que fazia o capelão da igreja de S. Roque e da mulher que morava na esquina, falando para uma vizinha, da outra, a qual, dizia, queria tomar-lhe o marido, um pobre diabo que nem os remendos das calças podia mudar. Alvaro fez meia volta e se foi, deixando sua interlocutora a esbravejar, pois da

porta ele ainda se vingou com uma careta.

Não era só o Alvaro que pedia um almôço no china. Era o Babá, o Aluizio e outros, que, além disso, pediam tostões, cafés e apanhavam pontas de cigarros pelas ruas. Alvaro vivia porque os outros lhe davam. Para que trabalhar? De noite levava pão para sua mãe e, às vezes, arranhões, colhidos entre os outros moleques. No princípio odiava e, às vezes, chorava. Odiava o operário porque lhe dera uma prata, e aquele ricoço porque lhe negara um tostão. Odiava aquela mulher de anelão no dedo porque mandava seu filho estudar, e aquela outra bem vestida, de chapéu, luneta porque exprobrava seu filho por causa de um flapo no seu blusão de lã. Porém depois já não odiava mais, nem o que lhe dava nem aquele que negava. Não temia a noite escura, nem os cães que ladravam

quando voltava para casa; mas fugia só em avistar uma farda amarela. Que prazer não sentiu naquele dia no china, no mesmo lugar onde ele comia, quando viu aquele sargento da polícia, babando, a impetificar o ar com odor de cachaça.

Alvaro seguia, crescia dentro do seu cinismo, acompanhado de uma porção de colegas, que como ele temiam a polícia, fugiam à escola, amavam suas mães e desconheciam pátria.

II

Pátria... Engraçado, pensou um dia, olhando uma vitrina da rua da Carioca. Pensou em pátria porque viu um cartaz alusivo a ela, que conseguiu ler, apesar dos seus poucos conhecimentos. Olhou para a bola colorida da vitrina, para a roupa bonita, vestida num manequim, e no botequim da esquina comprou um pão. Comeu e disse para si mesmo, batendo

na barriga: "isso deve ser a pátria". Lembrou-se do pão preto do china e pensou: "e aquele, que será?"

— Quanto ganhaste hoje? — interrompeu-o Aluizio, que chegava.

— Ora, não te interessa. Escuta aqui, sabes me dizer o que é pátria?

Gargalhada. Aluizio tirou o boné encardido, coçou a cabeça e repetiu a pergunta para o João, que também ia chegando. Este, olhando para um colégio defronte:

— Ouço dizer que é ali.

— Por que ali? — pergunta Alvaro.

— Foi o Luluca quem disse; ali se aprende a amar a pátria. Portanto ela deve existir lá.

Mas Aluizio sorriu ainda. Tirou uma moeda do bolso, jogou-a para cima e, aparando-a nas costas das mãos, perguntou:

(Continua na pág. 53)



UMA CARÍCIA PERFUMADA!...

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso, o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido

no Brasil, há mais de trinta anos. O pó de arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: branco, rosa, raquel, ocre-claro e ocre-escuro. Pó de arroz Lady — é o melhor e não é o mais caro!

PÓ de ARROZ

Lady

À VENDA EM TODO O BRASIL



P. Ferraz

Numeros atrasados

desta revista no

Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Trav. Camões Sales, 85 - Belém

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

Cabelos Brancos??
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 153-Rio. T. 29-2040
ÓLEO — LOÇÃO



RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Aqui estão 5 esplêndidos modelos para mocinhas. O primeiro, em tafetá azul escuro, tem como nota originalíssima os pequeninos botões em forma de morangos. O segundo, que pode ser confeccionado em lã flexível, traz o detalhe de dois grandes bolsos muito práticos. O terceiro deve ser executado em dois tons. Logo após temos o lindo modelo em lã lisa e lã quadriculada. O corpinho cruzado, e os bolsos aplicados e adornados com os mesmos botões que enfeitam o corpete. E, finalmente, o último em lã azul clara, ornamentado com cordões de lã vermelha.



inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

• UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

Em cada espirito uma Pátria

Continuação da pag. 51

— Cara ou corôa?

— Cara.

— Corôa — foram as respostas.

— Pois, cara ou corôa, esta é a minha pátria.

— E eu vou buscar a minha — disse João, esquecendo o colégio e se dirigindo para o china, em busca do almôço.

Alvaro seguiu-o. Lá estava aquele estudante, sentado, almoçando.

Hoje será ele, pensou.

— Moço, quer pagar o almôço?

Que estudante bom. Não lhe perguntara nada nem lhe pregara um sermão. Dissera apenas:

— Se algum dia for prêso, não resista, vá; mas não chore nem implore, porque só os covardes fazem isso, e um homem não deve ser covarde mesmo quando é um vagabundo.

III

Já eram seis horas da tarde, e desde as três que Alvaro entrara no hospital.

— Vou morrer — disse para uma enfermeira.

— Durma, menino. Se você não fôsseapanhar trazeira de carro não lhe aconteceria isso.

Alvaro fechou os olhos mas não dormiu. Aquelas paredes brancas, frias, lhe faziam medo. Aquêlo cheiro horrível que pairava no ar e aquêles gemidos de outros internos davam-lhe uma sensação igual à que sentira quando aquêlo pesado carro lhe esmagara as pernas. Suas pernas. Sim, ele não tinha mais pernas. Nunca mais poderia ir no china pedir almôço. Nunca mais poderia ver sua mãe. E sua mãe, agora, também ia morrer de fome. Era ele quem lhe levava pão e dinheiro.

— Quero água, moço — pediu.

— Vá dormir, menino.

— Mas eu não posso dormir.

— Então fique calado.

Alvaro ficou calado. Sentiu vontade de chorar. Mas não; só os covardes choram. Lembrou-se do estudante. Muitas vezes ele ainda lhe pagara o almôço. Dizia coisas bonitas, todavia falava mal dos homens. Ele um dia lhe perguntara o que era pátria, e obtivera como resposta: "não pergunte a ninguém, porque se o fizer nunca ficará sabendo, pois em cada espirito encontrará uma. Procure-a dentro de você mesmo que a encontrará". E agora ele ia morrer e ninguém havia de sentir a sua morte, a não ser sua mãe e o galo magro que miava pedindo os miolos de pão que lhe levava. As feridas doíam, porém não chorava nem implorava.

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se descoloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmes na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

90-B

va. Tinha quinze anos. Pela primeira vez sentia medo. Desejava alguém que lhe falasse, lhe alisasse os cabelos desgrenhados; contudo ninguém, nem mesmo sua mãe, lhe havia alisado os cabelos algum dia. Ele era um moleque. Pensou num garoto que um dia viria ir para a escola. Sua mãe levava-o até o portão e, beijando-o na testa, dissera, quando ele lhe pedira a bênção: "Deus te acompanhe, meu filho". Que coisa horrível. Por que ele havia de se lembrar de tudo isso? Fechou os olhos, a mesma coisa. Olhou para o teto. Aquêlo teto branco. Viu sua mãe, o galo, o São Jorge, a portuguesa da esquina, a vitrina, a bola colorida, o Babá, o menino indo para a escola, o estudante. Apareceram mais bolas. Abriu a boca para gritar, mas não pôde. Quis se mexer. Pensou em alguém chegar e acariciar-lhe o rosto quente e ninguém chegou...

Quando a enfermeira voltou encontrou-o na mesma posição, gelado, morto.



CYMA

NENHUM OUTRO RELOGIO LHE DARÁ TANTA SATISFAÇÃO

— Dr. Carlos, faz favor, o doente número seis acaba de morrer.

— Quem era ele?

— Um vagabundo. Foi melhor assim. Era um elemento nocivo à sociedade.

No outro dia no china não apareceu nenhum moleque à procura de suas pátrias. Alvaro morrera mas na sua casa estavam os seus colegas.

O João, torcendo nervosamente seu gorro furado, limpou disfarçadamente uma lágrima rebelde, dizendo para a velhinha reumática, mãe dêle:

— Nós lhe traremos pão e dinheiro, a senhora não ficará sem pátria...

E no outro dia os olhos oblíquos do Chinês, lá na caixa, viram, e ele ouviu a cantilena de a vida continua:

— Moço, quer pagar o almôço?

Perfume

ORYGAM

de

GALLY

Agradável e envolvente
como uma carícia!

- Água de Colônia
- Brilhantina
- Creme
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Rouge
- Sabonete

P. Ferraz

Os monges de S. Bento

(Conclusão da pág. 17)

mosteiro que o senhor visita, deve ser simples e sóbria. Nada temos de nosso. Quando um monge se ordena está sujeito a três votos: de obediência, de conversão dos costumes e de estabilidade. A guarda de castidade, o abandono do direito à propriedade são conexas à Regra.

Assim vivem os monges de São Bento. No seu recolhimento místico, onde se fazem ouvir apenas os cânticos de psalmos e a música solene do órgão, não se pode perceber uma nota que lembre a vida mundana, um pedaço

sequer do mundo exterior não poderá jamais quebrar a monotonia monacal do ambiente.

Em todos os mosteiros de São Bento é peremptoriamente proibida a entrada de mulheres, não havendo exceções a essa proibição nem mesmo para as parentas mais chegadas aos monges.

Existe nas proximidades da França uma republiqueta de monges Beneditinos, S. Marino, cujo território jamais foi banhado pela graça de um sorriso feminino.

E os frades de São Bento, na solidão dos claustros abobadados, rezam hoje, como o faziam no século V, aproximando-se de Deus pela oração e pela simplicidade de seu modo

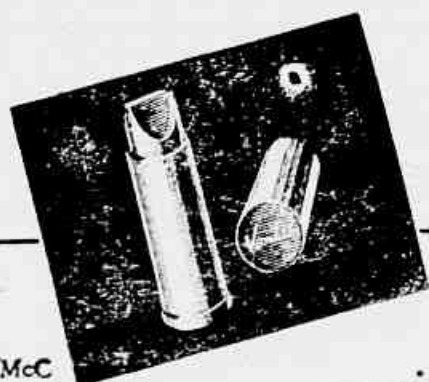
de viver, como faziam os seus precursores do Oriente — os ascetas.

Como já ficou dito no texto, a nossa reportagem em torno do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro foi dividida em duas fases. Hoje falamos da vida dos monges beneditinos. Em nosso próximo número dissertaremos sobre o mosteiro em si e as preciosidades artísticas e históricas que ali se encontram, em nova reportagem, que será publicada sob o título "Três séculos de vida de um monumento histórico".



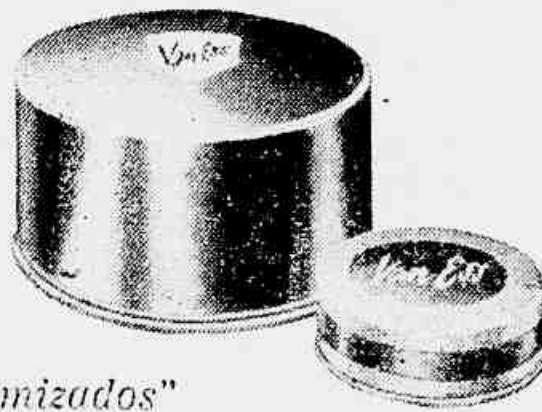
VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

pó de arroz e "rouge"



Van Ess

"atomizados"



★ Use também o baton VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base de "creme veludo", que suaviza, protege e embeleza os lábios.

A flor dos mortos

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6)

fera pura, inconfundível e serena. Quando o sol as beijar transmitirão, aos mortos, o calor que lhes aviventar a alma; quando a rajada hibernar soprar por sobre o campo santo, evitarão maiores frialdades ao frio túmulo... Cuidarão dos mortos em nome das mães, das esposas, dos filhos ausentes... E de tal modo confundirão o seu hálito com as emanações da terra, que tudo parecerá um único rosal e um só imenso jardim...

Flôres dos mortos... Flôres da Eternidade... Elas renovar-se-ão, sempre, tal como a lembrança dêles no coração dos brasileiros. Toda vez que uma desabrochar, será como um sorriso da Pátria a florir nas longínquas regiões da Itália. Ali é Brasil, porque é flôr brasileira. Como o solo das embaixadas, nossas emissárias odoríferas reproduzirão, onde estiverem, o milagre da terra nativa... Esta rosa, este cravo, esta assucena reivindicam, para os mortos que perfumam, a extra-territorialidade jurídica e diplomática... E quando mais flôres lhes mandarmos, mais terra lhes haveremos de fornecer e assegurar...

Hálito de Deus, suprema aspiração da Matéria, vestígio oloroso de uma pátria celestial que caberá a tudo e a todos, a Flôr — juntamente com a cruz — é a melhor companheira dos heróis mortos em terra longínqua e estranha. A Cruz aponta-lhes o caminho do Céu; a flôr recorda-lhes a gratidão da Pátria. Uma é madalena sagrada; outra é organismo de poesia e sonho. Mas tudo é vida, porque a cruz foi árvore e a flôr é semente de árvore. Tudo é vida porque, se a flôr depressa se esvai e murcha, a Cruz é o penhor da redenção futura e o sinal da primavera perene e universal.



O forasteiro e o cicerone

(Continuação da pág. 29)

— "Corpo di Baco! Há mais de trezentos ou quatrocentos anos!

— De que faleceu?

— Mas não o sei, não posso sabê-lo.

— Talvez de varíola?

— Não creio. Mas repito: não o sei.

— De sarampo, por ventura?

— E' provável, porém não sei... Certamente de alguma coisa ele morreu.

— Os seus pais ainda vivem neste mundo?

— Mas não, são falecidos, provavelmente antes dele.

— Ah! E diga-me, qual é o busto e qual o pedestal?

— Aqui está o busto e eis o pedestal. **Santa Madonna!**

— Vejo, vejo. Eis uma combinação muito engenhosa. E' a primeira vez que este senhor está sobre um busto?

No dia anterior tínhamos passado três ou quatro horas no Vaticano, queríamos rever aquele Museu prodigioso. Mais de uma vez nos foi difícil dissimular a nossa admiração que explodia contra a nossa vontade.

Todavia conseguimos o nosso objetivo. Pela primeira vez foram vistos visitantes passarem,

sem vacilar, pelas maravilhas do Vaticano. O nosso guia estava completamente idiota.

Corria nas suas longas pernas, procurando qualquer coisa de extraordinário para nos mostrar, explicando tôdas as suas características.

E sempre sem sucesso. Nada nos interessava. Por último conseguiu o que considerava a maravilha das maravilhas: uma múmia egípciana, talvez a melhor conservada que existe no mundo. Desta vez estava tão seguro do efeito que desceu um pouco do seu entusiasmo.

— Eis, senhores, uma múmia. O monóculo foi colocado, no

costumeiro gesto calmo, diante do olho do doutor:

— Ah! E como disse que se chama este cavalheiro?

— O seu nome? Não o possuía. De qualquer modo não o sei. E' uma múmia egípciana.

— Ah! Bem. E' desta região?

— Não! E' uma múmia egípciana, afirmo-lhe.

— Ah! Bem. Francesa, então?

— Não, não. Nem francesa, nem romana. Veio do Egito.

— Egito? E' a primeira vez que ouço pronunciar o nome deste país. Um país estrangeiro, certamente. Múmia, múmia... Como é calmo este bravo personagem! Como tem o aspecto de

estar seguro de si mesmo. Mas diga-me: está morto?

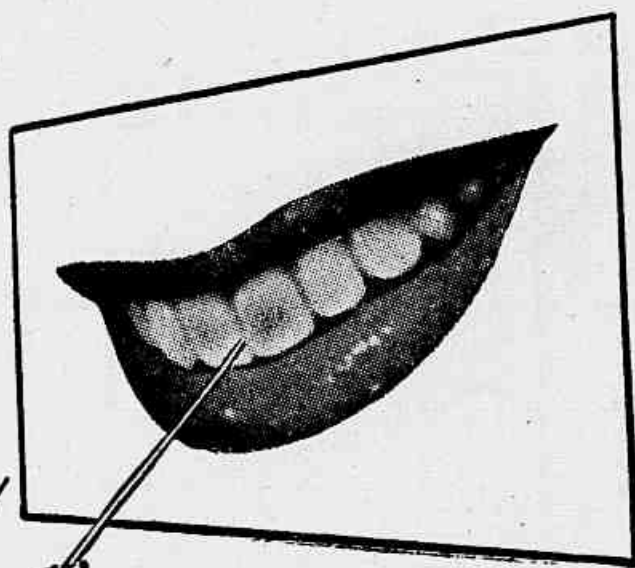
— Santo Deus! Há três mil anos que está morto!

Em seguida o doutor se volta para o guia, com o aspecto selvagem:

— Digo, portanto, que você devia procurar se comportar convenientemente. Não é uma boa razão, porque somos estrangeiros, tratar-nos por chineses. Procurar se aproveitar de um velho cadáver de ocasião, que nem mesmo os ratos desejariam. Se tiver um cadáver um pouco mais fresco, vá procurá-lo, caso contrário providenciarei um, eu mesmo, simplesmente partindo-lhe a cabeça.

80% das Cáries começam aqui—

Afirmam os Dentistas!



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente!

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA

**Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Gessy protege no Ponto Vital!



ONDE A ESCÔVA não atinge... começam as cáries. Proteja seus dentes nesse Ponto Vital, usando o Creme Dental Gessy.

Sua espuma, de ação ultra-penetrante, atinge onde a escôva não alcança: combate as fermentações dos resíduos alimentares, destrói os germes causadores da cárie, neutraliza o excesso de acidez, evita o tártaro.

Gessy é três vezes concentrado — custa menos, rende mais. Gessy limpa, dá brilho aos dentes e combate o mau hálito. Use Gessy três vezes ao dia.

**GESSY CUSTA
MENOS!**

Compare Gessy com os demais dentífricos de alta qualidade. Verá que Gessy lhe oferece até 20% de vantagem no preço. Escolha qualidade e economia, escolhendo Gessy.

MAGNESIA
CREME
GESSY
DENTAL

50 ANOS A SERVIÇO DA

EUGENIA E DA BELEZA



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. FARQUINO

NÓVAS ENCAPELAÇÕES



Estilo tampinha



Estilo enxaquêca



Estilo sacaria



Estilo <tony>



Estilo <trouxa>



Estilo proceloso



Estilo epicêno



Estilo <chinguço>



Estilo obsoleto



Estilo <preta mina>



Estilo canteiro



Estilo chinô



O jornalista

Depois de longas horas de trabalho mental, no agitado ambiente de uma redação, o cérebro sente-se exausto e os nervos descontrolados. Utilíssimo é, então, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, cuja ação suave, mas segura, restitui ao espírito a calma necessária ao trabalho intelectual. ADALINA é um produto da Casa Bayer. Isto lhe serve de garantia.

ADALINA

BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

À busca da felicidade

Que é todo o esforço da vida humana senão uma permanente busca da felicidade? Por que se agitam homens e mulheres, em todas as idades, senão para conseguir os elementos que os fazem felizes? Mas a primeira condição da ventura individual é o bem estar físico, resultante da boa saúde. Não há felicidade possível quando o sistema nervoso não funciona normalmente e ninguém ignora que é pelos nervos que o homem goza ou sofre. A alegria e a tristeza estão intimamente vinculadas aos nervos. Mantê-los sólidos, preservando-os dos choques e abalos da agitação moderna, é, pois, o esforço lógico para alcançar a felicidade. A ciência possui um grande recurso para isso. O Benal, fórmula do prof. Austregesilo, assegura o funcionamento normal do sistema nervoso, garante o sono reparador, dá o domínio do indivíduo sobre si mesmo. É uma barreira às inquietações que perturbam a vida e tiram ao homem o mais precioso dos bens, que é o seu ego do espírito. Benal encontra-se em todas as Drograrias e farmácias.

JOSEFA — Escute, Regina. Eu acho melhor irmos à praia. Vamos procurar Luizinha.

REGINA — Vamos, Josefa. Oh, meu Deus. Que teria acontecido? Que seria feito da minha filha? Onde estará Luizinha, meu Deus?

(Encerramento)

CAPÍTULO XVI

LOCUTOR — Luiz consegue localizar Levy, o célebre cabeleleiro, que foi o acusador do roubo dos documentos. Quem vem denunciá-lo é Suzete que, saturada pelos maus tratos de Levy, resolve procurar Luiz. Num de seus passeios à praia, Luizinha trava conhecimento com um jovem, que se dá a conhecer por Netuno, e Luizinha fica sendo conhecida por ele como sereia. Regina fala a Zé Pedro que já é tempo de modificar o seu modo de vida, pois a Luizinha tem direitos que ela egoisticamente lhe tem negado. Já é tempo de entrar em casa pelo menos os jornais da capital. Zé Pedro conta a Regina todas as novidades que sabe — a morte de Celeste e do dr. Novais, que já estava há 14 anos no Rio Grande. Notícias bastante velhas, que ele, Zé Pedro, guardava porque Regina não admitia que, até então, se falasse do passado. Luizinha não deixa de ir à praia, agora mais do que nunca. Regina começa a achá-la mudada. E uma tarde, quando os sinos anunciavam o "Angelus", Regina está preocupada porque Luizinha ainda não voltou para casa. E aí começa o capítulo XVI.

(Música)

(Relógio bate sete horas)

REGINA — Meu Deus! A Luizinha que ainda não veio! Isto não é natural, Josefa. Aconteceu alguma coisa a Luizinha. Há quanto tempo estou olhando o caminho, e nada de minha filha aparecer.

(Música)

(Relógio bate oito horas)

REGINA — Oito horas, Josefa. Eu não posso mais de aflição. Luizinha não aparece. Que angústia, meu Deus!

(Música)

(Relógio dando oito horas e meia)

JOSEFA — Escute, Regina. Eu acho melhor irmos à praia. Vamos procurar Luizinha.

REGINA — Vamos, Josefa. Oh, meu Deus. Que teria acontecido? Que seria feito da minha filha? Onde estará Luizinha, meu Deus?

JOSEFA — Quem sabe se ela não está de conversa fiada em casa da tia Alzira? Você se lembra da vez que ela ficou lá muito tempo, e nós também nos assustamos?

REGINA — Lembro-me, sim. Queira Deus que ela esteja lá. Eu estou tão aflita, Josefa.

JOSEFA — Olhe ali na estrada. Não é ela que vem correndo?

REGINA — Graças a Deus. É ela, sim! É Luizinha que vem ali.

JOSEFA — Mas veja uma coisa. Ela não vem sozinha!

REGINA — Mas quem será que vem com ela?

JOSEFA — É um homem que vem com ela. Mas olhe! Quem será?

REGINA — Voltou. Quem será? (pausa).

LUIZINHA — Oh, mamãezinha. Eu me demorei, não foi? Estão assustadas. Quando avistei vocês aqui na varanda, vi logo que estavam assustadas.

REGINA — E então não havíamos de estar? Já íamos sair à sua procura. Que esteve fazendo até agora, minha filha?

LUIZINHA — Eu estive em casa do Zé Poveiro.

REGINA — Mas porque demorou tanto, minha filha?

LUIZINHA — Porque foi preciso, mamãe.

JOSEFA — Deve ter havido uma razão muito forte para você demorar tanto em casa do Zé Poveiro.

LUIZINHA — Houve, sim. Foi o seguinte: eu vinha da praia e ao passar pela casa dele escutei gemidos. Parei para ouvir melhor e conheci a voz da Tereza.

REGINA — A mulher do Zé Poveiro?

LUIZINHA — Sim, mamãe. E eu pensei que ela devia estar só. São apenas os dois e, àquela hora, o Zé Poveiro ainda estava no mar. Entrei, então, para socorrer a Tereza que gemia cada vez mais.

REGINA — E o que tinha ela, minha filha?

LUIZINHA — Ela estava precisando imediatamente dos serviços da tia Alzira. Fiquei aflitíssima. Eu teria que vir até aqui chamar a tia Alzira e, ao mesmo tempo, tinha pena de a deixar sozinha naquele lugar tão deserto!

REGINA — Que fez você, então?

LUIZINHA — A providência me socorreu. Pedi àquele homem que vocês viram comigo que viesse chamar a tia Alzira.

REGINA — Mas quem é aquele homem?

LUIZINHA (perturbada) — Aquêle homem? Eu... eu não sei... ele passou por lá e eu lhe pedi êsse favor. Mas deixem-me contar.

JOSEFA — Isto mesmo, Luizinha. Continue.

LUIZINHA — Enquanto ele veio chamar a tia Alzira eu fiquei ao lado da Tereza, que já estava bem mais calma com a minha presença. Depois tia Alzira chegou, a criança nasceu e... o tal rapaz, que é muito gentil e ainda estava por ali quando eu saí, não quis que eu viesse sozinha, e me acompanhou... (ri) e foi o que houve, mamãe. Vocês desculpem. Mas eu não podia passar indiferente por uma casa onde gemia uma pobre mulher. Principalmente porque sabia que ela estava só.

REGINA — Sim, minha filha. Você fez muito bem.

JOSEFA — É, mas você pregou um susto muito grande em sua mãe.

LUIZINHA — Que quer você, Josefa? Foi inevitável. Aqui não há telefone para avisar...

(Música)

(Batidas na porta)

LUIZINHA — Entre.

JOSEFA — Bom dia, Luizinha. Você não estava dormindo, não é?

LUIZINHA — Mesmo que estivesse, você me teria acordado.

LUIZINHA — Eu não acredito, Josefa. Você não vê como a mamãe fica nervosa por qualquer pergunta que eu faço? Como é que ela vai ter coragem de me falar nestas coisas? O que eu sei é que é muito triste a gente não saber nem o nome do seu pai. Por isso é que eu vivo enterrada aqui nesta colônia. Naturalmente é por causa desse mistério que a gente não sai daqui. Se a mamãe é viúva, que mal tinha eu em saber o nome do meu pai? Ele teria sido um criminoso? Oh, Josefa. Você não imagina como estas perguntas não saem da minha cabeça e afligem o meu coração!

JOSEFA — Escute, Luizinha: eu vou lhe fazer uma só recomendação. Não atormente a sua mãe. Não lhe pergunte nada. Mais dia menos dia ela chama-la-á e lhe dirá tudo o que você precisa e deseja saber. E eu quero lhe fazer um pedido: pense sempre bem da sua mãe. Sua mãe é uma santa, ela tem sofrido de mais. E, quanto ao seu pai, eu lhe afirmo uma coisa: você só poderá ter orgulho do seu nome. Mas tenha pena da sua mãe. Ela é uma sofredora. E você, com a sua curiosidade, aumenta o seu sofrimento.

LUIZINHA — Está bem, Zefinha. Eu esperarei com paciência. Você sabe o quanto eu adoro a minha mãe! Por ela eu faria todos os sacrifícios. E se a minha curiosidade é um sofrimento para ela, eu juro a você que, de hoje em diante, eu não quero saber mais nada, ou, pelo menos, procurarei fingir que não quero saber...

(Música)

REGINA — Minha filha, você não acha que o sol ainda está muito forte para ir à praia?

LUIZINHA — Ora, mamãe, eu me dou muito bem com o sol e com o mar. Eles nunca me fizeram mal. Se você soubesse como eu me sinto feliz quando me vejo sozinha naquela amplidão!

REGINA — Você é bem uma filha do mar.

LUIZINHA — Sim, mamãe, eu adoro o mar, o mistério do mar, os caprichos do mar. Quando as ondas se arrastam na areia, a meus pés, eu tenho a impressão de que elas estão me contando um segredo. São as minhas melhores amigas!

REGINA — Outro dia, quando fui à praia com você, eu estive reparando uma coisa. Você precisa ser mais prudente, minha filha. Você, quando está nadando, abusa um pouco. Eu acho que você vai longe de mais...

LUIZINHA — Dizer isso a mim? À sereia de S. Vicente? Então você não sabe a nadadora que eu sou? Não há perigo nenhum, mãezinha. Este mar é o meu grande camarada, e nós nos entendemos muito bem.

REGINA — Bem. Eu não quis ofender os seus brios de nadadora...

LUIZINHA — Esteja tranquila. Eu hoje vou dar um mergulhinho apenas. Daqui a pouco eu estarei de volta... até já...

REGINA — Vá. Vá com Deus, minha filha.

(Música)

TIA ALZIRA — Olá, dona Luizinha, aonde é que vai nessa corrida?

LUIZINHA — Boa tarde, tia Alzira. Como vai passando?

ALZIRA — Quem vai passando era você, sua menina! Já chegou para o mar!

LUIZINHA — Já, sim. Se não me chama eu nem cumprimentava a senhora.

ALZIRA — Mas menina, aonde você toma banho?

LUIZINHA — Lá longe, tia Alzira. Depois da casa do Zé Povinho.

ALZIRA — Mas que extravagância! Por que não toma o seu banho aqui perto?

LUIZINHA — Ora, tia Alzira. A senhora já sabe que eu gosto da solidão.

ALZIRA — Está com a mesma mania da sua mãe, hein? Você também vai se casar com a solidão? A solidão é mulher, Luizinha, e você precisa é de um rapaz. Imagine! Você, vendendo saúde e alegria, com estes olhos, com esta cara, com este corpo, casada com a solidão!... (ri) Qual!... a gente vê coisas neste mundo! Vá, menina. Vá nadar. Enquanto não aparece o noivo vá se contentando com os abraços do mar.

(Música)

(Ciclo das vagas)

LUIZINHA — Aquela tia Alzira é engraçada! (pausa). Mas... não é que eu hoje estou preguiçosa? Eu já devia estar dentro do mar (pausa).

VOZ DA TIA ALZIRA — "A solidão é mulher, Luizinha, e você precisa é de um rapaz."

LUIZINHA — Veja só. A ideia da tia Alzira...

ALZIRA — "Enquanto não aparece o noivo vá se contentando com os abraços do mar."

LUIZINHA (espreguiça) — Mas que preguiça, meu Deus! (cantarola uma canção).

VOZ DE HOMEM — Bravos!... boa tarde, sereia!

LUIZINHA — Oh!... mas quem é o senhor?!

(Intervalo)

LUIZINHA — De onde veio? Como apareceu aqui?

ANDRÉ — Eu vim do mar. Eu sou Netuno. E você, quem é?

LUIZINHA (rindo) Netuno? De rosto escanhado e sem tridente?

ANDRÉ — Tudo evolve. E eu sou um Netuno do século XX. E você, quem é? Uma ninfá, uma sereia ou uma mulher?

LUIZINHA — É verdade que Netuno sempre se disfarçava quando queria conquistar?...

ANDRÉ — E as sereias... cantam para seduzir... Você cantava quando eu cheguei...

LUIZINHA — Era uma cantiga inocente. Eu ignorava a sua presença, sr. Netuno...

ANDRÉ — E eu fui atraído pela sua canção envolvente, senhora sereia!

LUIZINHA — Não tenho culpa da sua fraqueza. Por que não tapou os ouvidos como os marinheiros de Ulisses?

ANDRÉ — Mas, quem é você? Tão linda, tão encantadora, tão inteligente, que eu venho encontrar nesta praia deserta?

LUZINHA — E quem é você que descobriu o meu refúgio? Que vem, como um intruso, ao meu recanto? Que vem perturbar a minha solidão?

ANDRÉ — E eu vinha em busca do sossego... e encontro você!

LUZINHA — E o que quer de mim?

ANDRÉ — Não sei, mas quero saber.

LUZINHA — E o seu nome, qual é?

(Música)

ZÉ PEDRO — Bom dia, dona Heloisa.

REGINA — Bom dia, Zé Pedro. Você já vai sair?

ZÉ PEDRO — Sim, senhora. E queria saber quais são as suas ordens. Josefa me disse que a senhora queria me falar.

REGINA — Zé Pedro. Quando nós viemos para São Vicente, uma das coisas que lhe recomendei foi que você não trouxesse jornais aqui para casa. Eu queria estar completamente alheia ao resto do mundo, para que não me faltassem as forças; era necessário que eu não soubesse coisa alguma a respeito dos meus. Mas agora, Zé Pedro, a Luizinha cresceu. E eu sinto que talvez seja preciso modificar a minha atitude.

ZÉ PEDRO — E'. A Josefa me falou que a Luizinha anda nervosa, querendo saber uma porção de coisas, fazendo uma porção de perguntas.

REGINA — E eu que até agora me deixei levar pela ilusão de que essa hora não havia de chegar.

ZÉ PEDRO — Que hora, dona Heloisa?

REGINA — A hora de prestar contas a Luizinha.

ZÉ PEDRO — Prestar contas, dona Heloisa? A senhora me desculpe, mas eu acho que a sua filha quando souber de tudo o que se passou só poderá ter admiração pela sua mãe. Então a senhora se esquece que salvou a vida do dr. Luiz? Que foi para salvar o dr. Luiz que a senhora enfrentou aquela explosão?

REGINA — Mas eu separei a Luizinha do pai antes mesmo dela nascer, Zé Pedro. E ela tem o direito de me incriminar.

ZÉ PEDRO — Deus me livre de pensar que a Luizinha havia de ser capaz de uma injustiça tão grande, dona Heloisa!

REGINA — Você é muito meu amigo. Mas eu me julgo muito culpada. Só agora a minha consciência me acusa. E como me acusa! (pausa) Mas vamos tratar do presente. Eu queria lhe pedir o seguinte: de hoje em diante você me traga os jornais do Rio e de S. Paulo. E procure mesmo saber, procure indagar. Eu preciso ter notícias dos meus, enquanto vou estudando uma maneira de resolver este problema tão angustioso.

ZÉ PEDRO — O que eu sei até agora é que o dr. Geraldo esteve muitos anos na Europa e na volta fez umas conferências pelo Brasil, que fizeram um grande sucesso.

REGINA — Que saudades eu tenho tido do meu irmão!

ZÉ PEDRO — Li também, há tempos, num jornal do Rio, que o dr. Novais tinha falecido no Rio Grande, onde já estava morando há mais de 14 anos.

REGINA — Morreu o dr. Novais? Tão meu amigo! Tão bom!

ZÉ PEDRO — E há uma outra notícia bem mais triste, dona Heloisa.

REGINA — Qual é, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Eu não disse nada porque a senhora não me expressamente qualquer referência ao passado.

REGINA — Mas qual é a notícia, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — A dona Celeste.

REGINA — Que houve com a Celeste?

ZÉ PEDRO — A dona Celeste morreu.

REGINA — Pobre Celeste! E o Geraldo? Deve ter sofrido bastante! Contado de meu irmão! E há muito tempo que a Celeste morreu?

ZÉ PEDRO — Eu não me lembro ao certo em que ano foi, mas dona Celeste morreu há já algum tempo.

REGINA — Eu não devia ter abandonado o meu irmão. É outro arrependimento que me doi bastante. Mas o que se passou comigo todo esse tempo foi uma coisa estranha! Eu devia ter escrito ao Geraldo. Ao mesmo tempo eu tinha um verdadeiro horror de dar um passo para trás. Sempre me faltou a coragem. Só agora, por causa de Luizinha, eu começo a pensar na grande humilhação!

ZÉ PEDRO — E foram estas as notícias que tive. Notícias velhas, como a senhora vê, de muitos anos passados. Depois não soube mais nada. Também, eu quase não vou a S. Paulo, e quando estou em Santos o meu dia é pouco para trabalhar.

REGINA — Compre sempre os jornais do Rio, de hoje em diante, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — Eu hoje vou a S. Paulo. A senhora quer alguma coisa para lá?

REGINA — Gostaria que você fôsse às livrarias e trouxesse as novidades. Procure aquele senhor que lhe fornece livros. Gostaria de comprar livros de autores brasileiros. Quero que minha filha conheça também os nossos escritores.

ZÉ PEDRO — Pois eu vou justamente a S. Paulo para fazer compras de dona Luizinha.

REGINA — Ah, sim? Então foi por isso que ontem ela me pediu tanto dinheiro. Que foi que ela encomendou?

ZÉ PEDRO — Hum... tanta coisa! Olhe só a lista que ela me deu.

REGINA — Eu imagino as bugigangas que ela mandou comprar! Deixe-me ver (pausa). O que? Bâton? Rouge? Pó de arroz? Mas é espantoso! A Luizinha, que até hoje sempre se recusou a qualquer faceirice... E nem me disse nada? E outra roupa de banho? (ri) Qual! Imagine só a minha filha como está vaidosa! Mas para que tudo isso? Ela, que se queixa sempre de não ter estímulo para ser faceira aqui na colônia de S. Vicente...

ZÉ PEDRO — São caprichos de moça.

REGINA — E'. Com certeza quer ver no espelho como é que vai ficar depois de pintada. Bem, Zé Pedro, faça as compras de Luizinha. É bom mesmo que ela vá se acostumando a esses hábitos da cidade.

(Música)

JOSEFA — Você já notou como a Luizinha ultimamente anda mudada, Heloisa?

REGINA — Eu tenho achado a Luizinha bem mais alegre, não é?

JOSEFA — Sim, ela está mais alegre. Mas é uma alegria esquisita.

REGINA — Espinha? Por quê?

JOSEFA — Depois, nada mais. Ela é uma criança, ela entrou aqui chorando, magrinha, parecia sentar a todos nós. Depois entrou para o quarto. Eu tive mais tarde que ir até lá e você sabe como foi que eu encontrei a Luizinha? Chorando, Heloisa. Em prantos, em cima da cama.

REGINA — E você não lhe perguntou o que tinha?

JOSEFA — Ela só me dizia: não tenho nada, Zefinha. Deixe-me sossegada. É uma tristeza sem explicação. Vá-se embora. Deixe-me, Zefinha. E você sabe como a Luizinha é quando não quer fazer ou dizer as coisas. Nesse ponto ela saiu direitinho a você. Então eu não perguntei mais nada, e ela continuou chorando baixinho, até que se acalmou. Mas eu fiquei muito impressionada. Levei ainda alguns dias para lhe contar isto. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que você precisava saber.

(Música)

(Rumor das vagas)

ANDRÉ — Olhe só, o lenço ficou todo cheio de rouge. Não chore mais, sua tolinha. Você é tão linda sem êsses artifícios, minha querida. Foi por isso que eu me zanguei. Eu não quero a minha sereia fantasiada de mulher.

LUIZINHA — E'. Mas o meu Netuno de vez em quando se veste de homem e vai a Santos passear. Com certeza você vai ver as mulheres de verdade, de rouge e de bâton que andam por lá.

ANDRÉ — As mulheres de verdade! Então você acha que as verdadeiras são as que usam essas mentiras coloridas? Não, minha sereiazinha, você é que é a grande verdade da minha vida. Apesar do seu mistério, apesar de fugir sempre às minhas indagações. Escute: eu preciso saber quem você é.

LUIZINHA — E dizem que as mulheres é que são curiosas. Por que essa curiosidade, Netuno? Eu não pergunto quem é você. O que eu sei é que você está sempre viajando. Vai a Santos, vai a S. Paulo... com certeza é só para namorar...

ANDRÉ — Sereia. Não seja ciumenta. E você, que mistério tem na sua vida que não me deixa nem chegar junto de sua casa? Quem é seu pai? Quem é sua mãe?

LUIZINHA — O meu pai é o oceano e as vagas minhas irmãs. Aí está minha família. Quanto à residência: você não vê que eu resido no mar?

(Música)

ANDRÉ (escrevendo uma carta) — Veja você, meu amigo, os caprichos do destino, os desígnios estranhos que regem as nossas existências. Eu vim à procura de repouso. E o que achei foi o amor. Sim, meu amigo: o amor definitivo e fatal. Não estranhe pois a minha demora. Eu não tenho coragem de abandonar S. Vicente. Sei que já devia estar de volta, que a minha vida se interrompeu, que tudo abandonei, que estou sacrificando os meus interesses. Sei de

tudo isto, mas não tenho forças. Eu não posso deixar aqui o meu amor. Levá-lo comigo não sei se o poderei fazer; até hoje ignoro o seu nome por inteiro. Existe na sua vida uma qualquer coisa obscura, que não consigo saber. Enquanto que eu me lembro de você, de tudo o que existe na minha vida, eu me lembro a minha própria existência. Sinto porém que não poderei mais viver sem essa criaturinha cuja beleza extraordinária, cuja personalidade tão estranha me dominaram inteiramente. A sua educação aprimorada, o seu cultivo tão completo, desenvolvidos aqui nesta praia tão rude, são uma surpresa e um mistério que eu não consigo explicar.

(Música)

(Sino dobrando o "Angelus")

REGINA — São seis horas, Josefa. E Luizinha ainda não voltou.

JOSEFA — Luizinha quando se apanha na praia faz casa de moradia. Você ainda não se acostumou?

REGINA — Mas o mar hoje está tão bravo. Ela teria ido nadar?

JOSEFA — Não. Luizinha não foi nadar. Ela não saiu em roupa de banho. Eu acho que ela foi apenas para ler, pois eu a vi sair com um livro na mão.

REGINA — De qualquer maneira eu acho tão esquisita essa demora. Estou tão aflita, meu Deus!

JOSEFA — Não se aflija atôa, Regina. Daqui a pouco a Luizinha está aí.

REGINA — Depois, aquela mania de ir meter-se sozinha naquele lugar tão distante.

JOSEFA — Quanto a isto, é inútil insistir. Desde pequena que ela cismou com aquele pedaço de praia. Você não se lembra que ela fugia sempre para lá? Ela já se habituou, como se aquilo fôsse apenas dela.

REGINA — E o mais engraçado é que o pessoal de S. Vicente respeita a sua preferência e quase ninguém vai lá.

JOSEFA — Você sabe que eles já chamam aquilo ali a praia da Luizinha? O próprio Zé Povetão, que é quem mora mais perto dali, não deixa os filhos irem lá.

REGINA — Que gente bondosa esta daqui. Deus que abençoe estas santas criaturas!

(Música)

(Relógio bate sete horas)

REGINA — Meu Deus! A Luizinha que ainda não veio! Isto não é natural, Josefa. Aconteceu alguma coisa a Luizinha. Há quanto tempo estou olhando o caminho, e nada de minha filha aparecer.

(Música)

(Relógio bate oito horas)

REGINA — Oito horas, Josefa. Eu não posso mais de aflição. Luizinha não aparece. Que angústia, meu Deus!

(Música)

(Relógio dando oito horas e meia)

Luxuoso quarto de "toilette"



Aqui está um pequeno quarto de "toilette", arquitetado com arte e bom-gêsto, e que, apesar do luxo suntuoso que ostenta, nada tem de supérfluo.

São poucos os móveis que o ornamentam, porém a penteadeira, toda em cristal, formando um contraste delicioso com o tom vermelho cereja das cortinas, empresta ao compartimento elegância e distinção. Aqui fica mais uma sugestão para os nossos leitores.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

